RELATOS FANTÁSTICOS

VOL. III

REVISTA BILÍNGUE/REVISTA BILINGÜE

Contos de terror, horror e ficção científica

Cuentos de terror, horror y ciencia ficción

Mar/2024

RELATOS FANTÁSTICOS VOL. III

REVISTA BILÍNGUE DE TERROR, HORROR & FICÇÃO CIENTÍFICA

CONTOS BREVES EM PORTUGUÊS E ESPANHOL
CUENTOS CORTOS EN PORTUGUÉS Y ESPAÑOL

REVISTA BILINGUE DE TERROR, HORROR & CIENCIA FICCIÓN

TERROR	HORROR	FICÇÃO CIENTÍFICA/CIENCIA FICCIÓN

RELATOS **FANTÁSTICOS**
MAR/2024
VOL. III
REVISTA VIRTUAL

Sumário

CONTOS CLÁSSICOS/CUENTOS CLÁSICOS 4
O BARRIL DE *AMONTILLADO* 4
EL BARRIL DE AMONTILLADO 9
O DIGANÓSTICO DE MORTE 13
DIAGNÓSTICO DE MUERTE 15
SOBRE A ÁGUA 17
SOBRE EL ÁGUA 20
PARA NOITE DE INSÔNIA 23
PARA NOCHE DE INSOMNIO 25
AS VAMPIRAS 27
LAS VAMPIRAS 34
O MANTO 41
LA CAPA 43
O BACILO ROUBADO 45
EL BACILO ROBADO 50
UM GRANDE METRÔ TRANSATLÂNTICO 55
UN GRAN METRO TRANSATLÁNTICO 56
UM FANTASMA À JANELA 57
UN FANTASMA EN LA VENTANA 58
A AUTÓPSIA 59
AUTOPSIA 61
NOSSOS CONTOS/NUESTROS CUENTOS 63
SEMANAS OU MESES OU ANOS OU SÉCULOS 63
SEMANAS O MESES O AÑOS O SIGLOS 67
NOVAS RECEITAS 71
NUEVAS RECETAS 72
ONZE BADALADAS PARA OLIVIA 73
ONCE CAMPANADAS PARA OLIVIA 75
HALLOWEEN PARTY 77
HALLOWEEN PARTY 77
O VAMPIRO DO CASTELO DE BRAN 78
EL VAMPIRO DEL CASTILLO DE BRAN 80
ROSAS DE ADMETE 82
ROSAS DE ADMETE 87
ERRO 92
ERROR 95
A VELHA AGNES 98
LA VIEJA AGNES 98
AMOR DIVINO 99
AMÓR DIVÍNO 103
ZELITO 107
ZELITO 108
MALDITO REFLEXO 109
MALDITO REFLEXO 109
COLABORADORES/COLABORADORAS 110
EXPEDIENTE 112

O BARRIL DE *AMONTILLADO*

Edgar Allan Pöe
(1809 – 1849)

Suportei o melhor que pude as mil injúrias de Fortunato; mas, quando estas convolaram-se em insulto, eu jurei vingança. Vós, que tão bem conheceis a natureza de minha alma, não havereis de supor, todavia, que eu lhe tenha proferido uma única ameaça. Finalmente, eu me vingaria. E esta era uma resolução definitivamente tomada. Mas tal deliberação, porque definitiva, excluía a ideia de riscos. Eu não deveria apenas puni-lo, mas puni-lo impunemente. Um mal não está definitivamente reparado se a retribuição recai sobre aquele que se vinga. De igual modo, o mal não estará reparado se aquele que se desforra se revela àquele contra quem pratica a vingança.

É preciso que se entenda que, nem por palavras nem por atos, dei a Fortunato qualquer motivo para duvidar da minha aparente boa vontade. Continuei, como era meu costume, a sorrir-lhe, sem que ele, todavia, percebesse que, agora, o meu sorriso encorpava a ideia de sua imolação.

Tinha — esse Fortunato — um ponto fraco, malgrado, sob outros aspectos, fosse ele um homem digno de respeito e, mesmo, de temor. Orgulhava-se de seu conhecimento sobre os vinhos. Poucos italianos têm o verdadeiro espírito virtuoso. Ordinariamente, o seu entusiasmo, adotado em função do momento e da oportunidade, visa à prática da impostura em detrimento dos milionários ingleses e austríacos. No que concerne à pintura e à gemologia, Fortunato era — como os seus compatriotas — um charlatão; contudo, em matéria de vinhos envelhecidos, ele era sincero. Neste ponto, eu não diferia substancialmente dele: eu era um especialista em safras italianas, e as comprava, em grande quantidade, sempre que possível.

Foi ao anoitecer, numa noite de suprema loucura da época carnavalesca, que encontrei o meu amigo. Ele se aproximou de mim excessivamente vívido, pois havia bebido muito. O homem estava a caráter. Usava uma fantasia justa, listrada e tinha na cabeça um chapéu cônico, guarnecido de guizos. Fiquei tão feliz em encontrá-lo que não queria mais deixar de apertar-lhe a mão.

Disse-lhe:

— Meu caro Fortunato, felizmente eu te encontrei. Estás com um aspecto extraordinário! Mas o caso é que eu recebi um barril de algo que dizem ser *Amontillado*, mas tenho as minhas dúvidas.

— Como? — disse ele. — *Amontillado*... Um barril? Impossível! E em pleno Carnaval?

— Lá tenho as minhas dúvidas! — respondi. — E fui suficientemente ingênuo para pagar o preço do *Amontillado* sem primeiro consultá-lo. Mas não o encontrei oportunamente e tive medo de perder um bom negócio.

— *Amontillado!*

— Eu tenho lá as minhas dúvidas.

— *Amontillado!*

— E as quero dirimir.

— *Amontillado!*

— Mas, como estás ocupado, consultarei Luchesi. Se há alguém com espírito crítico, esse alguém é ele. Ele me dirá se...

—Luchesi não consegue distinguir o *Amontillado* de um xerez.

— No entanto, sobejam uns tolos a dizerem que o paladar de Luchesi rivaliza com o teu.

— Vem, vamos embora.

— Para onde?

— Para a tua adega.

— Não, meu amigo! Não! Não abusarei de tua benevolência. Sei que tens um compromisso. Luchesi...

— Não tenho compromisso algum. Vem.

— Meu amigo, não! Não é o compromisso, mas — como vejo — o intenso resfriado que te aflige. As minhas adegas são insuportavelmente úmidas. Estão incrustadas de salitre.

— Assim mesmo, sigamos! Um resfriado não é nada. *Amontillado*! Passaram-te a perna. E quanto a Luchesi, ele não consegue distinguir o xerez de um *Amontillado*.

Assim falando, Fortunato apossou-se do meu braço; e, pondo uma máscara de seda preta e a capa[1], deixei que ele me conduzisse ao meu *palazzo*.

Naquela ocasião, não havia criados em minha casa. Todos haviam fugido à fanfarra, em louvor à época do ano. Eu lhes dissera que só regressaria de manhã e tinha-lhes dado ordens explícitas para não saírem de casa. Estas ordens eram suficientes — eu bem sabia — para assegurar o imediato sumiço — de todos e cada um —, assim que eu lhes desse as costas.

Tirei dois archotes das suas arandelas e, entregando um deles a Fortunato, fiz-lhe uma vênia, e o conduzi, passando ao longo de vários aposentos, até o arco que dava para a adega. Desci uma longa escadaria espiralada, recomendando-lhe cautela enquanto me seguia. Chegamos, finalmente, ao pavimento subterrâneo e paramos juntos no chão úmido das catacumbas dos Montresor.

O meu amigo caminhava com passos trôpegos, e os guizos de seu chapéu tilintavam à medida que ele avançava.

— E o barril? — perguntou.

— Está mais adiante — disse-lhe. — Mas vê como brilham as teias brancas nas paredes desta caverna.

Voltou-se para mim e fitou-me nos olhos com duas órbitas turvas, que destilavam a reima da embriaguez.

— Salitre? — perguntou ele, por fim.

— Salitre — respondi-lhe. — Há quanto tempo tens essa tosse?

— Cof, cof, cof! Cof, cof, cof! Cof, cof, cof! Cof, cof, cof! Cof, cof, cof!

O meu pobre amigo não conseguiu responder durante alguns bons minutos.

— Não é nada — disse ele, afinal.

— Vamos — disse eu, decidido. — Voltemos. A tua saúde é preciosa. És rico, respeitado, admirado, amado. Tu és feliz, como eu já fui um dia. És um homem de quem se pode sentir a falta; quanto a mim, somente indiferença. Mas voltemos. Cairás doente e eu não quero ser o responsável por isto. Além disso, Luchesi...

— Basta! — exclamou. —A tosse não é nada. Não me vai matar. Eu não morrerei de tosse.

— Sim, sim! Estás certo. E, de fato, não tenho qualquer intenção em alarmá-lo desnecessariamente — respondi. — Mas devemos ter toda cautela. Um gole deste *Medoc* irá nos proteger desta umidade.

Então, desarrolhei, de uma longa fileira embolorada, uma garrafa.

— Bebe — disse, oferecendo-lhe o vinho.

Ele levou a bebida aos lábios com um olhar malicioso. Fez uma pausa e acenou-me

[1] No original, *roquelaire.*

familiarmente com a cabeça, enquanto os seus guizos tilintavam.

— Eu bebo — disse ele — em homenagem aos mortos que nos rodeiam.

— E eu, à tua longa vida.

Tomou novamente o meu braço e prosseguimos.

— Estas caves — disse ele — são bem amplas.

— Os Montresor — respondi — eram uma família distinta e numerosa.

— Esqueci-me de teu brasão.

— É um enorme pé humano dourado, sobre um campo azul; o pé esmaga uma serpente rampante, cujas presas estão cravadas no calcanhar.

— E o lema?

— *Nemo me impune lacessit.*[2]

— Ótimo! — disse ele.

O vinho cintilava-lhe nos olhos e os guizos tilintavam. Com o *Medoc*, a minha fantasia enchia-se de calor. Havíamos passado por longas paredes de ossos empilhados, com barris e tonéis misturados, para os mais íntimos recantos das catacumbas. Fiz uma nova pausa e, desta vez, atrevi-me a agarrar Fortunato por um braço, acima do cotovelo.

— O salitre! — disse. — Nota como o salitre se amplia. Gruda-se como musgo nas abóbadas. Estamos debaixo do leito do rio. As gotas de umidade escorrem entre os esqueletos. Vem. Voltemos, antes que seja tarde demais. A tua tosse...

— Não é nada — disse ele. — Sigamos em frente. Antes, porém, mais um trago do *Medoc*.

Abri e dei-lhe uma garrafa de *De Grave*. Ele esvaziou-a de um só fôlego. Os seus olhos cintilaram com uma feroz luminosidade. Riu-se e atirou a garrafa para cima, fazendo um gesto cujo significado eu ignorava.

Surpreso, olhei para ele. Ele repetiu o movimento — um movimento grotesco.

— Não compreendes? — disse-me ele.

— Não — respondi-lhe

— Então, não és da Irmandade.

— Como?

— Não és maçom.

— Sou, sim — disse-lhe. — Sou, sim.

— Tu? Impossível! Um pedreiro?

— Um pedreiro — respondi.

— Uma senha! — disse. —Uma senha!

— Ei-la — respondi, tirando das dobras de minha capa uma colher de pedreiro.

— Estás brincado! — ele exclamou, recuando alguns passos. — Mas passemos ao *Amontillado*.

— Assim seja — disse-lhe, pondo a ferramenta sob a capa e oferecendo-lhe novamente o braço. Ele apoiou-se-me firmemente. Continuamos o nosso percurso em busca do *Amontillado*. Passamos por uma série de arcos baixos, descemos, avançamos e voltamos a descer, chegando a uma cripta profunda, onde a atmosfera infecta fazia com que os nossos archotes mais cintilassem do que ardessem.

Numa das mais remotas extremidades da cripta, outra surgia, menos espaçosa. As suas paredes haviam sido forradas com despojos humanos, empilhados até a abóbada, à maneira das grandes catacumbas de Paris. Três lados desta cripta interior conservavam aquele ornamento. No quarto, os ossos tinham sido arrancados e jaziam promiscuamente no piso, formando montículo um tanto elevado. No interior da parede, que assim se expusera pela remoção dos ossos, vislumbramos de uma cripta — ou recesso — ainda mais profundo,

[2] Ninguém me provoca impunemente.

com cerca de quatro pés de profundidade, três de largura e seis ou sete de altura. Semelhava não ter sido construída a qualquer fim específico, eis que parecia apenas o intervalo entre dois dos colossais suportes do teto das catacumbas, e era encerrada por uma das paredes circundantes de granito sólido.

Foi em vão que Fortunato, erguendo a sua baça tocha, tentou perscrutar a profundidade daquele recesso. A débil luz do archote não nos permitia vislumbrar o seu fim.

— Prossegue — disse. — Aí dentro está o *Amontillado*. Quanto a Luchresi...

— Ele é um ignorante — interrompeu o meu amigo, dando um passo vacilante, comigo em seu imediato encalço. Num instante, ele chegou à extremidade do nicho e, verificando que a rocha lhe impedia o avanço, ficou estupidamente desorientado. Um momento mais e eu tinha-o agrilhoado ao granito. Havia, na superfície, duas argolas de ferro, distantes uma da outra cerca de dois pés, na horizontal. De uma delas pendia uma corrente curta e, da outra, um cadeado. Passando-lhe os elos em torno de sua cintura, prendê-lo não levou mais que alguns segundos. Ele estava sobremodo estarrecido para resistir. Retirando a chave, recuei-me do recesso.

— Passa a mão sobre a parede — disse-lhe. — Não podes deixar de sentir o salitre. De fato, tudo é muito úmido. Mais uma vez, peço-te que regresses. Não? Então tenho mesmo que deixar-te. Antes, porém, devo-te todas as pequenas atenções que me estiverem ao alcance.

— O *Amontillado*! — exclamou o meu amigo, que ainda não se recuperara do espanto.

— Sim, é verdade — respondi. — O *Amontillado*.

Enquanto dizia estas palavras, ocupava-me com o monte de ossos de que já falei. Atirando-os para o lado, pus a nu uma quantidade de pedras de cantaria e argamassa. Com tais materiais, e com a ajuda da minha colher de pedreiro, comecei a construir, vigorosamente, uma parede à entrada do nicho.

Mal tinha assentado a primeira camada de alvenaria, descobri que a embriaguez de Fortunato se havia, em grande parte, dissipado. Um grito baixo, como um lamento, vindo das profundezas do recesso, foi o primeiro indício. Aquele não era o grito de um homem embriagado. Seguiu-se, então, um longo e obstinado silêncio. Assentei a segunda fileira de pedras; depois, a terceira e a quarta. Foi quando ouvi as furiosas vibrações da corrente. O barulho durou vários minutos, durante os quais, para poder ouvi-lo com maior satisfação, interrompi o meu trabalho e sentei-me sobre os ossos. Quando, finalmente, o ruído arrefeceu, retomei a colher e terminei, sem nova interrupção, a quinta, a sexta e a sétima fileiras. A parede estava agora quase ao nível do meu peito. Parei novamente e, erguendo o archote sobre a alvenaria, lancei alguns débeis raios de luz sobre a figura que jazia lá dentro.

Uma sucessão de gritos altos e estridentes, que irromperam subitamente da garganta daquela figura acorrentada, pareceu empurrar-me violentamente para trás. Por um breve momento hesitei, tremi. Desembainhando o meu florete, com ele me pus a tatear a reentrância; mas um súbito pensamento me devolveu a tranquilidade. Passei a minha mão sobre a sólida parede das catacumbas e me dei por satisfeito. Voltei a aproximar-me da parede. Respondi aos gritos daquele que clamava. Fiz eco, coro, ultrapassei-o em volume e em força. Feito isto, calou-se o suplicante.

Era meia-noite e a minha tarefa terminava. Eu havia concluído as oitava, nona e décima camadas. Havia ultimado parte da última, a décima primeira. Faltava-me, tão somente, assentar e rebocar uma única pedra. Lutando contra o seu peso, coloquei-a, parcialmente, no seu lugar. Mas, então, veio do nicho um riso baixo, que me eriçou os cabelos. Sucedeu-lhe uma voz triste, que tive dificuldade em reconhecer como a do nobre Fortunato. A voz dizia:

— Ha! ha! ha!... He! he!, he! Que bela piada! Efetivamente, uma excelente piada! Vamos rir-nos muito com ela no *palazzo*. He! he! he! he! E com um bom vinho! He! he! he!

— O *Amontillado*! — eu disse.

— He! he! he! he!... He! he! he! he! Sim, o *Amontillado*. Mas não está ficando tarde? Não estarão à nossa espera no *palazzo* a senhora Fortunato e os demais? Vamo-nos embora.

— Sim — disse-lhe —, vamo-nos embora.

— *Pelo amor de Deus, Montresor!*

— Sim —disse eu —, pelo amor de Deus!

Em vão, esperei por uma resposta a estas palavras. Fiquei impaciente. Chamei em voz alta:

— Fortunato!

Não houve resposta. Chamei de novo...

— Fortunato!

Novamente, não houve resposta alguma. Enfiei uma tocha pela abertura remanescente e deixei-a cair. Em resposta, ouvia-se somente o tilintar dos guizos. O meu coração oprimia-me: era o resultado da náusea da umidade das catacumbas. Apressei-me a concluir o meu trabalho. Com esforço, assentei a última pedra no lugar adequado, rebocando-a com a argamassa. Sobre a nova parede de alvenaria, voltei a erguer a velha muralha de ossos. Por meio século, nenhum mortal jamais os perturbou. *In pace requiescat!*

Tradução de Paulo Soriano.

Imagem: Artur Rackam (1867 – 1939).

EL BARRIL DE AMONTILLADO

Edgar Allan Pöe
(1809 – 1849)

Lo mejor que pude había soportado las mil injurias de Fortunato. Pero cuando llegó el insulto, juré vengarme. Vosotros, que conocéis tan bien la naturaleza de mi carácter, no llegaréis a suponer, no obstante, que pronunciara la menor palabra con respecto a mi propósito. A la larga, yo sería vengado. Este era ya un punto establecido definitivamente. Pero la misma decisión con que lo había resuelto excluía toda idea de peligro por mi parte. No solamente tenía que castigar, sino castigar impunemente. Una injuria queda sin reparar cuando su justo castigo perjudica al vengador. Igualmente queda sin reparación cuando esta deja de dar a entender a quien le ha agraviado que es él quien se venga.

Es preciso entender bien que ni de palabra, ni de obra, di a Fortunato motivo para que sospechara de mi buena voluntad hacia él. Continué, como de costumbre, sonriendo en su presencia, y él no podía advertir que mi sonrisa, entonces, tenía como origen en mí la de arrebatarle la vida.

Aquel Fortunato tenía un punto débil, aunque, en otros aspectos, era un hombre digno de toda consideración, y aun de ser temido. Se enorgullecía siempre de ser un entendido en vinos. Pocos italianos tienen el verdadero talento de los catadores. En la mayoría, su entusiasmo se adapta con frecuencia a lo que el tiempo y la ocasión requieren, con objeto de dedicarse a engañar a los *millionaires* ingleses y austríacos. En pintura y piedras preciosas, Fortunato, como todos sus compatriotas, era un verdadero charlatán; pero en cuanto a vinos añejos, era sincero. Con respecto a esto, yo no difería extraordinariamente de él. También yo era muy experto en lo que se refiere a vinos italianos, y siempre que se me presentaba ocasión compraba gran cantidad de éstos.

Una tarde, casi al anochecer, en plena locura del Carnaval, encontré a mi amigo. Me acogió con excesiva cordialidad, porque había bebido mucho. El buen hombre estaba disfrazado de payaso. Llevaba un traje muy ceñido, un vestido con listas de colores, y coronaba su cabeza con un sombrerillo cónico adornado con cascabeles. Me alegré tanto de verle, que creí no haber estrechado jamás su mano como en aquel momento.

— Querido Fortunato — le dije en tono jovial —, este es un encuentro afortunado. Pero ¡qué buen aspecto tiene usted hoy! El caso es que he recibido un barril de algo que llaman amontillado, y tengo mis dudas.

—¿Cómo? — dijo él —. ¿Amontillado? ¿Un barril? ¡Imposible! ¡Y en pleno Carnaval!

—Por eso mismo le digo que tengo mis dudas — contesté —, e iba a cometerla tontería de pagarlo como si se tratara de un exquisito amontillado, sin consultarle. No había modo de encontrarle a usted, y temía perder la ocasión.

—¡Amontillado!

—Tengo mis dudas.

—¡Amontillado!

—Y he de pagarlo.

—¡Amontillado!

—Pero como supuse que estaba usted muy ocupado, iba ahora a buscar a Luchesi. Él es un buen entendido. El me dirá...

—Luchesi es incapaz de distinguir el amontillado del jerez.

—Y, no obstante, hay imbéciles que creen que su paladar puede competir con el de usted. -Vamos, vamos allá.

—¿Adónde? —A sus bodegas.

—No mi querido amigo. No quiero abusar de su amabilidad. Preveo que tiene usted algún compromiso. Luchesi...

—No tengo ningún compromiso. Vamos.

—No, amigo mío. Aunque usted no tenga compromiso alguno, veo que tiene usted mucho frío. Las bodegas son terriblemente húmedas; están materialmente cubiertas de salitre.

—A pesar de todos, vamos. No importa el frío. ¡Amontillado! Le han engañado a usted, y

Luchesi no sabe distinguir el jerez del amontillado.

Diciendo esto, Fortunato me cogió del brazo. Me puse un antifaz de seda negra y, ciñéndome bien al cuerpo mi *roquelaire*, me dejé conducir por él hasta mi *palazzo*.

Los criados no estaban en la casa. Habían escapado para celebrar la festividad del Carnaval. Ya antes les había dicho que yo no volvería hasta la mañana siguiente, dándoles órdenes concretas para que no estorbaran por la casa. Estas órdenes eran suficientes, de sobra lo sabía yo, para asegurarme la inmediata desaparición de ellos en cuanto volviera las espaldas.

Cogí dos antorchas de sus hacheros, entregué a Fortunato una de ellas y le guié, haciéndole encorvarse a través de distintos aposentos por el abovedado pasaje que conducía a la bodega. Bajé delante de él una larga y tortuosa escalera, recomendándole que adoptara precauciones al seguirme. Llegamos, por fin, a los últimos peldaños, y nos encontramos, uno frente a otro, sobre el suelo húmedo de las catacumbas de los Montresors.

El andar de mi amigo era vacilante, y los cascabeles de su gorro cónico resonaban a cada una de sus zancadas.

—¿Y el barril? —preguntó.

—Está más allá -le contesté—. Pero observe usted esos blancos festones que brillan en las paredes de la cueva.

Se volvió hacia mí y me miró con sus nubladas pupilas, que destilaban las lágrimas de la embriaguez.

—¿Salitre? -me preguntó, por fin.

—Salitre -le contesté—. ¿Hace mucho tiempo que tiene usted esa tos?

—¡Ejem! ¡Ejem! ¡Ejem! ¡Ejem! ¡Ejem! ¡Ejem! ¡Ejem! ¡Ejem!.

A mi pobre amigo le fue imposible contestar hasta pasados unos minutos.

—No es nada —dijo, por último.

—Venga —le dije enérgicamente—. Volvámonos. Su salud es preciosa, amigo mío. Es usted rico, respetado, admirado, querido. Es usted feliz, como yo lo he sido en otro tiempo. No debe usted malograrse. Por lo que mí respecta, es distinto. Volvámonos. Podría usted enfermarse y no quiero cargar con esa responsabilidad.

Además, cerca de aquí vive Luchesi...

—Basta -me dijo—. Esta tos carece de importancia. No me matará. No me moriré de tos.

—Verdad, verdad —le contesté—. Realmente, no era mi intención alarmarle sin motivo, pero debe tomar precauciones. Un trago de este *medoc* le defenderá de la humedad.

Y diciendo esto, rompí el cuello de una botella que se hallaba en una larga fila de otras análogas, tumbadas en el húmedo suelo.

—Beba —le dije, ofreciéndole el vino.

Llevóse la botella a los labios, mirándome de soslayo. Hizo una pausa y me saludo con familiaridad. Los cascabeles sonaron.

—Bebo —dijo— a la salud de los enterrados que descansan en torno nuestro.

—Y yo, por la larga vida de usted.

De nuevo me cogió de mi brazo y continuamos nuestro camino. -Esas cuevas -me dijo- son muy vastas.

—Los Montresors —le contesté— era una grande y numerosa familia.

—He olvidado cuáles eran sus armas.

—Un gran pie de oro en campo de azur. El pie aplasta a una serpiente rampante, cuyos dientes se clavan en el talón.

—¡Muy bien! —dijo.

Brillaba el vino en sus ojos y retiñían los cascabeles. También se caldeó mi fantasía a causa del *medoc*. Por entre las murallas formadas por montones de esqueletos, mezclados con barriles y toneles, llegamos a los más profundos recintos de las catacumbas. Me

detuve de nuevo, esta vez me atreví a coger a Fortunato de un brazo, más arriba del codo.

—El salitre —le dije—. Vea usted cómo va aumentando. Como si fuera musgo, cuelga de las bóvedas. Ahora estamos bajo el lecho del río. Las gotas de humedad se filtran por entre los huesos. Venga usted. Volvamos antes de que sea muy tarde. Esa tos...

—No es nada —dijo—. Continuemos. Pero primero echemos otro traguito de *medoc*.

Rompí un frasco de vino de De Grave y se lo ofrecí. Lo vació de un trago. Sus ojos llamearon con ardiente fuego. Se echó a reír y tiró la botella al aire con un ademán que no pude comprender. Le miré sorprendido. El repitió el movimiento, un movimiento grotesco. —¿No comprende usted? -preguntó.

—No —le contesté.

—Entonces, ¿no es usted de la hermandad?

—¿Cómo?

—¿No pertenece usted a la masonería?

—Sí, sí —dije—; sí, sí.

—¿Usted? ¡Imposible! ¿Un masón?

—Un masón —repliqué.

—A ver, un signo —dijo.

—Este —le contesté, sacando de debajo de mi *roquelaire* una paleta de albañil.

—Usted bromea -dijo, retrocediendo unos pasos—. Pero, en fin, vamos por el amontillado. - Bien -dije, guardando la herramienta bajo la capa y ofreciéndole de nuevo mi brazo.

Apoyóse pesadamente en él y seguimos nuestro camino en busca del amontillado. Pasamos por debajo de una serie de bajísimas bóvedas, bajamos, avanzamos luego, descendimos después y llegamos a una profunda cripta, donde la impureza del aire hacía enrojecer más que brillar nuestras antorchas.

En lo más apartado de la cripta descubríase otra menos espaciosa. En sus paredes habían sido alineados restos humanos de los que se amontonaban en la cueva de encima de nosotros, tal como en las grandes catacumbas de París.

Tres lados de aquella cripta interior estaban también adornados del mismo modo. Del cuarto habían sido retirados los huesos y yacían esparcidos por el suelo, formando en un rincón un montón de cierta altura. Dentro de la pared, que había quedado así descubierta por el desprendimiento de los huesos, veíase todavía otro recinto interior, de unos cuatro pies de profundidad y tres de anchura, y con una altura de seis o siete. No parecía haber sido construido para un uso determinado, sino que formaba sencillamente un hueco entre dos de los enormes pilares que servían de apoyo a la bóveda de las catacumbas, y se apoyaba en una de las paredes de granito macizo que las circundaban.

En vano, Fortunato, levantando su antorcha casi consumida, trataba de penetrar la profundidad de aquel recinto. La débil luz nos impedía distinguir el fondo.

—Adelántese —le dije—. Ahí está el amontillado. Si aquí estuviera Luchesi...

—Es un ignorante —interrumpió mi amigo, avanzando con inseguro paso y seguido inmediatamente por mí.

En un momento llegó al fondo del nicho, y, al hallar interrumpido su paso por la roca, se detuvo atónito y perplejo. Un momento después había yo conseguido encadenarlo al granito. Había en su superficie dos argollas de hierro, separadas horizontalmente una de otra por unos dos pies. Rodear su cintura con los eslabones, para sujetarlo, fue cuestión de pocos segundos. Estaba demasiado aturdido para ofrecerme resistencia. Saqué la llave y retrocedí, saliendo del recinto.

—Pase usted la mano por la pared —le dije—, y no podrá menos que sentir el salitre. Está, en efecto, muy húmeda. Permítame que le ruegue que regrese. ¿No? Entonces, no me queda más remedio que abandonarlo; pero debo antes prestarle algunos cuidados que están en mi mano.

—¡El amontillado! —exclamó mi amigo, que no había salido aún de su asombro.

—Cierto —repliqué—, el amontillado.

Y diciendo estas palabras, me atareé en aquel montón de huesos a que antes he aludido. Apartándolos a un lado no tarde en dejar al descubierto cierta cantidad de piedra de construcción y mortero. Con estos materiales y la ayuda de mi paleta, empecé activamente a tapar la entrada del nicho.

Apenas había colocado al primer trozo de mi obra de albañilería, cuando me di cuenta de que la embriaguez de Fortunato se había disipado en gran parte.

El primer indicio que tuve de ello fue un gemido apagado que salió de la profundidad del recinto. No era ya el grito de un hombre embriagado. Se produjo luego un largo y obstinado silencio. Encima de la primera hilada coloqué la segunda, la tercera y la cuarta. Y oí entonces las furiosas sacudidas de la cadena. El ruido se prolongó unos minutos, durante los cuales, para deleitarme con él, interrumpí mi tarea y me senté en cuclillas sobre los huesos. Cuando se apaciguó, por fin, aquel rechinamiento, cogí de nuevo la paleta y acabé sin interrupción las quinta, sexta y séptima hiladas. La pared se hallaba entonces a la altura de mi pecho. De nuevo me detuve, y, levantando la antorcha por encima de la obra que había ejecutado, dirigí la luz sobre la figura que se hallaba en el interior.

Una serie de fuertes y agudos gritos salió de repente de la garganta del hombre encadenado, como si quisiera rechazarme con violencia hacia atrás.

Durante un momento vacilé y me estremecí. Saqué mi espada y empecé a tirar estocadas por el interior del nicho. Pero un momento de reflexión bastó para tranquilizarme. Puse la mano sobre la maciza pared de piedra y respiré satisfecho. Volví a acercarme a la pared, y contesté entonces a los gritos de quien clamaba. Los repetí, los acompañé y los vencí en extensión y fuerza. Así lo hice, y el que gritaba acabó por callarse.

Ya era medianoche, y llegaba a su término mi trabajo. Había dado fin a las octava, novena y décima hiladas. Había terminado casi la totalidad de la oncena, y quedaba tan sólo una piedra que colocar y revocar. Tenía que luchar con su peso. Sólo parcialmente se colocaba en la posición necesaria. Pero entonces salió del nicho una risa ahogada, que me puso los pelos de punta. Se emitía con una voz tan triste, que con dificultad la identifiqué con la del noble Fortunato. La voz decía:

—¡Ja, ja, ja! ¡Je, je, je! ¡Buena broma, amigo, buena broma! ¡Lo que nos reiremos luego en el *palazzo*, ¡je, je, je! a propósito de nuestro vino! Je, je, je!

—El amontillado —dije.

—¡Je, je, je! Sí, el amontillado. Pero, ¿no se nos hace tarde? ¿No estarán esperándonos en el *palazzo* Lady Fortunato y los demás? Vámonos.

—Sí —dije—; vámonos ya.

—¡Por el amor de Dios, Montresor!

—Sí —dije—; por el amor de Dios.

En vano me esforcé en obtener respuesta a aquellas palabras. Me impacienté y llamé en alta voz:

—¡Fortunato!

No hubo respuesta, y volví a llamar.

—¡Fortunato!

Tampoco me contestaron. Introduje una antorcha por el orificio que quedaba y la dejé caer en el interior. Me contestó sólo un cascabeleo. Sentía una presión en el corazón, sin duda causada por la humedad de las catacumbas. Me apresuré a terminar mi trabajo. Con muchos esfuerzos coloqué en su sitio la última piedra y la cubrí con argamasa. Volví a levantar la antigua muralla de huesos contra la nueva pared. Durante medio siglo, nadie los ha tocado. *In pace requiescat!*

Traducción de autor desconocido.
Texto de dominio público. Fuente:
http://www.dominiopublico.gov.br/

O DIGANÓSTICO DE MORTE

Ambrose Bierce
(1842 – 1914?)

— Não sou tão supersticioso quanto alguns dos seus confrades médicos, ou homens de ciência, como gostam eles de ser chamados — disse Hawver, respondendo a uma acusação que sequer fora formulada. — Alguns de vocês — apenas alguns, confesso — acreditam na imortalidade da alma e em aparições a que não têm a honestidade de chamar de fantasmas. Não vou além da convicção de que, às vezes, os vivos não são vistos onde estão, mas onde já estiveram — nos lugares onde viveram tanto tempo, e talvez tão intensamente, que deixaram a sua marca em tudo o que os rodeava. Eu sei, de fato, que o ambiente onde vive uma pessoa pode ser afetado por sua personalidade a ponto de — muito tempo depois —suscitar uma imagem daquela mesma pessoa aos olhos de outra. Sem dúvida, a personalidade que impregna o ambiente há de ser marcante, assim como predispostos a percebê-la devem ser os olhos que a vislumbram — os meus, por exemplo.

— Sim, o tipo certo de olhos, que transmitem sensações ao tipo errado de cérebro — disse o Dr. Frayley, sorrindo.

— Obrigado! Gostamos de ver as nossas expectativas satisfeitas. E essa é a resposta que — supus — contamos quando a civilidade é esperada.

— Perdoe-me. Mas intuo que você sabe o que diz. É muita coisa, não é mesmo? E talvez você não se importe de esclarecer como aprendeu essas coisas.

— Você dirá que se trata de alucinação — disse Hawver —, mas eu não me importo com isto.

E contou a história.

— Como você sabe, eu fui, no verão passado, veranear na cidade de Meridian. O parente, em cuja casa eu tencionava ficar, adoeceu; por isso, tive de procurar outro lugar para alojar-me. Com alguma dificuldade, consegui alugar uma casa desocupada, antes habitada por um médico excêntrico, que a deixara há alguns anos, e cujo nome era Mannering. De lá, partira o doutor a um lugar ignorado, mesmo para o seu procurador. Ele próprio construíra aquela casa e nela morara com um velho criado durante aproximadamente dez anos. Ele havia abandonado completamente a medicina, a cuja prática, aliás, ele pouco se dedicava. Além disso, tinha-se retirado quase por completo da vida social, tornando-se um recluso. Um médico local — praticamente a única pessoa com quem ele se relacionava — me disse que, durante o seu período de clausura, ele se dedicara a uma única linha de estudo, cujo resultado expusera num livro. A obra, aliás, não mereceu a aprovação de seus pares; estes, em verdade, desconfiavam da sanidade do colega autor. Não li o livro e nem me recordo de seu título, mas soube que nele era exposta uma teoria deveras surpreendente. Dizia Mannering que era possível prever-se a morte de qualquer pessoa saudável, com exatidão, vários meses antes do seu advento. O limite, creio eu, era de dezoito meses. Circulavam histórias de que ele realmente exercera a capacidade de realizar tais prognósticos — ou, talvez, se possa dizer diagnósticos —, e se dizia que, em todos os casos, as pessoas — a cujos amigos o médico assim prognosticara — morreram, subitamente, e sem qualquer causa aparente, justamente na hora em que o médico precisamente antecipara. Nada disto, porém, tem a ver com o que eu irei contar. Apenas pensei que um médico acharia tal achega divertida.

"A casa permanecia mobiliada tal como era no tempo em que o médico a habitava. Era uma casa um tanto sombria para alguém que, como eu, não era recluso ou erudito; e penso que me transmitiu algo do seu caráter, quiçá um pouco do caráter do seu antigo ocupante: nela, sempre senti um quê de melancolia — que, aliás, não se incluía em minha natural disposição, e que, penso eu, também não irradiava daquele estado de solidão. Os empregados lá não pernoitavam e, como você sabe, sempre gostei muito da minha própria companhia, já que sou muito aplicado à leitura, embora pouco afeito aos estudos. Fosse qual fosse a causa, o efeito era o desânimo, acompanhado da sensação de mal iminente. Percebia-se tal sensação especialmente no escritório do Dr. Mannering, malgrado aquele cômodo fosse o mais iluminado e arejado da casa. O retrato a óleo do médico, em tamanho natural, estava pendurado naquele ambiente e parecia dominá-lo completamente. Nada havia de invulgar no retrato. O homem, de boa aparência,

tinha cerca de cinquenta anos. Exibia os cabelos cinzentos, rosto bem barbeado e olhos circunspectos, de escura tonalidade. Mas havia algo naquele retrato que me chamava a atenção. O aspecto do homem tornou-se-me familiar e, de certa forma, *assombrava-me*.

"Uma noite, eu passava por esta sala, seguindo em direção ao meu quarto, com um candeeiro na mão (não há gás em Meridian). Parei, como de costume, diante do retrato que, à luz do candeeiro, parecia encorpar uma nova expressão, de difícil definição, mas nitidamente estranha. Aquela visão despertou o meu interesse, mas não me perturbou. Movi o candeeiro de um lado para o outro e observei os efeitos da gradação luminosa. Enquanto o fazia, assaltou-me o impulso de virar-me. Então, ao fazê-lo, vi um homem a atravessar a sala, vindo diretamente em minha direção! Assim que se aproximou o suficiente para que a luz do candeeiro lhe iluminasse o rosto, vi que era o próprio Dr. Mannering. Era como se o retrato, agora, andasse.

"'—Peço-lhe desculpas — disse-lhe, com alguma frieza —, mas, se o senhor bateu à porta, eu não ouvi'.

"Ele passou por mim, à distância de um braço, ergueu o dedo indicador direito, como se me advertisse e, sem dizer uma palavra, saiu da sala, embora eu não tivesse visto a sua retirada mais do que observara a sua entrada.

"Nem é preciso dizer que este incidente representa o que você nomina alucinação, mas que eu chamo de aparição. Aquela sala tinha apenas duas portas, uma das quais estava trancada; a outra dava para um quarto, em que não havia outra saída. O que senti, ao aperceber-me disto, não é, todavia, importante ao relato do incidente.

"Não há dúvida que isto lhe parece uma 'história de fantasmas' deveras banal — uma história construída segundo os elementos regulares estabelecidos pelos velhos mestres da arte. Mas, se assim fosse, eu não lhe a teria contado, mesmo que verdadeira. O homem não estava morto; encontrei-o hoje na Union Street. Ele passou por mim em meio à multidão".

Hawver terminou a sua história e os dois homens ficaram em silêncio. O Dr. Frayley tamborilou, distraidamente, os dedos sobre a mesa.

— Ele lhe disse alguma coisa hoje? — perguntou. — Alguma coisa que lhe permitisse deduzir que ele não estava morto?

Hawver olhou-o, mas não respondeu.

— Talvez — prosseguiu Frayley — ele tenha feito um sinal, um gesto, levantado um dedo, como se produzisse uma advertência. É um tique que ele tinha — um hábito que se lhe suscitava quando dizia algo sério, a exemplo do anúncio de um diagnóstico, por exemplo.

— Sim, ele realmente fez isso, tal como a aparição já me havia feito. Mas, Santo Deus! Você o conhecia?

Hawver parecia ingressar num estado de nervosismo.

— Sim, eu o conhecia. Li os livros dele, como todos os médicos um dia acabam fazendo. É uma das mais notáveis e importantes contribuições deste século para a ciência médica. Sim, eu o conhecia. E o atendi, quando ele estava enfermo, há três anos. Agora, ele está morto.

Hawver levantou-se da cadeira, visivelmente perturbado. Pôs-se a andar, na sala, de um lado para o outro. Depois, aproximou-se do amigo e, com uma voz trêmula, disse:

—Doutor, como médico, tem alguma coisa a me dizer?

—Não, Hawver. Você é o homem mais saudável que já conheci. Mas, como amigo, aconselho-o a recolher-se em seu quarto. Você toca violino como um anjo. Toque-o. Toque algo leve e alegre. Tire da cabeça esta maldita história.

No dia seguinte, Hawver foi encontrado morto em seu quarto, com o violino ao pescoço, o arco sobre corda e a partitura aberta, diante dele, na Marcha Fúnebre de Chopin.

Tradução de Paulo Soriano.

DIAGNÓSTICO DE MUERTE

Ambrose Bierce
(1842 – 1914)

—No soy tan supersticioso como algunos de tus doctores de ciencia, como tú te complaces en decir —dijo Hawver, replicando una acusación que no había sido hecha. —Algunos de ustedes, solo algunos, confieso, creen en la inmortalidad del alma, y en apariciones que tú no tienes la honestidad de llamar fantasmas. No voy a decir más que tengo la convicción que los vivos algunas veces son vistos donde no están, en lugares donde han estado, donde ellos vivieron tanto tiempo, quizás tan intensamente, como para dejar sus impresiones en todo lo que los rodea. Lo se, en efecto, puede ser que un ambiente pueda ser tan afectado por la personalidad de una persona como para impresionar, mucho después, una imagen de uno mismo a los ojos de otro. Indudablemente la personalidad impresa tiene que ser el tipo justo de personalidad y los ojos perceptores tienen que ser el tipo justo de ojos, los míos, por ejemplo.

—Si, el tipo justo de ojos, sensaciones convincentes del lugar erróneo del cerebro —dijo el Dr. Frayley, sonriendo.

—Gracias; uno gusta tener sus expectativas gratificadas; esto es en réplica de lo que yo supongo que haría alguien civilizado.

—Perdón, pero tú dices que lo sabes. Es algo fácil de decir, ¿no crees? Quizás tu no pensarás en el problema de decirme como lo supiste.

—Tú lo llamarás una alucinación —dijo Hawver, —pero no es tal cosa — y le contó la historia.

El último verano, como tú sabes, fui a pasar la temporada de calor a la ciudad de Meridian. Los parientes cuya casa intentaba habitar estaban enfermos, así que busqué otros cuartos. Luego de algunas dificultades renté una de las habitaciones vacantes que había sido ocupada por un excéntrico doctor llamado Mannering, quien se había ido varios años atrás, no se sabía adónde, ni siquiera su agente. Él había construido una casa y había vivido allí durante diez años, acompañado por un viejo sirviente. Su práctica, no muy extensa, lo tuvo ocupado durante algunos años. Él también se vio abstraído de la vida social y se convirtió en un recluso. Me lo contó un doctor del pueblo, que fue la única persona que tuvo alguna relación con él, que, durante su retiro, se hizo devoto de una única línea de estudio, el resultado de lo que él expuso en un libro que no fue recomendado a la aprobación de sus colegas médicos, quienes, sin embargo, le consideraron no enteramente sano.

No he visto el libro y no puedo recordar su título, pero me dijo que exponía una extraña teoría. Él decía que era posible que una persona de buena salud pudiera pronosticar su propia muerte con precisión, varios meses antes del evento. El límite, creo, eran dieciocho meses. Hubo cuentos locales sobre que había ejercido sus poderes de pronóstico, que quizás tú llames diagnóstico; y que las personas a las que advirtió el deceso, murieron súbitamente en el plazo fijado, sin causa conocida. Todo esto, por cierto, no tiene nada que ver con lo que te dije; pienso que puede divertir a un médico.

La casa estaba amueblada, como él había vivido ahí. Era una oscura morada para alguien que había sido un recluso más que un estudiante, y creo que me dio algo de su carácter, quizás algo del carácter de su anterior ocupante; siempre sentí una cierta melancolía que no estaba en mi disposición natural, según creo, debido a la soledad. No tenía sirvientes que durmieran en la casa, pero siempre tuve la adicción, como tú sabes, a la lectura. Cualquiera que fuera la causa, el efecto fue un rechazo y un sentido de mal inminente; esto fue especialmente en el estudio del Dr. Mannering, a pesar de que esta habitación era una de las más luminosas y aireadas de la casa. El retrato de tamaño real del doctor parecía dominarlo completamente.

No había nada inusual en la foto; el hombre evidentemente lucía bien, unos cincuenta años de edad, con un cabello gris metalizado, una cara recién afeitada y unos ojos oscuros y serios. Algo en la imagen siempre acaparaba mi atención. La apariencia del hombre se convirtió en familiar para mí, hasta me 'hechizó'.

Una tarde estaba paseando a través de esta habitación para ir a mi dormitorio, con una lámpara (no había gas en Meridian). Me paré, como era usual, frente al retrato, que parecía a la luz de la lámpara cobrar una nueva expresión, no fácilmente descriptible, pero realmente escalofriante. Me interesé, pero no me inquieté. Moví la lámpara de un lado a otro y observé los efectos de alterar el punto de iluminación. Mientras estaba tan absorto sentí un impulso en voltearme. Y cuando lo hice ¡vi a un hombre que se movía a través de la habitación y se dirigía hacia donde yo estaba! Tan pronto como él se acercaba a la lámpara su rostro se iluminó, y vi que era el Dr. Mannering en persona; ¡era como si el retrato estuviera caminando!

'Le pido disculpas', dije, algo fríamente, 'pero si usted golpeó no lo escuché'.

Él me pasó, dentro de una braza, extendió su dedo índice como en advertencia, y sin una palabra, se marchó de la estancia, a pesar de que observé su ida no más que lo que vi su entrada.

Por supuesto, no necesito decirte que esto puede ser lo que tu llamarías una alucinación y lo que yo llamo una aparición. Esta habitación tiene solo dos puertas, una de las cuales estaba cerrada; la otra llevaba al dormitorio, desde donde no había otra salida. Mi sentimiento sobre esto es que no es una parte importante del incidente.

Indudablemente esto te parecerá un lugar común "el cuento de fantasmas" algo que uno construye sobre las líneas dejadas por los viejos maestros del arte. Si así fuera, no te lo habría contado, aún si hubiera sido verdad. Pero el hombre no está muerto; lo conocí hoy mismo en la Calle Unión. Me cruzó entre una multitud.

Hawver finalizó su historia y ambos hombres se quedaron callados. El Dr. Frayley distraídamente golpeó la mesa con sus dedos.

— ¿Te dijo algo hoy —preguntó— alguna cosa que te haya hecho inferir que no estaba muerto?

Hawver lo miró fijamente y no replicó.

—Quizás —continuó Frayley— él hizo alguna señal, un gesto, alzó un dedo. Es un truco que él tenía, un hábito cuando decía algo serio, anunciando el resultado de un diagnóstico, por ejemplo.

—Si, lo hizo, su aparición lo hizo. Pero, ¡por Dios! ¿Lo conocías?

Hawver estaba poniéndose aparentemente nervioso.

—Lo conocí. Leí su libro, como todo médico de hoy en día. Es una de las más importantes contribuciones del siglo a la ciencia de la Medicina. Si, lo conocí; lo traté en su enfermedad durante los últimos tres años. Él murió.

Hawver buscó una silla, visiblemente incómodo. Dio un par de zancadas y se sentó. Luego se dirigió a su amigo, y en una voz no muy clara, dijo:

—Doctor, ¿tiene usted algo para decirme como médico?

—No, Hawver; tú eres el hombre más saludable que conocí. Como amigo te recomiendo que vayas a tu habitación. Tocas el violín como un ángel. Tócalo, toca algo alegre y jovial. Ten este maldito asunto fuera de tu mente.

Al siguiente día Hawver fue hallado muerto en su habitación, el violín en su cuello, el arco sobre las cuerdas, su música se escuchó antes de la Marcha Fúnebre de Chopin.

Traducción de autor desconocido.
Texto de dominio público.
Fuente: http://www.dominiopublico.gov.br/

SOBRE A ÁGUA

Guy de Maupassant
(1850 – 1893)

No verão passado, aluguei uma casa de campo à margem do Sena, a algumas léguas de Paris, aonde ia dormir todas as noites. Depois de alguns dias, travei relações com um vizinho, homem de 30 a 40 anos, o tipo mais curioso que tenho conhecido. Era um velho remador, sujeito fanático, que não saía da água. Deve ter nascido numa canoa e com certeza há de morrer com os remos nas mãos.

Numa noite em que passeávamos à beira d'água, pedi-lhe que me contasse uma história de sua vida náutica. Imediatamente, o meu amigo animou-se, transfigurou-se, tornando-se eloquente, quase poético. Ele trazia no coração uma grande, uma aguda e irresistível paixão pelo rio.

— Ah — disse-me ele —, quantas coisas eu sei a respeito deste rio que corre junto a nós!

Quem mora na cidade não sabe o que é o rio. Ouça, porém, um pescador que pronuncia esta palavra. Para ele, é uma coisa misteriosa, profunda, o lugar das miragens e das fantasmagorias, onde se veem, à noite, coisas que não existem, onde se ouvem rumores ignotos, ou se treme sem saber por quê, como quando se atravessa um cemitério. E, de fato, é o mais terrível cemitério, onde não existem túmulos.

Na sombra, quando não há Lua, o rio não tem limites. O marinheiro não experimenta no mar a mesma sensação que o pescador no rio. O mar é grande, é leal: grita, uiva. O rio é silencioso e pérfido. Não tem vagas. Corre sempre sem rumor, e o eterno movimento da água que flui me apavora mais que as ondas do oceano.

Certos sonhadores pretendem que o mar esconde em seu seio grande cidades azuladas, onde os afogados turbilhonam entre grandes peixes, em meio a estranhas florestas e grutas de cristal. As profundezas do rio são escuras. Entretanto, ele é belo quando resplandece ao Sol e docemente murmura entre as margens cobertas de sussurrantes caniços.

Um poeta[3], falando do oceano, disse:

Oh, ondas, quantas lúgubres histórias conheceis!

Ondas profundas, temidas pelas mães ajoelhadas,

As histórias que a elas contais quando sobem as marés

E é o que fazem desesperadas as vozes

Que tendes à noite, quando chegais até nós.

Pois bem, eu creio que as histórias sussurradas pelos frágeis caniços devem ser mais sinistras do que os lúgubres dramas narrados pelo urro das ondas. Mas, como o senhor me pede alguma de minhas recordações, contar-lhe-ei um estranho caso que me sucedeu há cerca de dez anos.

Por esse tempo, eu morava, como ainda hoje moro, na casa da senhora Lafon, e um dos meus melhores colegas, Louis Benet, que depois renunciou ao esporte para entrar no Conselho do Estado, morava na aldeia de C., duas léguas abaixo.

Jantávamos juntos todas as noites, um dia na casa dele, outro dia na minha. Certa noite, em que eu voltava só, e muito cansado, remando com grande esforço, parei um pouco, fazendo a canoa encalhar. O tempo estava magnífico. Havia Lua, o rio cintilava, o ar estava calmo e doce.

[3] Victor Hugo (1802 – 1885). Os versos citados por Maupassant sãos os últimos do poema Oceano Nox, publicado em 1840: "*O flots, que vous savez de lugubres histoires!/Flots profonds redoutés des mères à genoux!/Vous vous les racontez en montant les marées,/Et c'est ce qui vous fait ces voix désespérées/Que vous avez le soir quand vous venez vers nous!*"

Aquela tranquilidade me tentou. Veio-me a vontade de fumar meu cachimbo. Lancei âncora.

A canoa ainda desceu um pouco, esticando a corrente, e parou. Acomodei-me como pude. Não se ouvia nada, nada. Só de vez em quando me parecia ouvir um barulhinho quase imperceptível da água contra o barranco, e então os maciços relvosos assumiam para mim formas surpreendentes, agitadas.

O rio estava perfeitamente tranquilo, mas eu me sentia comovido pelo extraordinário silêncio que me circundava. Todas as vozes noturnas dos pantanais haviam se calado pelas margens. De repente, à minha esquerda, uma rã coaxou. Estremeci. Como o barulho não se repetiu, pus-me a fumar. Conquanto eu estivesse acostumado a fumar, nessa noite o fumo me fez mal ao estômago. Comecei a cantarolar. A minha voz enfadou-me. Estirei-me, então, no fundo da canoa, contemplando o céu. Por algum tempo, permaneci calmo. Logo, porém, certos movimentos da barca me perturbaram. Parecia-me que ele oscilava de um modo extraordinário, até tocar ora uma e ora outra margem. Depois, eu tive a impressão de que um ser, ou uma força invisível, me arrastava para o fundo da água. Sentia-me apavorado como em meio a uma tempestade. Ouvia rumores vindos de todos os lados. De repente, ergui-me. A água brilhava. Tudo se achava calmo.

Compreendi o meu estado de nervos e decidi ir-me embora. Puxei a corrente. A canoa moveu-se, e depois senti uma resistência. Puxei com mais força e a âncora não cedeu: tinha-se enroscado em alguma coisa no fundo da água e eu não podia erguê-la. Tornei a puxar, mas inutilmente. Então, com os remos, empurrei a canoa rio acima, para mudar a posição da âncora. Em vão. Irritei-me e sacudi furiosamente a corrente. Nada se moveu. Sentei-me desencorajado e pus-me a refletir sobre a minha situação. Arrebentar a corrente era impossível. Arrancá-la da borda da canoa, também, porque estava segura num toldo de madeira da grossura do meu braço. Entretanto, como o tempo continuava belíssimo, tinha a esperança de que por ali passaria algum pescador, a quem chamaria em socorro. Esperei, pois, acalmando-me um pouco, e desta vez pude fumar. Trazia comigo uma garrafa de rum. Bebi dois ou três cálices, e a minha situação me fez rir. Fazia muito calor, de modo que não seria desagradável, na pior das hipóteses, passar a noite ao relento.

De repente, qualquer coisa bateu na quilha da canoa. Dei um salto e um suor frio gelou-me da cabeça aos pés. Com certeza, tinha sido algum pedaço de pau que dera de encontro ao fundo da embarcação. Mas fora o bastante para me lançar de novo numa estranha agitação nervosa. Agarrei a corrente e fiz um esforço desesperado para arrancar a âncora. Mas a âncora resistia sempre. Tornei a sentar-me, exausto.

No entanto, o rio fora se cobrindo aos poucos de uma névoa branca muito densa que tocava na água, de modo que, erguendo-me, não pude ver o rio, nem a canoa, nem os meus pés: distinguia apenas o cimo dos caniçais e, ao longe, palidamente iluminada pelo luar, a planície manchada de negro pelas árvores que se erguiam para o céu. Eu me achava como que sepultado até a cintura naquela névoa de estranha alvura. Vinham-me ideias fantásticas. Parecia-me que alguém que eu não reconhecia tentava subir para a barca, e que o rio, oculto pela névoa opaca, estava cheio de seres bizarros que nadavam em torno de mim. Experimentei um horrível desassossego e, com as têmporas opressas, o coração a bater-me violentamente, fora de mim, pensei em salvar-me a nado. Esta ideia, porém, me arrepiou. Vi-me perdido, joguete do acaso em meio da bruma, debatendo-me entre perigos que não podia evitar, gritando de medo, sem ver terra, sem encontrar o barco, e nunca aprendi tão bem como nessa noite a luta dos dois seres que vivem em nós, um que quer e o outro que resiste, e cada um dos quais ora vence, ora é vencido.

Aquele pavor brutal e inexplicável aumentava sempre e tornava-se terror. Fiquei imóvel, com os olhos esbugalhados e ouvindo à espreita, esperando. Esperando o quê? Não sei, não sabia, mas creio que era qualquer coisa de terrível. Creio que, se um peixe saltasse fora d'água, como acontece tantas vezes, eu cairia semimorto.

Todavia, graças a um violento esforço, acabei por dominar ao menos em parte a minha perturbação. Tomei de novo a garrafa de rum, sorvendo-o a grandes goles. Acudiu-me, então, uma ideia. Comecei a gritar com toda força, voltando-me para os quatro pontos cardeais. Quando não tinha mais fôlego, escutei. Um cão ladrava ao longe.

Bebi mais e deitei-me, estirado, no fundo da canoa. Fiquei assim talvez uma hora, talvez duas, sem dormir, com os olhos abertos, sentindo fantasmas em volta. Não tinha coragem de levantar-me, apesar de o desejar ardentemente: deixava de um minuto para o outro. E dizia com os meus botões: "Vamos, de pé!" e, ao mesmo tempo tinha medo de fazer o menor movimento. Finalmente, ergui-me, com infinitas precauções, como se a minha vida dependesse do mínimo barulho que eu fizesse. E alonguei o olhar por sobre as margens.

A névoa, que duas horas antes flutuava sobre a água, tinha-se pouco a pouco adensado nas margens, ao longo de cada qual formava uma colina contínua, de seis ou sete metros de altura, banhando de luar a sua alvura de neve. Entre duas montanhas brancas, o rio. Sobre a minha cabeça, lá no alto, brilhava a Lua cheia num céu de turquesa esbranquiçada.

Todos os habitantes da água tinham despertado. As rãs coaxavam furiosas e, de momento em momento, eu ouvia a nota breve, monótona e triste que a voz metálica dos sapos lança às estrelas. Coisa estranha: passara-me o medo. Cercava-me uma paisagem tão extraordinária que nada podia me parecer estranho.

Quanto tampo durou isso, não o sei, porque acabei por adormecer. Quando reabri os olhos, o céu estava cheio de nuvens e a Lua, velada. A água murmurava lugubremente, ventava, fazia frio e a escuridão era profunda.

Bebi o último gole de rum que me restava, depois fiquei escutando a tremer o farfalhar da folhagem e o rumor sinistro do rio. Não enxergava o barco. Aproximei as mãos dos olhos: não as enxergava também.

Pouco a pouco, porém, a treva diminuía. De repente, pareceu-me sentir uma sombra passar por cima do meu corpo. Dei um grito. Uma voz respondeu-me. Era um pescador. Chamei-o. Ele se aproximou. Contei-lhe o que me acontecera. Então, ele trouxe o barco para junto do meu e puxamos juntos a corrente. A âncora não se moveu. A madrugada estava escura, cinzenta, chuvosa, glacial, anunciando um desses dias que trazem tristezas e dores. Avistei outro pescador. Chamado, ele veio unir aos nossos os seus esforços. Então, pouco a pouco, a âncora cedeu. Subiu, mas docemente, e carregada de um peso considerável. Finalmente, surgiu um fardo negro, que passamos para a barca.

Era o cadáver de uma velha mulher com uma grande pedra no pescoço.

Tradução de autor desconhecido.
Texto de domínio público.
Fonte: "O Pirralho" (SP), edição de 21 de dezembro 1912.

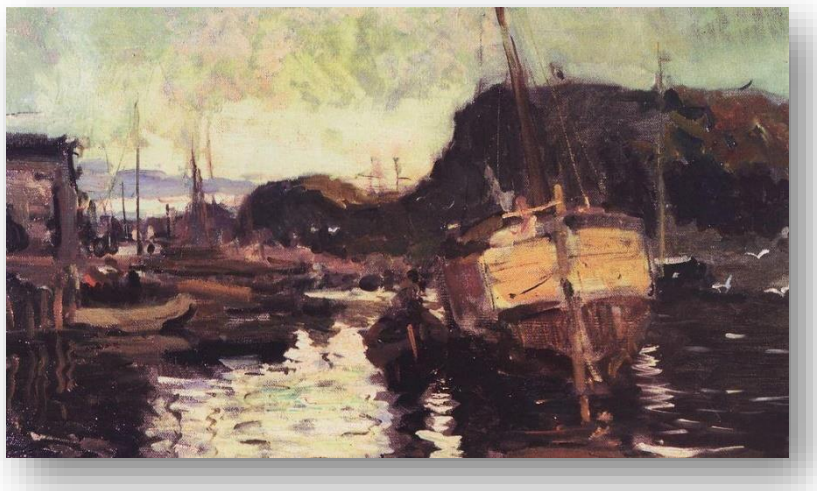


Imagen: Konstantin Korovin (1861 – 1939).

SOBRE EL ÁGUA

Guy de Maupassant
(1850 – 1893)

El verano pasado había alquilado una casita de campo a orillas del Sena, a varias leguas de París, e iba a dormir allí todas las noches. Después de unos días conocí a uno de mis vecinos, un hombre de unos treinta a cuarenta años, que desde luego era el tipo más raro que había visto nunca. Era un viejo barquero, pero un barquero fanático, siempre cerca del agua, siempre sobre el agua, siempre en el agua. Debía de haber nacido en un bote, y seguramente muera en la botadura final.

Una noche, mientras paseábamos a orillas del Sena, le pedí que me contara algunas anécdotas de su vida náutica. Entonces el buen hombre se animó, se transfiguró, se volvió locuaz, casi poeta. Tenía en el corazón una gran pasión, una pasión devoradora, irresistible: el río.

—¡Ay! —me dijo—, ¡cuántos recuerdos tengo en este río que ve fluir ahí cerca de nosotros!

Vosotros, los habitantes de las calles, no sabéis lo que es un río. Pero escuche cómo un pescador pronuncia esa palabra. Para él es la cosa misteriosa, profunda, desconocida, el país de los espejismos y de las fantasmagorías, donde de noche se ven cosas que no son, donde se oyen ruidos que no se conocen, donde se tiembla sin saber por qué, como al cruzar un cementerio: y en efecto es el cementerio más siniestro, aquél donde no se tiene tumba.

Para el pescador la tierra tiene límites, pero en la oscuridad, cuando no hay luna, el río es ilimitado. Un marinero no experimenta lo mismo por el mar. Éste es a menudo duro y malo, es verdad, pero grita, aúlla: el mar abierto es leal; mientras que el río es silencioso y pérfido. No ruge, corre siempre sin ruido, y el eterno movimiento del agua que fluye es más espantoso para mí que las altas olas del Océano. Ciertos soñadores pretenden que el mar esconde en su seno inmensos países azulados, donde los ahogados ruedan entre los grandes peces, en mitad de extraños bosques y en cuevas de cristal. El río sólo tiene profundidades negras en cuyo limo nos pudrimos. Sin embargo, es bello cuando brilla al sol que se levanta y cuando chapotea suavemente entre sus orillas llenas de cañas que murmuran.

Un poeta, hablando del Océano, dijo:

"¡Oh, mares, cuántas lúgubres historias conocéis!

Mares profundos, temidos por las madres arrodilladas

Historias que os contáis cuando suben las mareas

Y es lo que os da las voces desesperadas

Que tenéis, a la noche, cuando venís hacia nosotros".

Pues bien, creo que las historias cuchicheadas por las finas cañas, con sus vocecitas tan dulces, deben de ser aún más siniestras que los dramas tétricos contados por los aullidos de las olas. Pero ya que me pregunta por algunos de mis recuerdos, le voy a contar una aventura singular que me ocurrió aquí, hace unos diez años.

Vivía, como hoy, en la casa de la madre Lafon, y uno de mis mejores amigos, Louis Bernet, que ahora ha renunciado al canotaje, a sus pompas y a su desaliño para entrar en el Consejo de Estado, estaba instalado en el pueblo de C..., dos leguas más abajo.

Cenábamos todos los días juntos, unas veces en su casa, otras en la mía. Una noche, cuando volvía solo y bastante cansado, arrastrando penosamente mi gran barco, un océano de doce pies que utilizaba siempre de noche, me paré unos segundos para recobrar aliento cerca de la punta de las cañas, allí, unos doscientos metros antes del puente del ferrocarril. Hacía un tiempo magnífico; la luna resplandecía, el río brillaba, la noche era suave, sin viento. Aquella tranquilidad me tentó; pensé que sería muy agradable fumar una pipa en aquel lugar. La acción siguió al pensamiento;

cogí el ancla y la tiré al río. El bote, que volvía a bajar con la corriente, corrió su cadena hasta el final, y se paró; me senté atrás en mi piel de borrego, tan cómodamente como me fue posible. No se oía nada, absolutamente nada: tan sólo a veces me parecía percibir un pequeño chapoteo casi insensible del agua contra la orilla, y veía unos grupos de cañas más altas que tomaban aspectos sorprendentes y parecían agitarse por momentos.

El río estaba completamente tranquilo; aun así, me sentí emocionado por el silencio extraordinario que me envolvía. Todos los animales, ranas y sapos, esos cantantes nocturnos de las ciénagas, se callaban. De pronto, a mi derecha, muy cerca de mí, una rana croó. Me estremecí. Se calló. Ya no oí nada más y decidí fumar un poco para distraerme. Sin embargo, aunque era un fumador de pipa experimentado, no pude fumar; en cuanto tomé la segunda bocanada, me mareé y lo dejé. Me puse a canturrear; el sonido de mi voz me resultaba lamentable; entonces me tumbé en el fondo del barco y miré el cielo. Durante unos instantes permanecí tranquilo, pero pronto los ligeros movimientos de la barca me preocuparon. Me pareció que daba bandazos gigantescos, tocando sucesivamente una y otra orilla del río; luego creí que un ser o una fuerza invisible la atraía suavemente al fondo del agua, levantándola después y dejándola caer de nuevo. Me estaba tambaleando como en mitad de una tormenta; oí ruidos a mi alrededor; me puse en pie de un salto: el agua brillaba; todo estaba tranquilo.

Entendí que tenía los nervios un poco alterados y decidí irme. Empecé a tirar de la cadena; el bote se puso en movimiento, pero noté una resistencia. Tiré más fuerte, el ancla no vino; había enganchado algo en el fondo del agua y no podía subirla; volví a tirar, pero en vano. Entonces, con mis remos, hice dar la vuelta a mi barco y lo llevé río arriba para cambiar la posición del ancla. Fue inútil, seguía enganchada; me puse furioso y sacudí la cadena con rabia. Nada se movió. Me sentí desanimado y me puse a reflexionar sobre mi situación. No podía pensar en romper la cadena ni en separarla de la embarcación, ya que era enorme y estaba clavada en la proa en un trozo de madera más gordo que mi brazo; pero como el tiempo seguía estando tan bueno, pensé que, sin duda, no tardaría en encontrar a algún pescador que me prestaría socorro. Mi desventura me había tranquilizado; me senté y pude por fin fumarme la pipa. Tenía una botella de ron, de la que tomé dos o tres vasos, y me reí de mi situación. Hacía mucho calor, por lo que en último caso podría pasar sin demasiados problemas la noche al sereno.

De repente sonó un pequeño golpe contra la borda. Me sobresalté, y un sudor frío me heló de pies a cabeza. Aquel ruido venia sin duda de algún trozo de madera arrastrado por la corriente, pero había bastado para que me sintiera invadido de nuevo por una extraña agitación nerviosa. Agarré la cadena y tiré con todo mi cuerpo en un esfuerzo desesperado. El ancla resistió. Me volví a sentar, agotado. Entretanto, el río se había ido cubriendo poco a poco con una niebla blanca muy espesa que reptaba a muy baja altura sobre el agua, de modo que, al ponerme de pie, ya no veía ni el río, ni mis pies, ni mi barco, sino que sólo veía las puntas de las cañas y, más lejos, la llanura palidísima que formaba la luz de la luna reflejada, con grandes manchas negras que ascendían en el cielo, formadas por grupos de álamos de Italia. Estaba como sepultado hasta la cintura en una sábana de algodón de una singular blancura, y me venían a la mente imágenes fantásticas. Me figuraba que intentaban subir a mi barca, que ya no podía distinguir, y que el río, escondido por aquella niebla opaca, debía de estar lleno de seres extraños que nadaban a mi alrededor. Sentía un malestar horrible, tenía las sienes oprimidas y mi corazón latía hasta casi ahogarme. Perdí la cabeza y pensé en escaparme nadando, pero en seguida aquella idea me hizo estremecer de espanto. Me vi, perdido, yendo a la aventura en aquella bruma espesa, forcejeando en medio de las hierbas y de las cañas que no podría evitar, boqueando de miedo, sin ver la orilla, sin encontrar mi barco, y me imaginaba que me arrastrarían por los pies hasta el mismo fondo de esa agua negra.

Efectivamente, como habría tenido que remontar al menos quinientos metros la corriente antes de encontrar un lugar libre de hierba y de juncos donde poder hacer pie, tenía un noventa por ciento de posibilidades de no

poder orientarme en aquella niebla y de ahogarme, por muy buen nadador que fuera.

Intentaba razonar sentía que tenía la muy firme voluntad de no tener miedo, pero había en mí otra cosa además de la voluntad, y esa otra cosa tenía miedo. Me pregunté qué podía temer; mi yo valiente se burló de mi yo cobarde y no reparé nunca tan bien como aquel día en la oposición de los dos seres que están en nosotros, el uno queriendo, el otro resistiendo, y cada cual ganando a ratos.

Aquel pavor tonto e inexplicable seguía creciendo y se iba convirtiendo en terror.

Permanecí inmóvil, con los ojos abiertos, el oído al acecho y esperando. ¿Qué? No tenía ni idea, pero debía de ser terrible. Creo que habría bastado con que a un pez se le hubiera ocurrido saltar fuera del agua, como ocurre a menudo, para hacerme caer redondo, sin conocimiento. Sin embargo, gracias a un esfuerzo violento, acabé por recobrar poco a poco la razón que se me escapaba. Tomé de nuevo mi botella de ron y bebí a grandes tragos. Entonces se me ocurrió una idea y me puse a gritar con todas mis fuerzas, volviéndome sucesivamente hacia los cuatro puntos del horizonte. Cuando mi garganta estuvo totalmente paralizada, me paré a escuchar: un perro aullaba, muy lejos.

Volví a beber y me tumbé cuan largo soy en el fondo de mi barco. Permanecí así quizá una hora, quizás dos, sin dormir, con los ojos abiertos, con pesadillas a mi alrededor. No me atrevía a levantarme y sin embargo lo deseaba vivamente; minuto a minuto lo retrasaba. Me decía a mí mismo "¡Vamos, en pie!", y me daba miedo hacer un solo

movimiento. Al final me levanté con infinitas precauciones como si mi vida dependiera del menor ruido que pudiera a hacer, y miré por encima de la cubierta.

Quedé deslumbrado por el espectáculo más maravilloso, más sorprendente que se pueda ver. Era una de esas visiones contadas por los viajeros que vuelven de muy lejos y a quienes escuchamos sin creerles. La niebla que dos horas antes flotaba sobre el agua se había retirado poco a poco y acurrucado en las orillas. Y, al dejar el río completamente libre, había formado sobre cada orilla una colina ininterrumpida, de una altura de seis o siete metros, que brillaba bajo la luna con el soberbio resplandor de la nieve. De este modo no se veía nada más que el río laminado de fuego entre aquellas dos montañas blancas; y arriba, sobre mi cabeza, se extendía, llena y ancha, una gran luna alumbradora en medio de un cielo azulado y lechoso. Todos los animales del agua se habían despertado; las ranas croaban furiosamente, mientras que oía, unas veces a un lado, otras al otro, la nota corta, monótona y triste, que lanza a las estrellas la voz cobriza de los sapos. Sorprendentemente, ya no tenía miedo; estaba en medio de un paisaje tan extraordinario que las singularidades más fuertes no hubieran podido sorprenderme.

No sé cuánto tiempo duraría, ya que caí en una cierta somnolencia. Cuando volví a

abrir los ojos, la luna se había puesto y el cielo estaba lleno de nubes. El agua chapoteaba lúgubremente, soplaba viento, hacía frío, la oscuridad era profunda. Bebí lo que me quedaba de ron y acuché tiritando el roce de las cañas y el ruido siniestro del río. Intentaba ver, pero no pude distinguir mi barco, ni mis propias manos, que acercaba a mis ojos.

Poco a poco, sin embargo, el espesor de la oscuridad amainó. De pronto creí notar que una sombra se deslizaba muy cerca de mí; di un grito, una voz contestó; era un pescador. Le llamé, se acercó y le conté mi desventura. Colocó entonces su barco al lado del mío, y ambos tiramos de la cadena del ancla. No se movió. Se estaba haciendo de día, un día sombrío, gris, lluvioso, glacial, uno de esos días que nos traen tristezas y desgracias. Vi otra barca, le dimos una voz. El hombre que la llevaba unió sus esfuerzos a los nuestros; entonces, poco a poco, el ancla cedió. Subía, pero despacio, despacio, y cargada con un peso considerable. Finalmente vimos una masa negra y la echamos en la cubierta de mi barca.

Era el cadáver de una anciana que llevaba al cuello una piedra de gran tamaño.

Traducción de autor desconocido.
Texto de dominio público.
Fuente: http://www.dominiopublico.gov.br/.

PARA NOITE DE INSÔNIA

Horacio Quiroga
(1878 – 1937)

> Nenhum homem, eu repito, narrou com igual magia as exceções da vida humana e da natureza; os ardores de curiosidade da convalescença; os finais de estações carregados de esplendores enervantes, os tempos mornos, úmidos e brumosos, em que o vento do sul amolece e distende os nervos como as cordas de um instrumento, em que os olhos se enchem de lágrimas que não vêm do coração; a alucinação deixando a princípio margem para dúvida, e, depois, convicta e racional como um livro; o absurdo se instalando na inteligência e governando-a com uma lógica aterrorizante; a histeria usurpando o lugar da vontade, a contradição estabelecida entre os nervos e o espírito; o homem discorde consigo mesmo a ponto de exprimir a dor pelo riso.
>
> Baudelaire: "Vida e obras de Edgar Poe"

A fatal notícia nos surpreendeu a todos. E ficamos aterrorizados quando um criado nos trouxe — voando — os detalhes de sua morte. Embora notássemos, há muito tempo, sinais de desequilíbrio em nosso amigo, nunca pensamos que ele poderia chegar a tal extremo. Ele havia praticado o mais pavoroso suicídio, sem deixar ao menos uma lembrança para nós, seus amigos. E quando o tivemos em nossa presença, viramos o rosto, tomados por uma compaixão horrorizada.

Aquela tarde úmida e nublada aguçava a nossa sensibilidade. O céu estava pálido e uma neblina fosca cruzava o horizonte.

Conduzimos o cadáver em uma carruagem, fortemente unidos por um horror crescente. Acima, vinha a noite. E pela portinhola mal fechada caía um rio de sangue que marcava de vermelho a nossa marcha.

Ele ia estirado sobre nossas pernas e as últimas luzes daquele dia amarelento incidiam de chofre em seu rosto violado por manchas lívidas. Sua cabeça era sacudida de um lado para o outro. A cada golpe no calçamento de pedra, suas pálpebras se abriam e ele nos mirava com olhos vítreos, duros e embaçados.

Nossas roupas estavam empapadas de sangue. E pelas mãos dos que seguravam o seu pescoço deslizava uma baba viscosa e fria que, a cada sacolejo, brotava de seus lábios.

Desconheço a causa, mas creio que nunca em minha vida senti semelhante sensação. Ao simples contato com os seus membros rígidos, sentia um calafrio em todo corpo. Estranhas ideias supersticiosas enchiam a minha cabeça. Meus olhos adquiriam uma fixidez hipnótica ao fitá-lo e, no horror de minha imaginação, parecia-me vê-lo abrir a boca num esgar pavoroso, cravar-me o olhar e atirar-se sobre mim, enchendo-me de sangue frio e coagulado.

Meus cabelos se eriçavam, mas não pude nada mais que soltar um grito de angústia, convulsivo e delirante, e jogar-me para trás.

Naquele momento, quando já era completamente noite, o morto escapuliu de nossos joelhos e caiu no fundo da carruagem. Na escuridão, apertamos as nossas mãos, tremendo de cima abaixo, sem que nos atrevêssemos a um olhar recíproco.

Todas as antigas ideias de criança, crenças absurdas, se encarnaram em nós. Levantamos as pernas para os assentos, inconscientemente, cheios de horror, enquanto o morto, no fundo da carruagem, sacolejava de um lado para o outro.

Pouco a pouco, nossas pernas começaram a esfriar. Era um gelo que emergia do fundo, que avançava pelo nosso corpo, como se a morte fosse-nos contagiando. Não nos atrevíamos a um mínimo movimento. De quando em quando, nós nos inclinávamos para o fundo e ficávamos olhando por bons instantes a escuridão, com os olhos terrivelmente abertos, acreditando ver o morto que se recompunha com um esgar de delírio, rindo, fitando-nos, introduzindo a morte em cada um de nós, rindo-se, aproximando às nossas a sua cara, fazendo-nos crer que à noite veríamos brilhar os seus olhos, e ria-se, e ficávamos gelados, mortos, mortos, naquela carruagem que nos conduzia pelas ruas molhadas...

Nós nos encontramos de novo na sala, todos reunidos, sentados em fileira. Haviam posto o caixão no centro da sala e não haviam

trocado a roupa do morto, por já estarem muito rígidos os seus membros. Ele tinha a cabeça ligeiramente inclinada, com a boca e o nariz tapados com algodão.

Ao vê-lo novamente, um tremor nos sacudiu todo o corpo, e só nos olhamos furtivamente. A sala estava cheia de gente que se cruzava a cada momento, e isto nos distraía um pouco. Somente de quando em quando observávamos o morto, inchado e verdoso, que estava estirado no caixão.

Transcorrida meia hora, senti que me tocavam e me voltei. Meus amigos estavam lívidos. Ao lugar em que nos encontrávamos, o morto voltava o seu olhar. Seus olhos pareciam crescidos, opacos, terrivelmente fixos. Sem que nos déssemos conta, a fatalidade nos conduzia ao seu olhar, como se estivéssemos unidos à morte, ao morto que não queria nos deixar. Ficamos amarelos, os quatro, imóveis ante a face que, a três passos, se voltava para nós, sempre para nós!

Deram quatro horas da manhã e ficamos completamente sozinhos. Instantaneamente, o medo voltou a apoderar-se de nós.

Primeiro, um trêmulo estupor; depois, um desespero desolado e profundo; por fim, uma covardia inconcebível a homens de nossas idades, um pressentimento preciso de que algo terrível iria acontecer.

Lá fora, a rua estava repleta de brumas e o latido dos cães prolongava-se num uivo lúgubre. Aqueles que, excitados como estávamos agora, já velaram um morto e, de repente, perceberam que estavam a sós com o cadáver, e ouviram o súbito lamento de um cão ou o crocitar de uma coruja na madrugada de uma noite de morte, assim sozinhos com o defunto, compreenderão a nossa sensação, posto que já estávamos sugestionados pelo medo, e assaltados, às vezes, pelas terríveis dúvidas quanto à horrível morte do amigo.

Como disse, ficamos sós. Pouco depois, um ruído surdo, como um balbucio apressado, percorreu a sala. Saía do caixão, onde estava o morto, ali, a três passos. E o víamos bem, levantando o busto com os algodões esponjados, horrivelmente pálido, olhando-nos fixamente, e víamos como se recompunha pouco a pouco, apoiando-se às bordas do ataúde, enquanto nossos cabelos se eriçavam e nossas testas se cobriam de suor, enquanto o balbucio se fazia cada vez mais ruidoso, e soou uma risada estranha, extra-humana, como se vomitada, estomacal e epiléptica, e nos levantamos desesperados, e nos lançamos a correr, apavorados, loucos de terror, perseguidos de perto pelas risadas e pelos passos daquela pavorosa ressurreição.

Quando cheguei a casa, entrei no quarto e puxei os lençóis — sempre fugindo, vi o morto estirado na cama, amarelando à luz da madrugada, morto com meus três amigos, que estavam gelados, todos estirados na cama, gelados e mortos...

Tradução de Paulo Soriano.

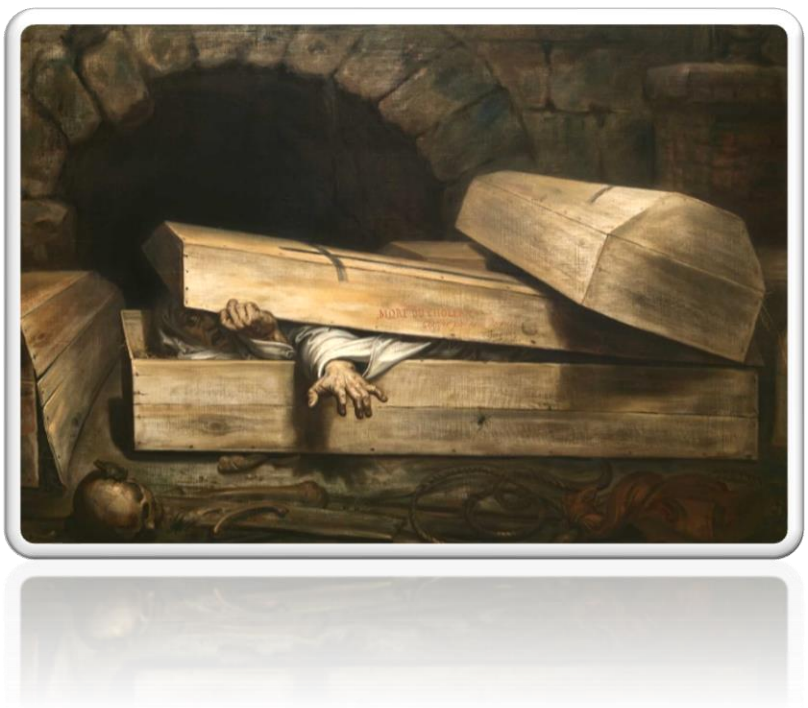


Imagem: Antoine Wiertz (1896 – 1865).

PARA NOCHE DE INSOMNIO

Horacio Quiroga
(1878 – 1837)

Ningún hombre, lo repito, ha narrado con más magia las excepciones de la vida humana y de la naturaleza, los ardores de la curiosidad de la convalecencia, los fines de estación cargados de esplendores enervantes, los tiempos cálidos, húmedos y brumosos, en que el viento del sud debilita y distiende los nervios como las cuerdas de un instrumento, en que los ojos se llenan de lágrimas que no vienen del corazón; –la alucinación, dejando al principio bien pronto conocida y razonadora como un libro–, el absurdo instalándose en la inteligencia y gobernándola con una espantable lógica; la histeria usurpando el sitio de la voluntad, la contradicción establecida entre los nervios y el espíritu, y el hombre desacordado hasta el punto de expresar el dolor por la risa.

Baudelaire: "Vida y obras de Edgar Poe"

A todos nos había sorprendido la fatal noticia; y quedamos aterrados cuando un criado nos trajo —volando— detalles de su muerte. Aunque hacía mucho tiempo que notábamos en nuestro amigo señales de desequilibrio, no pensamos que nunca pudiera llegar a ese extremo. Había llevado a cabo el suicidio más espantoso sin dejarnos un recuerdo para sus amigos. Y cuando le tuvimos en nuestra presencia, volvimos el rostro, presos de una compasión horrorizada.

Aquella tarde húmeda y nublada, hacía que nuestra impresión fuera más fuerte. El cielo estaba lívido, y una neblina fosca cruzaba el horizonte.

Condujimos el cadáver en un carruaje, apelotonados por un horror creciente. La noche venía encima; y por la portezuela mal cerrada caía un río de sangre que marcaba en rojo nuestra marcha.

Iba tendido sobre nuestras piernas, y las últimas luces de aquel día amarillento daban de pleno en su rostro violado con manchas lívidas. Su cabeza se sacudía de un lado para otro. A cada golpe en el adoquinado, sus párpados se abrían y nos miraba con sus ojos vidriosos, duros y empañados.

Nuestras ropas estaban empapadas en sangre; y por las manos de los que le sostenían el cuello, se deslizaba una baba viscosa y fría que a cada sacudida brotaba de sus labios.

No sé debido a qué causa, pero creo que nunca en mi vida he sentido igual impresión. Al solo contacto de sus miembros rígidos, sentía un escalofrío en todo el cuerpo. Extrañas ideas de superstición llenaban mi cabeza. Mis ojos adquirían una fijeza hipnótica mirándolo, y en el horror de toda mi imaginación, me parecía verle abrir la boca en una mueca espantosa, clavarme la mirada y abalanzarse sobre mí, llenándome de sangre fría y coagulada.

Mis cabellos se erizaban, y no pude menos de dar un grito de angustia, convulsivo y delirante, y echarme para atrás.

En aquel momento el muerto se escapaba de nuestras rodillas y caía al fondo del carruaje cuando era completamente de noche, en la oscuridad, nos apretamos las manos, temblando de arriba abajo, sin atrevernos a mirarnos.

Todas las viejas ideas de niño, creencias absurdas, se encarnaron en nosotros. Levantamos las piernas a los asientos, inconscientemente, llenos de horror, mientras en el fondo del carruaje, el muerto se sacudía de un lado a otro.

Poco a poco nuestras piernas comenzaron a enfriarse. Era un hielo que subía desde el fondo, que avanzaba por el cuerpo, como si la muerte fuese contagiándose en nosotros. No nos atrevíamos a movernos. De cuando en cuando nos inclinábamos hacia el fondo, y nos quedábamos mirando por largo rato en la oscuridad, con los ojos espantosamente abiertos, creyendo ver al muerto que se enderezaba con una mueca de delirio, riendo, mirándonos, poniendo la muerte en cada uno, riéndose, acercaba su cara a las nuestras, en la noche veíamos brillar sus ojos, y se reía, y quedábamos helados, muertos, muertos, en aquel carruaje que nos conducía por las calles mojadas...

Nos encontramos de nuevo en la sala, todos reunidos, sentados en hilera. Habían colocado el cajón en medio de la sala y no

habían cambiado la ropa del muerto por estar ya muy rígidos sus miembros. Tenía la cabeza ligeramente inclinada con la boca y nariz tapadas con algodón.

Al verle de nuevo, un temblor nos sacudió todo el cuerpo y nos miramos a hurtadillas. La sala estaba llena de gente que cruzaba a cada momento, y esto nos distraía algo. De cuando en cuando, solamente, observábamos al muerto, hinchado y verdoso, que estaba tendido en el cajón.

Al cabo de media hora, sentí que me tocaban y me di vuelta. Mis amigos estaban lívidos. Desde el lugar en que nos encontrábamos, el muerto nos miraba. Sus ojos parecían agrandados, opacos, terriblemente fijos. La fatalidad nos llevaba bajo sus miradas [sic], sin darnos cuenta, como unidos a la muerte, al muerto que no quería dejarnos. ¡Los cuatro nos quedamos amarillos, inmóviles ante la cara que a tres pasos estaba dirigida a nosotros, siempre a nosotros!

Dieron las cuatro de la mañana y quedamos completamente solos. Instantáneamente el miedo volvió a apoderarse de nosotros. Primero un estupor tembloroso, luego una desesperación desolada y profunda, y por fin una cobardía inconcebible a nuestras edades, un presentimiento preciso de algo espantoso que iba a pasar.

Afuera, la calle estaba llena de brumas, y el ladrido de los perros se prolongaba en un aullido lúgubre. Los que han velado a una persona y de repente se han dado cuenta de que están solos con el cadáver, excitados, como estábamos nosotros, y han oído de pronto llorar a un perro, han oído gritar a una lechuza en la madrugada de una noche de muerte, solos con él, comprenderán la impresión nuestra, ya sugestionados por el miedo, y con terribles dudas a veces sobre la horrible muerte del amigo.

Quedamos solos, como he dicho; y al poco rato, un ruido sordo, como de un barboteo apresurado recorrió la sala. Salía del cajón donde estaba el muerto, allí, a tres pasos, le veíamos bien, levantando el busto con los algodones esponjados, horriblemente lívido, mirándonos fijamente y se enderezaba poco a poco, apoyándose en los bordes de la caja, mientras se erizaban nuestros cabellos, nuestras frentes se cubrían de sudor, mientras que el barboteo era cada vez más ruidoso, y sonó una risa extraña, extrahumana, como vomitada, estomacal y epiléptica, y nos levantamos desesperados, y echamos a correr, despavoridos, locos de terror, perseguidos de cerca por las risas y los pasos de aquella espantosa resurrección.

Cuando llegué a casa, abrí el cuarto, y descorrí las sábanas, siempre huyendo, vi al muerto, tendido en la cama, amarilleando por la luz de la madrugada, muerto con mis tres amigos que estaban helados, todos tendidos en la cama, helados y muertos...

AS VAMPIRAS

Clemente Palma
(1872 – 1846)

I

Houve um tempo em que fiquei extremamente magro. Meus braços e pernas tornaram-se desconsoladamente finos, e meu o peito, antes musculoso e forte, degenerou de tal forma que, sob a pele lívida e pegajosa, a estrutura óssea de meu tórax se desenhava claramente. Minha pobre mãe me dizia, desconsolada:

— Stanislas, meu filho, que mal misterioso é esse que te consome? Teu emagrecimento não é natural e requer um exame médico. Que dor te incomoda? O que sentes de anormal? Conta-me tudo. Que o receio de me causares sacrifícios não te detenha. Irás a Nice, ao Adriático, à Suíça, aonde for necessário, para recobrar a saúde e as forças perdidas. Temo, meu filho, que a tuberculose haja se apoderado de teus pulmões... No entanto, não te ouço tossir. É verdade que não tosses, luz de minh'alma?

Minha noiva, a pequena e esbelta Natalia, beijava minhas mãos desconsoladamente.

— Os teus lábios ardem, meu Stanislas, como se o Etna estivesse nas tuas entranhas e aquecesse a tua boca e o teu hálito. Por que essa febre que te mata, esse fogo que te consome a vida e evapora o teu sangue? Eu te daria o meu para regozijar os meus olhos com as cores que as tuas faces, cheias de frescor e encanto, ostentavam antes... É alguma preocupação que destrói o teu ser? Mas não... Tu conservas o teu espírito alegre e apaixonado. E ele, muito ingrato, se impacienta e zomba do testemunho dos nossos olhos amorosos! Estás doente, Stanislas. Estás gravemente doente e logo repousarás no sepulcro. A tua mãe morrerá de tristeza e eu de desespero...

E a pobre donzela se ajoelhava diante de mim e molhava minhas mãos com as suas lágrimas. Eu a erguia brincando e fazendo pouco caso de seus terrores. Mas as duas mulheres insistiram tanto que, por fim, fiquei alarmado.

Na verdade, eu me via um pouco magro e nada mais. A jovialidade de meu caráter não havia desaparecido. Eu me sentia extenuando: um pouco fadigado e enfraquecido pela manhã, mas logo me recuperava, sentia-me novamente forte e ágil, tanto que imaginava que, de uma altura formidável, poderia alcançar o céu, pegar o Sol, trazê-lo comigo, e com ele fazer um diadema que colocaria na fronte da minha pequena e esbelta Natalia.

— Mas se nada tenho, se não me acode nenhum sofrimento físico ou moral — disse às duas mulheres, quando, com voz lacrimosa, comentavam minha suposta enfermidade —, não vedes que a minha vida continua como sempre foi? Até mesmo alimento-me com melhor apetite e durmo mais profundamente. Não sinto dor alguma, e só podeis basear vossos temores na circunstância de eu estar agora mais pálido e magro... Bem, e daí? Há momentos em que homens e mulheres ficam um tanto abatidos. Tal pode ser porque, por circunstâncias desconhecidas, ocorra uma maior desassimilação orgânica. Então, deixai o meu corpo trabalhar. E, acima de tudo, ponde-me a salvo de vossos presságios e desconsolos que vão, realmente, me deixar doente...

Mas elas tanto fizeram, repito, que um dia, para comprazê-las, fui à cidade, onde estava o Dr. Max Bing, meu sábio e ainda jovem amigo.

— Fico infinitamente feliz em rever-te! — ele exclamou ao me ver entrar em seu consultório. E, depois, pondo os óculos e fixando seu olhar inquisidor em minha pessoa, fez um gesto incrível. — Homem! Que doença fez em ti tantos estragos? Estás com uma péssima aparência. Vejamos. Senta-te e me diz o que te traz. Vens como cliente ou como amigo?

— Em primeiro lugar, não estive doente, doutor. E creio que, pelo contrário, gozo de excelente saúde. Mas, apesar de estar saudável, venho ao senhor para que me diga o que é que eu tenho, embora eu esteja são.

— Bem, o teu aspecto é o de uma pessoa que esteve ou está gravemente doente. Entra em meu gabinete.

O médico examinou-me de diferentes maneiras e com diferentes aparelhos. Apalpou-me, colocou-me em várias posturas, auscultou-me e fez o que a sua ciência lhe indicava para descobrir o que me acontecia. Eu percebia que, a cada exame, o seu alarme crescia. Finalmente, com uma voz ligeiramente alterada, disse ele:

—Estás muito enganado, caro Stanislas, por pensares que estás saudável. És presa de uma consunção violenta que poderá ser fatal se não a atacarmos com rapidez e energia. O teu caso não é, certamente, o primeiro a chegar ao meu conhecimento, e todos os sintomas que observo fazem-me presumir que tu tens a enfermidade que matou Hansen, um belo e robusto jovem que morreu há dois meses. Sentes alguma dor insidiosa e contínua? Tens observado alguma anomalia funcional em teus órgãos? Sentes tonturas pela manhã, peso na cabeça, sono profundo ou entressonhos mortificantes?

O Dr. Bing falava num tom que se pretendia tranquilizador, mas notei que nele havia uma inquietação mal dissimulada. Ele me amava ternamente. As nossas famílias cultivavam uma leal amizade, e ele era um estudante de medicina quando eu ainda era criança, e mais de uma vez me teve em seus joelhos. O alarme do médico me causou um frio de morte nas veias: tive medo de morrer e pensei na minha mãe e na minha pequena Natalia. Tentei acalmar-me e disse ao médico o que já tinha dito tantas vezes: que sentia um ligeiro desvanecimento ao acordar, um esmorecimento que passava assim que bebia um grande copo de leite fervido no café da manhã. Depois, sentia-me ágil, todo o mal-estar desaparecia, comia com apetite e dormia profundamente. Quanto aos entressonhos, não me lembrava precisamente se os tinha, mas ficava-me alguma sombra de reminiscência de havê-los tido.

— São precisamente os sintomas que Hansen sentia — disse o médico, pensativo.

Em seguida, fez-me tirar a camisa e a camiseta e, com uma lente poderosa, examinou-me o pescoço e o peito.

— Exatamente igual a Hansen! — repetiu várias vezes, à medida que prosseguia em seu exame.

— Doutor! — exclamei, impaciente. —Não quero saber desse Sr. Hansen e pouco me importaria se ele ressuscitasse cem vezes e morresse outras tantas. Qualquer que tenha sido a doença que matou esse Hansen — tuberculose, hidrofobia, câncer ou meningite —, ele não foi o primeiro e não será o último.

— Ei, ei, jovem irascível! Se me lembro do pobre Hansen é porque ele tinha a mais estranha das enfermidades. A mais inverossímil das causas — mas, também, a mais terrível — foi a que o levou à sepultura. E, certamente, amiguinho, terás o mesmo fim de Hansen se eu não me empenhar em tua defesa. Há apenas dois caminhos: ou te entregas incondicionalmente a mim ou te entregas à própria sorte.

— Tens razão, meu amigo. Eu não quero morrer e me entrego aos teus cuidados. Desculpa-me o desatino. Continua o teu exame e salva-me.

O médico continuou atentamente as suas observações, e nelas ficou tão absorvido que falava em voz baixa, como se conversasse consigo mesmo, à medida que encontrava, sob as suas lentes, indícios que chamavam a sua atenção:

—Sim, aqui estão os resquícios bastante esmaecidos de mordedura e sucção. Os poros se dilataram até um raio três vezes maior do que o normal. Oh, percebo, claramente, a profundidade desta ruptura vascular! A carótida está seriamente comprometida pela equimose causada por uma ventosa formidável. Que terrível e inútil desperdício de vida... Certamente, há outras perdas nervosas, migrações forçadas de fluxos de energia, aproveitados ou transformados em misteriosas regiões... Ah, malditas! Ah, insaciáveis! Felizmente, existe ainda uma grande reserva de força para a luta. Não é um caso perdido. Que grande força é a da personalidade!

Depois, voltando-se para mim, ordenou-me que me vestisse.

— Meu amigo, se tivesses adiado a tua visita por uma quinzena ou um mês, eu te garanto que tudo teria sido inútil, e que terias empreendido a grande viagem sem a sentir e sem dares conta disso. Estarias agonizando, verias a tua mãe em desespero, verias o pastor prestando-te os últimos auxílios, e acreditarias que tudo seria uma brincadeira de mal gosto, um pesadelo, uma loucura de teus sentidos. És um homem e posso dizer-te: és vítima de sortilégios misteriosos. Morres durante o sono e os teus inimigos atacam-no enquanto dormes. Ainda existem, neste século de luzes e de incredulidade, forças misteriosas, poderes ocultos, sobrevivência da energia, malignidades ativas de vontades secretas, radiações psíquicas desconhecidas, forças não estudadas, espíritos — como se diz vulgarmente —, espíritos de mortos ou de vivos que operam, ferem, e até matam sorrateiramente. O raio de ação destas forças estranhas — a sua lei — ainda não ingressou no domínio da ciência oficial. São por ela negadas porque não são coisas verificáveis pelas leis científicas, pois não podem ser estudadas sob a lente do microscópio. E, no entanto, são coisas que existem, fenômenos que se realizam e que trazem consequências reais. Talvez tudo seja natural e racionalmente explicável dentro das leis biológicas e psíquicas conhecidas, e dentro das hipóteses aceitas, mas o que é certo é que ainda não restaram estabelecidos o mecanismo e a lei daquilo que, devido à sua aparência extranatural e maravilhosa, melhor corresponde à mitologia popular. Tu deves ter ouvido, entre os aldeões, mil histórias e lendas sobre súcubos e vampiros, e certamente riu-se delas. Bem, esses disparates, essas lendas de comadres, essas histórias de velhotes para assustar criancinhas são as que vieram a entrelaçar-se à vida de Hansen e o mataram; são as que, também, intervieram na tua vida e que te levariam a uma morte certa se eu não estivesse determinado a libertar-te delas com todo o esforço do meu carinho e dos meus estudos... Ainda amas Natalia? Sim, posso vê-lo nos teus olhos. Casa-te com ela o mais depressa possível. Acredita que isto contribuirá notavelmente para a nossa vitória. Não te assombres e nem me olhes com este ar de incredulidade. Eu sei o que digo. As mulheres idosas dizem que não há nada melhor do que o choro de uma criança para afugentar fantasmas e aparições. Tenho para mim que para afastar vampiras e súcubos não há nada melhor que um pimpolho de seis meses com o sangue de nossas veias.

Apesar da maneira meio brincalhona com que o médico me falava, senti que um frio de terror regelava os meus ossos e que uma palidez mortal aflorava em minha face.

— Ei, homem, não te alarmes! Eu me comprometo a arrancar de teu corpo essa obscura e sinistra consumição de vida. Por ora, tu comes comigo e dormes aqui. Escreve para a tua mãe e o meu empregado levará a tua carta. Visita a minha biblioteca, se quiseres, ou faz um passeio, se for de teu agrado. Ainda tenho que dedicar uma hora e meia aos meus clientes. Depois de escrever, toca a campainha e manda o meu empregado ir a cavalo à casa de tua mãe.

Enquanto o doutor atendia seus pacientes, procurei distrair-me de minhas dolorosas preocupações folheando os livros de sua biblioteca e vendo os seus estranhos e curiosos aparelhos. Mandei a carta à minha mãe e, quando já estava começando a entediar-me, o doutor entrou.

Conversamos um pouco e fomos para a sala de jantar em que, apesar da ameaça de morte que pairava sobre minha cabeça, ataquei a comida com verdadeiro apetite. O médico riu muito disso.

— Essa fome que sentes é a desforra da natureza: é o afã vital do organismo para recuperar as forças exauridas; é a vida buscando o equilíbrio perdido pela ação perturbadora de poderes ocultos.

Quando terminamos de comer, supliquei a ele que me contasse o caso de Hansen, e ele o fez da seguinte maneira:

II

— Certa noite, já bem tarde, quando eu já me entregara ao sono há várias horas, a campainha tocou precipitadamente,

anunciando um caso urgente. Ordenei ao mordomo que abrisse a porta e vesti imediatamente uma bata para receber o inoportuno cliente. Um jovenzinho pálido e lamuriento entrou e implorou-me de joelhos que acudisse imediatamente o seu irmão, que estava morrendo sem o meu auxílio. Eu o fiz entrar em meu dormitório e, enquanto eu me vestia, ele disse-me que, há vários meses, o seu irmão emagrecia, penosamente, dia a dia. Vários médicos e curandeiros tinham-no examinado, e ninguém conseguia parar a devastação da misteriosa doença: todos haviam receitado poderosos tônicos e revigorantes, mas tudo fora em vão, porque a caquexia era progressiva e, o que é pior, o doente não sentia qualquer desconforto ou dor que pudesse orientar os médicos.

"Naquela noite, ouviram um ruído no quarto de Hansen, e a mãe, temendo algum acidente, entrou no quarto e encontrou o jovem agitado, inchado, banhado de suor, e com uma pequena ferida no peito. Acordaram-no. A sua fraqueza era tal que ele não conseguia falar. A família de Hansen morava no campo, naquela bela quinta cujo bosque de tílias corta o caminho que liga a cidade à tua casa. Dispensei o jovem, assegurando-lhe que iria tão logo o meu cavalo fosse selado. Assim o fiz e, no caminho, pensei ter ouvido gritos e uivos estranhos, e presumi que partiam de lobos a devorar alguma ovelha desgarrada num bosque vizinho. Também julguei que o meu cavalo quisera empinar-se e que estremecia, como se mãos invisíveis o mortificassem e lhe impusessem obstáculos. Atribuí toda esta agitação à irascibilidade do animal, aborrecido com este trote noturno. Cheguei à quinta e fui levado por várias mulheres desconsoladas ao quarto do doente. Encontrei um jovem sumamente emaciado e pálido, que parecia estar dormindo ou desfalecido. Depois de examiná-lo, vi que tinha manchas vermelhas no pescoço e no peito e, neste, havia uma que sangrava ligeiramente. Examinando-a, imediatamente inferi que eram o resultado de uma sucção brutal. Mais de uma vez, eu tivera a ocasião de encontrar, nos hospitais, homens e mulheres que tinham sido sugados, em virtude daquele sadismo selvagem em que, em certos temperamentos grosseiros, o amor degenera. Não é raro que o amor e os instintos sanguinários e ferozes evoluam paralelamente; e, em muitas espécies animais, o amor é o antecedente da morte, ou melhor, esta é a consequência daquele.

"Como era natural supor, aquelas manchas de Hansen tinham alguma origem, e isso, talvez, pudesse me orientar quanto às causas do estado de coma e do enfraquecimento geral do pobre rapaz. Era o que eu precisava averiguar em primeiro lugar. Roguei à senhora que fizesse sair as suas filhas e o jovem que veio me procurar. Uma vez a sós, disse-lhe:

"— Senhora, o seu filho dá sinais de ter sido sugado por alguém que esteve com ele, aqui ou fora da quinta. Oh, senhora, compreendo a sua surpresa! Há coisas que a senhora ignora, que uma alma singela não pode conceber e que não é nobre descobrir. No entanto, devo preveni-la daquilo que observo em volta de seu filho: sinto a pérfida influência de algum ente maligno. Diga-me, então, se outras pessoas vivem aqui, além da senhora e seus filhos.

"— Meu marido, ausente por algumas semanas, a empregada de minhas filhas e mais dois velhos criados.

"— A senhora põe fé na moralidade da empregada?

"— Oh, sim, senhor! Fé absoluta...

"— É confiar demais, senhora ... Perdoe-me esse questionamento sobre a privacidade do seu lar, mas acredite que eu preciso inteirar-me de certas coisas para diagnosticar a doença do seu jovem filho e determinar o tratamento. Diga-me se o jovem Hansen é dado a... amores passageiros, passatempos galantes... Vamos, diga-me se ele comete certas imprudências, como a maioria dos jovens de sua idade. Se bebe, se chega tarde e quais são os seus costumes.

"— Hansen vive apenas para a noiva, assim como ela vive apenas para ele. Não sei se ele comete as imprudências a que o senhor alude. Mas creio que não, porque todo o tempo é muito curto para que ele visite a sua Alicia. De manhã, caminha, na companhia de Alicia, com seus irmãos; de tarde, substitui o irmão no

cuidado da plantação; de noite, ele volta para a noiva. Previno o senhor de que esses encontros se dão sempre na presença de meus filhos ou dos pais e irmãos de Alicia. Às dez horas da noite, Hansen vai para a cama.

"— Uma última pergunta, senhora: tem certeza de que, depois dessa hora, ninguém se encontra com Hansen e que o jovem não sai furtivamente de casa? Não me esconda nada, senhora, porque, apesar dos bons informes que me dá, posso assegurar-lhe que algo misterioso está acontecendo à noite. Algo que está matando o seu filho.

"A senhora, chorando, me garantiu a moralidade do filho, que a porta se fechava assim que Hansen chegava, que a empregada dormia no quarto contíguo ao das filhas, que o cão dormia junto ao quarto de Hansen. E tanta certeza me deu que vacilei no conceito que havia formado sobre as causas do definhamento do jovem enfermo.

"Ministrei a Hansen um tônico enérgico e ele logo acordou. Seu rosto expressava um grande assombro.

"— O que está acontecendo, mãe? Por que me rodeias?

"Tomei o braço esquerdo do jovem e mostrei-lhe uma das manchas avermelhadas que cruzavam uma artéria; perguntei, olhando para ele.

"— Quem fez isto? E esta... contusão no pescoço? E esta, no peito?

"Hansen parecia perplexo com minhas perguntas. Depois, como quem lembra, ele respondeu:

"— Ah sim, sim... Eu já tinha observado isso nas manhãs, ao banhar-me. Mas, como não me causavam dor ou desconforto, não voltei a me lembrar dessas manchas.

"E, percebendo o desânimo e tristeza de sua mãe, ele se sentou na cama:

"— Acaso é algo sério, doutor? Será varíola? E quanto a Alicia? Não deixe que Alicia venha aqui.

"Tão sincera era a sua ignorância e tão notável era o tom de sua voz que não me restou dúvida de que Hansen não era minimamente responsável pelo seu mal.

"Depois de conversar um pouco com Hansen e sua mãe, despedi-me. Prescrevi um regime restaurador. Mandei que fechassem bem uma janela alta, que estava entreaberta, e ordenei à senhora que vigiasse cuidadosamente o sono do jovem. Prometi voltar no dia seguinte.

"Ao sair e montar o meu cavalo, notei que o animal estava assustadíssimo. Em muitos lugares, ao longo do caminho, percebi uivos e gritos distantes de mulheres, e em duas ou três ocasiões ouvi algo como o zumbido de pedras, atiradas por mãos invisíveis contra mim. Por muito tempo, já na cama, meditei sobre o estranho caso do jovem Hansen.

"No dia seguinte, às primeiras horas da noite, fui ver meu paciente. Seu semblante estava melhor. A senhora disse-me que, seguindo a minha orientação, tinha velado o sono do filho e que constantemente tinha de se levantar para fechar hermeticamente a janela do quarto, porque o ar, com uma fúria invulgar, lhe tinha empurrado as folhas. Mas, naquela noite, não houvera vento!

"Às nove, pus o jovem Hansen para dormir na minha presença. Mandei que lhe dessem leite, ovos crus e uma taça de vinho do Porto. Pouco depois, ele adormeceu. Então, pendurei paralelamente ao seu leito uma cortina preta que havia levado, apaguei a luz, abri um pouco a janela e me escondi num canto bem escuro, atrás de alguns móveis, para observar meu paciente. Mais de duas horas se passaram. Nenhum som chegava aos meus ouvidos além da tranquila respiração de Hansen, o canto dos galos da vizinhança e o mugido das vacas da quinta. Eu ouvi soar as doze horas em um relógio cuco. Esperei mais.

"De repente, ouvi vozes de mulheres que, à distância, mesclavam-se a uivos. Levantei furtivamente a cabeça para a janela. Vi uma nuvem informe que se agitava entre as barras, uma espécie de redemoinho de linhas tênues, de formas vagas e desfeitas, de corpos aéreos indecisos. Aos poucos, tudo foi se definindo, os ruídos se converteram em sussurros e as formas

vagas se condensando em corpos de mulheres. Como aves carniceiras, elas se deixaram cair sobre os armários e os móveis. Eram mulheres brancas com feições nervosas e cínicas. Seus olhos eram amarelos e fosforescentes como os de corujas; os lábios — de um vermelho sangrento — eram carnudos e, atrás deles, contraídos em sorrisos perversos, se viam pequenos dentes, afiados e brancos como os de ratazanas. Os corpos dessas mulheres tinham o brilho oleoso de superfícies envernizadas e a transparência leitosa de opala. A primeira a descer precipitou-se, ansiosa, sobre o jovem adormecido e o beijou raivosamente na boca; depois, com uma contração infame dos lábios, tomou o lábio inferior de Hansen entre os dentes e o mordeu suavemente. Pôs-se, então, a sugar-lhe o sangue, enquanto o seu corpo se agitava diabolicamente e os seus olhos emitiam um fulgor esverdeado que iluminava o rosto do homem adormecido.

"Mais outras duas desceram: pareciam famintas de sangue e prazer. Uma se apoderou de uma orelha, outra sentou-se no chão e, com a ponta da língua, que devia ser áspera como a dos felinos, começou a acariciar a plantas dos pés de Hansen, que se contraíram, como se eletrificados. Outra, sinistramente bela, ajoelhou-se na cama e, com a espinha dorsal encurvada, com os cabelos lançados sobre a testa, aderiu sua boca ao peito de Hansen: parecia uma hiena devorando um cadáver. Todo o corpo do jovem se retorceu de um desespero louco, que poderia ser tanto a contração de um prazer agudo ou a de uma dor violenta: ele agitava-se com a inconsciência de um pedaço de carne posto em brasas. E outras e mais outras, diabólicas, belas, perversas, desceram da janela e aderiram as suas cabeças a diferentes partes do corpo de Hansen. Os corpos opalinos daquelas malditas mulheres se destacavam contra o tecido preto com toda a precisão. Vi passar gota a gota o sangue sugado por aquelas bocas infernais, via correr o sangue pálido por suas veias, subir-lhe aos rostos e colorir aquelas faces lívidas de um tênue rosa... O terror me paralisou e meus esforços para gritar foram em vão. Cinco ou dez minutos depois daquela horripilante cena de vampirismo, recuperei-me um pouco: dei um salto brusco, como se molas em meu corpo tivessem sido repentinamente liberadas de um obstáculo que lhes impedia a distensão. As vampiras fugiram dando uivos tão terríveis que os meus cabelos se eriçaram.

"Com um salto — ou voo —, elas correram para a janela e escaparam aos gritos.

"A porta se abriu e a mãe de Hansen entrou apavorada, meio vestida. O uivo distante daquelas mulheres sinistras ainda podia ser escutado.

"— O que foi isso? — ela perguntou, tremendo de terror e pálida como um cadáver.

"— Senhora, eles são as vampiras, que há um bom tempo estão assassinando o seu filho. Quando se viram surpreendias em sua infame atividade, elas fugiram.

"A mãe de Hansen desmaiou de terror. Quando voltou a si, ajoelhou-se aos meus pés e, tomando as minhas mãos, disse:

"— Salve meu filho, doutor! Salve-o do poder dessas fúrias infernais. A minha vida, a do meu marido, dos meus filhos, será consagrada ao seu serviço; a nossa fortuna será sua, doutor...

"Prometi à senhora esgotar os recursos da ciência para salvar Hansen. Mas já era tarde. Todo o meu esforço foi inútil. Dois dias depois, morreu o pobre rapaz, alegre, sem perceber que fenecia, acreditando-se saudável, assim como tu mesmo acreditaste, meu amigo. Um dado: Hansen havia cortejado muitas mulheres antes de amar sua noiva. E muitas das belas aldeãs estavam morrendo de amor pelo galã que, nos últimos tempos, profundamente apaixonado por Alicia, as desprezava."

III

No dia seguinte, minha mãe e a pequena Natalia me esperavam cheias de ansiedade. Assim que cheguei em casa, notaram a melhora que eu havia experimentado, mas se alarmaram quando viram que um pensamento sombrio vagava pelos meus olhos. Eu as tranquilizei, assegurando-lhes que logo estaria saudável e

forte com o tratamento que o médico me havia prescrito. A pequena e esbelta Natalia saltou aos em meus braços batendo palmas de alegria. Num momento em que estávamos a sós, ela beijou meus olhos com tanto fervor e amor que minhas carnes estremeceram... Era assim que as vampiras deveriam beijar!

Dormi a tarde inteira com a cabeça apoiada nos joelhos da minha noiva, que havia obtido da família a permissão para passar o dia em minha casa.

À noite, não conseguia dormir. Às três da manhã, eu tinha os olhos fechados, mas não dormia. De repente, ouvi pequenos ruídos, pequenos estalos e, em seguida, o deslizar de algo impalpável sobre o tapete. Meus cabelos se eriçaram de terror. Senti que o hálito quente e perfumado dos lábios de uma mulher acariciava minha têmpora, e uma voz silenciosa murmurava em meus ouvidos frases ardentes de amor, promessas de felicidade infinita. Senti, depois, que um corpo duro e ardente, que não pesava, se punha ao meu lado e que uns lábios se colavam ao meu pescoço. Louco de terror, levantei-me, dando um grito abafado. E, tentando agarrar e estrangular a maldita vampira, só consegui mordê-la no braço. E, como se em meus dentes e em minha língua eu tivesse os olhos e a consciência; como se alguma vez eu tivesse provado o seu sangue, tive — sem ver aquele corpo que fugiu ou desvaneceu — a sensação de que a carne que mordia era a da pequena e esguia Natalia.

Durante toda a manhã, fui presa de preocupações. À tarde, quando visitei a minha noiva, implorei que ela me mostrasse o braço, na altura cotovelo. Alicia tinha uma lesão recente! Eu não averiguei mais nada. Afastei-me, abruptamente, de minha noiva e, a cavalo, fui ver o médico, a quem contei, com ar sombrio, o que me havia acontecido e participei a minha resolução de desmascarar aquela infame bruxa, que se dedicava a satisfazer seus ignóbeis instintos vampíricos e, fingindo devotar o mais apaixonado amor, estava me matando.

O médico me ouviu com profunda atenção, refletiu um pouco e depois riu:

— O que me contaste prova algo que sempre me preocupou constantemente. Não deves fazer juízos deprimentes sobre a tua noiva, que merece teu amor e respeito, porque ela é pura como os anjos. O que acontece é que, por ser pura, inocente e boa, não deixa ela de ser mulher e, como tal, tem imaginação, desejos, sonhos e aspirações à felicidade. Ela tem nervos, tem ardores e veemências naturais e, acima de tudo, ela te ama com aquele amor equilibrado das naturezas saudáveis. Foram os seus desejos, suas curiosidades de noiva, seu pensamento intenso sobre ti o que vieram procurá-lo na noite passada. Os pensamentos, em certos casos, podem exteriorizar-se, personalizar-se, isto é, viver e agir, por uma certa energia latente no inconsciente que os acompanha, como seres ativos, como entidades substantivas, como pessoas. Tudo isso é obra da força psíquica que tem um raio de ação infinito e cujas leis ainda são misteriosas. Se perguntas a tua noiva o que ela fazia ontem à noite, à hora em que tiveste a visão, ela responderá que pensava em ti, que sonhava contigo. Talvez nada disso, porque o fenômeno misterioso também se verifica na mais absoluta inconsciência, e, talvez, com mais força. Acredita em mim, Stanislas: o poder da personalidade humana é muito vasto. Agora, aqui está o regime terapêutico que te prescrevo: casa-te com a tua prometida. Casa-te hoje mesmo. Se não hoje, amanhã. E se não for amanhã, o mais rápido possível. Esse é o teu remédio. E... o da tua noiva.

IV

O Dr. Max Bring era induvidosamente sábio. E quão formosa e inofensiva a minha vampira! Eu vos desejo, cordialmente, uma igual.

Tradução de Paulo Soriano.

LAS VAMPIRAS

Clemente Palma
(1872 – 1846)

Hubo un tiempo en que enflaquecí extremadamente. Mis brazos y mis piernas se adelgazaron de una manera desconsoladora, y mi busto, antes musculoso y fuerte, degeneró de tal modo que se diseñaba claramente, bajo la piel lívida y pegajosa, la maquinaria ósea de mi tórax. Mi pobre madre me decía desconsolada:

—Stanislas, hijo mío, ¿qué mal misterioso es el que te consume? Tu enflaquecimiento no es natural, y precisa que un médico estudie estado. ¿Qué dolor te aqueja? ¿Qué es lo que sientes de anormal? Refiéremelo todo y no te detenga el temor de ocasionarme sacrificios. Irás a Niza, al Adriático, a Suiza, a donde sea necesario, a fin de que recobres tu perdida salud y tus fuerzas. Temo, hijo mío, que la tuberculosis haya hecho presa en tus pulmones… Y, sin embargo, no te oigo toser. ¿Verdad que no toses, luz de mi alma?

Mi prometida, la pequeña y esbelta Natalia, besaba desconsolada mis manos.

—Tus labios arden, Stanislas mío, como si el Etna estuviese en tus entrañas y caldeara tu boca y tu aliento. ¿Por qué esa fiebre que te mata, ese fuego que te consume la vida y evapora tu sangre? Diérate la mía para volver a regocijar mis ojos con los colores que ostentaban antes tus mejillas llenas de frescura y encanto… ¿Es alguna preocupación lo que destruye tu ser?... Pero no; tú conservas tu espíritu alegre y apasionado. ¡Y el muy ingrato, se impacienta y se burla del testimonio de nuestros ojos amantes! Estás enfermo, Stanislas, estás gravemente enfermo y pronto dormirás en el sepulcro, y se morirá tu madre de pena y me moriré yo de desesperación…

Y la pobre doncella se arrodillaba ante mí y mojaba con sus lágrimas mis manos. Yo la levantaba bromeando y burlándome de sus terrores; pero, tanto insistieron las dos mujeres, que al fin llegué a alarmarme. Realmente, me veía algo enjuto y nada más. La jovialidad de mi carácter no había desaparecido. Me sentía extenuado; un poco fatigado y débil en las mañanas, pero pronto me reponía, me sentía nuevamente fuerte y ágil, tanto que me imaginaba que de un alto formidable podría llegar al cielo, coger al sol y traérmelo al caer para hacer una diadema que colocaría en la frente de mi pequeña y esbelta Natalia.

—Pero si nada tengo, ningún sufrimiento físico ni moral —decía yo a las dos mujeres, cuando con voz lacrimosa comentaban mi supuesta dolencia, —¿no veis que mi vida continúa igual que antes? Hasta como con mejor apetito, y duermo más profundamente; no siento dolor alguno, y sólo podéis fundar vuestros temores en la circunstancia de estar ahora más pálido y enjuto… Bueno ¿y qué? Hay épocas en que los hombres y las mujeres nos desmejoramos algo. Será acaso porque, por circunstancias ignotas, hay un mayor trabajo de desasimilación orgánica. Dejad, pues, obrar mi organismo, y, sobre todo, dejadme en paz con vuestros augurios y desconsuelos que van a enfermarme realmente…

Pero tanto hicieron, repito, que un día, por complacerlas, fui a la ciudad donde mi sabio y aun joven amigo el doctor Max Bing.

—Celebro infinito verte —exclamó al verme entrar en su estudio. Y luego, calándose los anteojos y fijando su escrutadora mirada en mi persona hizo un gesto asombroso. —¡Hombre! ¿Qué enfermedad ha hecho en ti tales estragos?... ¡Pero si estás casi desagradable! Veamos, siéntate y dime qué es lo que te trae. ¿Vienes como cliente o como amigo?

—En primer lugar, no he estado enfermo, doctor, y creo al contrario haber gozado de inmejorable salud. Pero, a pesar de estar sano, vengo donde usted para que me diga qué es lo que tengo a pesar de estar sano.

—Pues, el aspecto que traes es el de una persona que ha estado o está gravemente enferma. Entra a mi gabinete.

Examinóme el doctor de diferentes maneras y con diversos aparatos, me pulsó, me colocó en variadas posturas, me auscultó e hizo cuanto le indicaba su ciencia para observar lo que por mí pasaba. Y cada examen noté que crecía su alarma. Por fin, con voz un poco alterada, me dijo:

—Estás muy engañado, querido Stanislas, al creer que estás sano. Eres presa de una consunción violenta que podría ser mortal si no la atacáramos con rapidez y energía. No es por cierto tu caso el primero que se me presenta, y todos los síntomas que observo me hacen presumir que tienes lo que mató a Hansen, un joven robusto y hermosote que murió a dos meses. ¿Tienes algún dolor sordo? ¿Has observado alguna anormalidad funcional en tus órganos? ¿Tienes mareos en la mañana, pesadez en la cabeza, sueño profundo o ensueños mortificantes?

El acento del doctor Bing quería ser tranquilo, pero yo notaba que había una inquietud mal disimulada. Él me amaba tiernamente; nuestras familias cultivaron leal amistad, y él era estudiante de medicina cuando yo chiquillo, y más de una vez me tuvo en sus rodillas. La alarma del médico me hizo sentir un frío de muerte en las venas: temí morirme y pensé en mi madre y en mi pequeña Natalia. Procuré serenarme y dije al doctor lo que había dicho ya tantas veces: que sentía un ligero desvanecimiento al despertar, desvanecimiento que pasaba en cuanto bebía el gran vaso de leche cocida con que acostumbraba a desayunarme. Después me sentía ágil, desaparecía todo malestar, comía con apetito y dormía profundamente. Respecto a ensueños, no recordaba de un modo preciso si los tenía, pero si me quedaba como una sombra de recuerdo de haberlos tenido.

—¡Lo mismo que Hansen! —decía el médico pensativo.

En seguida me hizo quitar la camisa y la camiseta y con una lente poderosa examinó el cuello y el pecho.

—¡Exactamente igual que Hansen! —repitió varias veces a medida que avanzaba en su examen.

—Doctor —exclamé impaciente; —poco me importa ese señor Hansen, y me tendría sin cuidado así resucitara cien veces y otras tantas se muriera. Cualquiera que sea el mal de que murió ese señor: tisis, hidrofobia, cáncer o meningitis, ni ha sido el primero ni será el último.

—¡Eh, eh, joven irascible! Si recuerdo al pobre Hansen, es porque tuvo el más extraño de los males; la más inverosímil, pero también la más terrible de las causas, fue la que le llevó a la tumba. Y seguramente, amiguito, tendrías igual fin que Hansen si yo no te defendiera. No hay sino dos caminos: o te entregas incondicionalmente a mí o te entregas a tu suerte.

—Tiene usted razón, amigo mío. No quiero morirme y a usted me entrego. Dispénseme mis majaderías. Prosiga usted su examen y sálveme.

El doctor continuó atentamente sus observaciones y se abstrajo tanto en ellas que hablaba en voz baja como si dialogara consigo mismo, a medida que encontraba bajo su lente datos que le llamaban la atención:

—Sí; aquí están las huellas muy borradas de las mordeduras y de la succión… Los poros se han dilatado aquí en un radio tres veces mayor que el natural… Oh, percibo perfectamente la profundidad de esta ruptura vascular. La carótida seriamente comprometida por la equimosis provocada por formidable ventosa. ¡Qué terrible gasto inútil de vida!... Seguramente hay otras pérdidas nerviosas, egresos forzados de energía, aprovechados o transformados en misteriosas regiones…, ¡Ah, malditas; ah, insaciables!... Felizmente, hay aún gran reserva de fuerzas para la lucha; no es el caso perdido. ¡Qué fuerza tan vasta es la de la personalidad!

Luego, volviéndose a mí, me ordenó que me vistiera.

—Amigo mío, si hubieras retardado tu visita quince días o un mes, te aseguro que todo hubiese sido inútil, y sin remedio emprenderías el gran viaje sin sentirlo y sin darte cuenta de ello. Estarías agonizando, verías a tu madre desesperada, verías al pastor prestándote los últimos auxilios, y creerías que todo era una broma de mal gusto, una pesadilla, una locura de tus sentidos. Eres un hombre y te lo puedo decir: eres víctima de sortilegios misteriosos. Te mueres en sueños y tus enemigos te atacan dormido. Aún hay, en este siglo de las luces y de la incredulidad, fuerzas misteriosas, poderes ocultos, supervivencias de la energía, malignidades activas de voluntades secretas,

radiaciones psíquicas desconocidas, fuerzas no estudiadas, espíritus, como se dice vulgarmente, espíritus de muertos o de vivos que obran, hieren, y aun matan en la sombra. El radio de acción de estas fuerzas extrañas, su ley, no ha entrado todavía en el dominio de la ciencia oficial: son negados por ella porque no son cosas verificables por las leyes científicas, no se pueden estudiar bajo el ocular del microscopio. Y, sin embargo, son cosas que existen, fenómenos que se realizan y que traen consecuencias positivas. Quizá todo sea natural y racionalmente explicable dentro de las leyes biológicas y psíquicas conocidas, y dentro de las hipótesis aceptadas, pero lo cierto es que aún no se ha acertado el mecanismo y la ley de esto que, por su apariencia extranatural y maravillosa, corresponde más bien a la mitología popular. Tú habrás oído entre los aldeanos, y seguramente te habrá reído, mil historias y leyendas de vampirismo y de sucubato. Pues bien, esas paparruchas, esas leyendas de comadres, esos cuentos de viejos para asustar a los arrapiezos son los que vinieron a entretejerse en la vida de Hansen y lo mataron; son las que han intervenido también en tu vida y las que te llevarían a una muerte segura, si yo no estuviera resuelto a librarte de ellas con todo el esfuerzo de mi cariño y de mis estudios… ¿Continúas amando a Natalia? Sí, ya lo veo en tus ojos. Cásate con ella lo más pronto posible. Créeme que ello contribuirá notablemente a nuestra victoria. No te asombres ni me mires con ese aire de incredulidad. Yo sé lo que digo. Las viejas refieren que para espantar y alejar los fantasmas y aparecidos no hay nada mejor que el llanto de un niño: tengo para mí que para alejar las vampiras y súcubas nada mejor que un pilluelo de seis meses con sangre de nuestras venas.

A pesar del modo semi-en-broma con que me hablaba el doctor, sentí que un frío de espanto helaba el doctor, sentí que un frío de espanto helaba mis huesos y que una palidez mortal subía a mi rostro.

—Eh, hombre, no te alarmes, que yo me comprometo a arrancar tu cuerpo de esa obscura y siniestra devoración de tu vida. Por lo pronto, hoy comes conmigo y duermes aquí. Escribe a tu madre, y mi paje llevará tu carta. Pasa a mi biblioteca, si quieres, o sal a pasear si te agrada. Aún tengo que dedicar hora y media a mis clientes. Cuando hayas escrito, toca el timbre para que ordenes al paje montar a caballo e ir a la casa de tu madre.

Mientras el doctor atendría a sus consultas, procuré distraerme de mis dolorosas preocupaciones hojeando los libros de su biblioteca y viendo sus extraños y curiosos aparatos. Remití la carta a mi madre, y a poco, cuando ya empezaba a fastidiarme, entró el doctor. Conversamos un rato, y pasamos al comedor donde, a pesar de la amenaza de muerte que tenía suspendida sobre mi cabeza, ataqué las viandas con verdadero apetito. Mucho rio el doctor por ello.

—Esa hambre que sientes es el desquite de la naturaleza: es el afán vital del organismo por recobrar las fuerzas agotadas; es la vida buscando el equilibrio perdido por la acción turbadora de poderes ocultos.

Cuando acabamos de comer, le supliqué que me refiriera el caso de Hansen y lo hizo de modo siguiente:

II.

Una noche, ya muy tarde, cuando hacía varias horas que estaba entregado al sueño, sonó precipitadamente el timbre anunciándome un caso urgente. Ordené al mayordomo que abriera, e inmediatamente me puse una bata para recibir al importuno cliente. Entró un jovenzuelo pálido y lloroso a suplicarme de rodillas que acudiera en el acto a socorrer a su hermano que se moriría sin mi auxilio. Le hice entrar a mi dormitorio y, mientras me vestía, me refirió que su hermano, desde hacía varios meses, se enflaquecía día a día de un modo lastimoso: le habían visto varios médicos y curanderos y nadie acertaba a detener los estragos de la misteriosa dolencia: todos habían recetado poderosos tónicos y reconstituyentes, pero había sido en vano porque la caquexia era progresiva, y, lo que es peor, el enfermo no sentía incomodidad ni dolor alguno que pudiesen orientar a los facultativos.

Esa noche se sintió ruido en la habitación de Hansen, y la madre, temiendo algún accidente, entró en la habitación y encontró al joven agitado, hinchado, bañado en sudor y con una pequeña herida en el pecho. Lo despertaron, y era tal su debilidad que no podía hablar. La familia de Hansen vivía en el campo, en aquella hermosa granja cuyo bosque de tilos corta el camino que conduce de esta ciudad a tu casa. Despedí al joven asegurándole que iría inmediatamente que estuviese ensillado mi caballo. Así lo hice, y durante el camino creí oír gritos y aullidos extraños, y supuse que serían lobos que estarían devorando en algún bosque vecino a alguna ovejuela descarriada. También creí observar que mi caballo intentaba encabritarse y que se estremecía como si manos invisibles le pincharan y le presentaran obstáculos. Atribuí toda esta agitación a genialidades del animal, disgustado con este trote nocturno. Llegué a la granja y me llevaron varias mujeres desconsoladas a la habitación del enfermo. Encontré un joven sumamente enflaquecido y pálido, que parecía dormido o desfallecido. A poco de examinarle observé que tenía manchas rojas en el cuello y en el pecho, y en este último sitio había una que sangraba ligeramente. A la inspección de ellas comprendí inmediatamente que eran resultado de una succión brutal. Más de una vez habían tenido ocasión de encontrar en los hospitales hombres y mujeres succionados, en virtud de ese salvaje sadismo en que degenera el amor en ciertos temperamentos groseros. No es raro que el amo y los instintos sanguinarios y feroces evolucionan paralelamente; y en muchas especies animales el amor es el antecedente de la muerte o, mejor dicho, ésta es la consecuencia de aquél. Como era natural suponer, esas manchas de Hansen tenían algún origen y esto acaso podría orientarme sobre las causas de ese estado comatoso y de ese debilitamiento general del pobre joven. Esto era en primer lugar lo que necesitaba averiguar. Rogué a la señora que hiciera salir a sus hijas y al jovenzuelo que fue a buscarme. Una vez que estuvimos solos, le dije:

—Señora, su hijo presenta huellas de haber sido succionado por alguien que ha estado con él, bien aquí, bien fuera de la granja. ¡Oh, señora!, comprendo su sorpresa: hay cosas que ignora usted, que no puede concebir un alma sencilla y que no es noble descubrir: no obstante, debo advertirle que observo en torno de su hijo, que presiento cerca de él la nociva influencia de algún ser perverso. Dígame usted, pues, señora, si además de usted y de sus hijos viven otras personas aquí.

—Mi marido, ausente por pocas semanas, una doncella de mis hijas y dos viejos sirvientes más.

—¿Tienes usted fe en la moralidad de la doncella?

—Oh, sí señor; fe absoluta…

—Es mucho decir, señora… Perdóneme usted este interrogatorio sobre las intimidades de su casa, pero créame que necesito enterarme de ciertas cosas para diagnosticas la enfermedad de su joven hijo y fijar el tratamiento. Dígame si el joven Hansen es aficionado a… a los amores ligeros, a los pasatiempos galantes, vamos, si comete calaveradas como la mayoría de los jóvenes de su edad; si bebe, si se recoge tarde y cuáles son sus costumbres.

—Hansen no vive sino para su novia, así como ella no vive sino para él. Ignoro si comete las calaveradas a que usted alude; pero no lo creo, porque todo el tiempo le es corto para visitar a su Alicia. En las mañanas pasea con ella por los bosques con sus hermanos, por la tarde reemplaza a su hermano en el trabajo de vigilar los sembríos; en las noches vuelve donde su novia. Advertiré a usted que estas entrevistas son siempre en presencia de mis hijos o de los padres y hermanos de Alicia. A las diez de la noche se acuesta Hansen.

—Una última pregunta, señora: ¿tiene usted seguridad de que después de esa hora nadie se ve con Hansen, y de que el joven no sale furtivamente de casa? Nada me oculte usted, señora, porque a pesar de los buenos informes que me da, puedo asegurarle que algo misterioso pasa por las noches, algo que está matando a su hijo.

La señora, llorando, me aseguró la moralidad de su hijo, que la puerta se cerraba en cuanto Hansen llegaba, que la doncella dormía en la habitación contigua a la de sus

hijas, que el perro dormía junto al cuarto de Hansen. Tantas seguridades me dio que vacilé en el concepto que tenía formado sobre las causas de la consunción del joven enfermo.

Le hice dar un enérgico cordial y a poco Hansen despertó, expresando su rostro un gran asombro.

—¿Qué sucede, madre? ¿Por qué me rodeáis?

Cogí el brazo izquierdo del joven y mostrándole una de las manchas rojizas que cruzaba una arteria le pregunté mirándole fijamente.

—¿Quién he hecho esto? ¿Y esta… contusión del cuello? ¿Y ésta del pecho?

Hansen pareció estupefacto con mis preguntas. Luego, como quien recuerda, me respondió:

—Ah sí, sí… Ya había yo observado esto en las mañanas al bañarme, pero no me ocasionaba dolor ni molestia alguna, no he vuelto a acordarme de ello.

Y al notar la consternación y tristeza de su madre, se incorporó en el lecho:

—¿Pero acaso es algo grave, doctor?... ¿Serán viruelas? ¿Qué es de Alicia? Que no venga Alicia.

Era tan sincera su ignorancia, tan noble el acento de su voz, que no me quedó ya duda de que Hansen no tenía la menor culpabilidad de su mal.

Al cabo de un rato de conversar con Hansen y su madre, me despedí. Dejé un régimen reparador. Hice cerrar bien una ventanilla alta que se había entreabierto, y encargué a la señora que velara atentamente el sueño del joven. Prometí volver al día siguiente.

Al salir y montar mi caballo noté que el animal estaba asustadísimo. En muchos sitios del camino percibí aullidos y gritos lejanos de mujeres y en dos o tres ocasiones sentí como el zumbido de piedras que manos invisibles disparaban contra mí. Largo rato medité en mi cama sobre el caso extraño del joven Hansen.

Al día siguiente fui en las primeras horas de la noche a ver a mi enfermo. Su semblante estaba mejor. La señora me refirió que siguiendo mi prescripción había velado el sueño de su hijo y que constantemente tuvo que levantarse a cerrar herméticamente la ventana de la habitación, porque el aire con furia inusitada había estado empujando las hojas. ¡Y esa noche no había corrido viento!

A las nueve hice acostar en mi presencia al joven Hansen. Ordené que le dieran de beber leche, huevos crudos y una copa de Oporto. Poco después se durmió. Entonces colgué paralela a su cama una cortina negra que había llevado, apagué la luz, abrí un poco la ventana y me escondí en un rincón bien obscuro tras de unos muebles para observar a mi enfermo. Pasáronse más de dos horas. No llegaban a mis oídos más ruidos que el tranquilo de la respiración de Hansen, el canto de los gallos de la vecindad y el mugido de las vacas de la granja. Oí sonar las doce en un reloj de cuco. Esperé más.

De pronto oí lejanas voces de mujeres mezcladas con aullidos. Levanté sigilosamente la cabeza hacia la ventanilla. Vi una nube informe que se agitaba entre las rejas, una especie de remolino de líneas tenues, de formas vagas y deshechas, de cuerpos aéreos indecisos; poco a poco todo fue definiéndose, los ruidos se convirtieron en cuchicheos y las formas vagas condensándose en cuerpos de mujeres. Como aves carniceras se dejaron caer sobre los armarios y muebles. Eran mujeres blancas de formas nerviosas y cínicas; tenían los ojos amarillos y fosforescentes como los de los búhos; los labios de un rojo sangriento eran carnosos y detrás de ellos, contraídos en perversas sonrisas, se veían unos dientecillos agudos y blancos como los de los ratones. Los cuerpos de esas mujeres tenían el brillo oleoso de superficies barnizadas y la transparencia lechosa del ópalo. La primera que bajo se precipitó ansiosa sobre el joven dormido y le besó rabiosamente en la boca; luego, con una contracción infame de sus labios, cogió entre los dientes el labio inferior de Hansen y le mordió suavemente, y siguió succionando su sangre, mientras su cuerpo se agitaba diabólicamente y sus ojos despedían un fulgor verdoso que alumbraba la cara del dormido. Bajaron al lecho

otras dos: parecían hambrientas de sangre y placer; una se apoderó de una oreja, otra sentóse en el suelo, y con la punta de la lengua, que debía ser áspera como la de los felinos, se puso a acariciar la planta de los pies de Hansen. Éstos contraíanse como electrizados. Otra, siniestramente, hermosa, se arrodilló en la cama y, con la espina dorsal encorvada, con los cabellos echados sobre la frente, adhirió su boca al pecho de Hansen: parecía una hiena devorando un cadáver. Todo el cuerpo del joven se retorció con una desesperación loca que tanto podía ser la contracción de un placer agudo o de un violento dolor: agitábase con la inconciencia de un pedazo de carne puesto en las brasas. Y otra y otras más, diabólicas, hermosas, perversas, bajaron y adhirieron sus cabezas a diferentes partes del cuerpo de Hansen. Los cuerpos opalinos de esas malditas se destacaban sobre la tela negra con toda la precisión. Veía pasar gota a gota la sangre succionada por esas bocas infernales, veía correr esa sangre pálida por las venas, subirle al rostro y colorear esas lívidas mejillas de un rosado tenue… El terror me había paralizado y mis esfuerzos por gritas eran vanos. A los cinco o diez minutos de esa horripilante escena de vampirismo, me repuse algo: di un salto brusco como si tuviera en mi cuerpo muelles súbitamente libertados de un obstáculo que les impidiera la distensión. Las vampiras huyeron dando aullidos tan espantosos que mis cabellos se erizaron. De un s alto o vuelo se precipitaron a la ventanilla y escaparon chillando.

La puerta se abrió y entró la madre de Hansen aterrada, a medio vestir. Aún se oía el lejano aullido de esas mujeres siniestras.

—¿Qué ha sido eso? —me preguntó temblando de terror y pálida como un muerto.

—Señora, son las vampiras, que desde hace tiempo están asesinando al hijo de usted. Al verse sorprendidas en su infame obra han huido.

La madre de Hansen cayó desmayada de espanto. Cuanto volvió en sí, se arrodillo a mis pies y cogiéndome las manos me dijo:

—Salve usted a mi hijo, doctor, sálvele del poder de esas furias infernales…; mi vida, la de mi esposo, a de mis hijos, será consagrada al servicio de usted, nuestra fortuna será suya, doctor…

Ofrecí a la señora agotar los recursos de la ciencia para salvar a Hansen. Pero era tarde; todo mi esfuerzo fue inútil. Dos días después murió el pobre joven, alegre, sin darse cuenta, creyéndose sano, como te has creído tú, amigo mío. Un dato: Hansen había cortejado a muchas jóvenes antes de amar a su novia. Y muchas de las bellas aldeanas se morían de amor por el galán, quien, enamorado profundamente de Alicia en los últimos tiempos, las desdeñaba.

III.

Al día siguiente me esperaban mi madre y la pequeña Natalia, llenas de ansiedad. En cuanto llegué a mi casa observaron la mejoría que yo había experimentado, pero se alarmaron al ver que un pensamiento sombrío vagaba por mis ojos. Las tranquilicé asegurándoles que pronto estaría sano y fuerte con el régimen curativo que me había trazado el médico. La pequeña y esbelta Natalia saltó a mis brazos palmoteando de alegría; en un momento en que estuvimos solos, me besó en los ojos con tal ahínco y amor que mis carnes se estremecieron… ¡Así debían de besar las vampiras!

Toda la tarde dormí con la cabeza reclinada sobre las rodillas de mi novia, quien había obtenido permiso de su familia para pasar el día en mi casa.

En la noche no pude dormir. A las tres de la mañana tenía los ojos cerrados; pero no dormía. Oí de repente pequeños ruidos, ligeros crujidos, y luego el deslizamiento de algo impalpable sobre la alfombra. El cabello se me erizó de espanto. Sentí que el aliento tibio y perfumado de unos labios de mujer me acariciaba la sien, y una voz sin ruido me murmuró al oído candentes frases de amor, promesas de infinita dicha. Luego sentí que un cuerpo duro y ardoroso, que no pesaba, tomaba sitio a mi lado y que unos labios se adherían a mi cuello. Loco de terror me incorporé dando un grito ahogado; y tratando de asir y

estrangular a la maldita vampira sólo logré morderla en el brazo. Y como si en mis dientes y en mi lengua tuviera yo los ojos y la conciencia; como si alguna vez hubiera yo probado su sangre, tuve —sin ver ese cuerpo que huyó o se desvaneció— la sensación de que esa carne que mordía era la de la pequeña y esbelta Natalia. Toda la mañana estuve preocupado; por la tarde, en cuanto vi a mi novia, le supliqué me enseñara el brazo a la altura del codo… ¡Tenía una lastimadura reciente! No averigüé más. Me separé bruscamente de mi novia, y montando en mi caballo fui a ver al doctor, a quien referí con aire sombrío lo que me había pasado, y mi resolución de desenmascarar a esa infame bruja, que se dedicaba a satisfacer sus innobles instintos vampíricos, y fingiéndome el más apasionado amor me estaba asesinando.

El doctor me escuchó con profunda atención, reflexionó un rato y luego se echó a reír:

—Lo que me has referido comprueba algo que me ha preocupado constantemente… No debes tener ninguna idea depresiva sobre tu novia, la cual merece tu amor y respeto, porque es pura como los ángeles. Lo que hay es que no porque sea pura, inocente y buena, deja de ser mujer, y como tal tiene imaginación, deseos, ensueños y cálculos de felicidad; tiene nervios, tiene ardores y vehemencias naturales, y, sobre todo, te ama con ese amor equilibrado de las naturalezas sanas. Son sus deseos, sus curiosidades de novia, su pensamiento intenso sobre ti, los que han ido a buscarte anoche. Los pensamientos, en ciertos casos, pueden exteriorizarse, personalizarse, es decir, vivir y obrar, por cierta energía latente en inconsciente que los acompaña, como seres activos, como entidades sustantivas, como personas. Toda ello es obra de la fuerza psíquica que tiene un radio de acción infinito y cuyas leyes son aún misteriosas. Si preguntas a tu prometida qué hacía anoche, a la hora en que tuviste la visión, te responderá que pensaba en ti, que soñaba contigo. Quizá nada de esto, porque el fenómeno misterioso se verifica también en la más absoluta inconciencia, y acaso con más fuerza. Créeme, Stanislas, es muy vasto el poder de la personalidad humana. Ahora, he aquí el régimen terapéutico que te prescribo: cásate con tu novia. Cásate hoy mismo; si no es hoy, mañana; y si no es mañana, lo más pronto que te sea posible. Ese es tu remedio. Y… el de tu novia.

IV.

El doctor Max Bing es indudablemente un sabio. ¡Y cuán hermosa e inofensiva mi vampira! Os desea cordialmente una igual.

Imagen: PS/Copilot.

O MANTO

Alphonsus de Guimaraens
(1870 – 1921)

Ao levantar-me da cama, onde me prendera uma cruel enfermidade de meses, eu não tinha decerto o aspecto de um vivo. Magro e nervoso por natureza, de uma irritabilidade histérica, a minha vida de enfermo passara-se debaixo de um tédio pesado como uma abóbada de chumbo, algumas vezes interrompido por intervalos de mágoa inanimada em que o meu olhar olhava sem ver e o meu pensamento fugia para fora de mim mesmo, perdendo-se por entre as sombras intangíveis dos grandes desesperos.

O crepúsculo de maio, indeciso como tudo que se passa longe de nós, no mistério religioso dos horizontes sem margens, era uma consolação sublime que tombava sobre as almas. Certo, quem fechasse para sempre os olhos em aquela hora que ia soar, cercado por toda aquela paz de convento desabitado, não podia deixar de transformar-se em luz e bênçãos.

Com passos incertos de quem atravessa o primeiro período de convalescença, eu segui vagarosamente para o alto do Morro da Forca, lugar sombrio e deserto, onde as lendas parecem passar sacudindo cabeças sangrentas.

Vila Rica, olhada de aquele ponto, era um monte de ruínas. Só as igrejas, abençoando a velha capital da poderosa capitania, triunfavam no meio daquelas ruas íngremes, onde as casas cambaleavam.

Foi então que ele me apareceu pela primeira vez.

Alto e ossudo, o rosto cor de cobre gotejando aguardente, as mãos musculosas dos antigos — a sua figura sem contornos evocava espectros vadios. Hortaleiro fúnebre era esse, que plantava corpos de virgens para colher pó...

Com um sorriso infame na boca sem dentes, as palavras saltando-lhe dos lábios úmidos de saliva, chegou-se a mim curiosamente. Um tremor convulso de nervos doentes agitou-me o corpo sem carne.

O homem extraordinário, que surgira inesperadamente, trazia, debaixo do braço esquerdo, um longo pano negro enrolado. Colocou-o no chão, sentando-se ao meu lado. Levantei-me sem saber como, impelido pelo pavor que se apoderara de mim. Arrimado ao bordão, arrastando os pés, fui caminhando sem olhar para ele. No entanto, eu bem sentia o som de seus passos que me acompanhavam, e, de quando em quando, a sua sombra que se alongava diante de mim, ao Sol pardo da tarde em agonia.

Parei, cansado.

— Espere, meu amo. O que trago aqui debaixo do braço pode-lhe servir. O senhor está bem mal, e o frio destas noites de maio não é bom. Eu não tenho interesse em dar-lhe conselhos porque vivo disso. Que ganho em dar-lhe a vida? Se fosse o contrário, bem. Mas o meu amo é tão moço! O meu embrulho...

— Deixa-me, por Deus!

— Olhe: é um manto. Enrolando-se o senhor nele, ficará bom de todo. E o meu amo precisa dele. Precisa, que eu sei.

Então, vendo-me sem forças para lutar, passou-me pelos ombros altos e pelo peito em osso, onde as clavículas pareciam agitar-se, a enorme capa que trazia, e levou-me para um sítio ermo em que estanciamos por momentos, olhando um para e outro, eu transido de mágoa, ele com um sorriso carinhoso, horrível de ver-se, nos lábios escuros onde desvairavam blasfêmias.

Depois, caminhando silenciosamente por debaixo das árvores mortas, ouvindo as gargalhadas conhecidas das aves noturnas, e rindo-se ao ouvi-las, o coveiro, pois que ele o era certamente, colocou-me dentro de uma cova imensa, em companhia de milhões de mortos.

Passei os olhos espavoridos ao redor de mim, procurando encontrar, nessa cripta medonha, cheia de sombra e quase fechada à claridade baça da noite estrelada, o esqueleto mísero de aquela que se finara ao meu lado, mansamente, como um cordeiro de Deus.

No mesmo instante uma voz que vinha de outrora, e que um dia suavizara a minha alma deserta com as ignoradas canções de paz e de ventura que os primeiros anos cantam, mais brancas que a alva do dia e que os lírios reais, murmurou-me aos ouvidos:

— Olha para dentro de ti mesmo, espreita a desolação do teu espírito em ânsias, verás os olhos taciturnos do fantasma que amas, tu que bem sabes que as sombras não podem ser amadas...

Perdida a esperança de vê-la junto de mim, fosse embora na nudez branca e trágica das múmias que me cercavam, o meu isolamento era real e irreparável. E os versos pungentes do *Dies Irae*, que toda a Idade Média soluçara, tombavam da minha boca na melodia sonolenta de aquela linguagem bárbara, criada talvez para os salmos d'além vida.

Dies irae, dies illa!

II

Por alguns momentos, longos como ciclos solares, o meu olhar vagou surpreso por todo o indefinido horror circunjacente.

O túmulo era soturno e fundo como uma imensa cisterna vazia. Caveiras sarcásticas, que tinham luz própria, mais brancas que os luares tristes das noites românticas, abriam-se no riso perpétuo que a ausência de lábios lhes dava. Lembravam-se talvez de beijos idos, recordavam-se por certo de horas remotas, quando as bocas floresciam em beijos, como crateras de vinho claro, como cíatos de púrpura.

Meus companheiros de leito rangíamos queixos friorentos, chegando-se uns aos outros com carícias de amorosas e gestos de quem abraça. E as bocas sem lábios beijavam-se na escuridão, e suspiros de gozo mortuário e vampírico saíam de peitos que não aninhavam mais dentre de si os pobres corações humanos. Eram os últimos arquejos da matéria a desfazer-se em poeira.

A abertura do túmulo, pequena embora, parecia dar entrada a todo o céu, que se despenhava em trevas, lá por dentro, sombrio e desolado como um castigo divino. Nenhuma estrela caía de envolta com as nuvens, nenhum raio de luar vinha abençoar-me — a mim que tanto precisava da luz absolvedora do céu.

De repente, no alto, à beira da terra cavada de fresco, o rosto familiar do coveiro apareceu-me, com um sorriso delicado nos lábios grossos.

— Vai melhor, meu amo? Enrole-se bem no manto. Com alguns dobres de sino e um padre a encomendar as almas, tudo está pronto. Não há médico como eu para curar enfermos como o senhor. Coitadinho!

Fechei os olhos pávidos de espanto, e concheguei ao rosto as dobras lutulentas da minha enorme capa.

Nesse momento atroz, passaram-me pela frente, em debandada, vingativos como remorsos, todos os sonhos da minha vida até então inútil. Desgraçada criatura que, depois de tantos anos de existência, não tivera amor para amar sinceramente os bons, nem ódio para odiar sinceramente os maus. Pobre espírito sem rumo que, sofrendo embora no meio da hipocrisia satânica dos homens, não pudera dedicar-se a Deus cristãmente, como os santos e os mendigos, nem pudera fugir às tentações do mundo, abrigando-se debaixo das ermidas longínquas, onde há quem peça por nós...

No entanto, se eu não fosse morrer em aquela hora que ia desprender-se das mãos do tempo, bem poderia ser que me tornasse um Eleito na terra.

Foi então que o meu corpo se agitou em uma convulsão que julguei suprema.

O Dr. Pulvis, sentado à minha cabeceira, sorriu-me afetuosamente.

— Que terrível febre, meu pobre amigo!

Com a alegria expansiva de quem acorda de um pesadelo que não tinha fim, passei as mãos pelo rosto, onde o suor corria em bagas doloridas.

Era meio-dia apenas. A luz do Sol parecia transformar-se em raios de som. Ao longe, acompanhada pelas rezas dos crentes, soluçava a campainha da extrema-unção, como um apelo de Deus ao mundo que se perdia para sempre...

LA CAPA

Alphonsus de Guimaraens
(1870 – 1921)

Cuando me levanté de la cama, donde me tuvo apresado una cruel enfermedad de meses, yo no tenía ciertamente apariencia de estar vivo. Delgado y nervioso por naturaleza, de irritabilidad histérica, mi vida como paciente transcurrió con aburrimiento y una pesadez como una bóveda de plomo, a veces interrumpido por intervalos de pena y desánimo en que mis ojos miraban sin ver o mis pensamientos se escapaban de mi, perdiéndose entre las sombras intangibles de una gran desesperación.

El crepúsculo de mayo, indeciso como todo lo que pasa lejos de nosotros, en el misterio de los horizontes sin márgenes, era un consuelo sublime que caía sobre las almas. Cierto, quien cerrara los ojos para siempre en ese momento no podía dejar de transformarse en luz y bendiciones.

Con pasos inciertos de quien atraviesa un primer periodo de convalecencia, seguí lentamente para el alto de la Colina de la Fortaleza, lugar sombrío y desértico, donde las leyendas parecen pasar sacudiendo cabezas ensangrentadas.

Villa Rica, vista desde ese punto, era un monte en ruinas. Solo las iglesias, bendiciendo la antigua capital de la poderosa capitanía, destacaban en medio de aquellas calles empinadas, donde las casas se tambaleaban.

Fue cuando se me apareció por primera vez

Alto y huesudo, la cara de color cobre goteando brandy, las manos musculosas viejas. Su figura sin contornos evocaba espectros perdidos. Este era el horticultor funerario, que plantaba cuerpos vírgenes para cosechar…

Con una sonrisa infame en una boca sin dientes, las palabras saltando de labios húmedos de saliva, vino a mí, interesado. Un temblor convulsivo de los nervios sacudió mi cuerpo.

El hombre extraordinario, que había aparecido inesperadamente, tenía un largo paño negro enrollado bajo el brazo izquierdo. Se colocó en el suelo, sentándose de medio lado. Me levanté sin saber cómo, impulsado por el terror que se había apoderado de mí. Arrimado al individuo, arrastrando los pies fui caminando, sin mirarlo. Sin embargo, me agradaba el sonido de sus pasos acompañándome, y, de cuando en cuando, su sombra que se alargaba delante de mí, al sol gris de la tarde agonizante.

Me detuve, cansado.

—Espera, señor. Lo que traigo aquí debajo del brazo puede servirte. Estás en mal estado y el frío de estas noches de mayo no es bueno. No me interesa darte consejos porque vivo de esto. ¿Que gano en darte la vida? Si fuera al revés, bien. Mi paquete…

—¡Déjame, por Dios!

—Mira: es una capa. Envolviéndote con la misma, estará bien del todo. Y mi amo lo necesita. Lo necesita, que lo sé

Entonces, viéndome sin fuerzas para luchar, me colocó por encima de los hombros y sobre los huesos pectorales, donde las clavículas parecían agitarse, el enorme manto que traía, y me llevó a un lugar desierto en que nos detuvimos unos momentos, mirándonos el uno al otro, conmigo abrumado por el dolor, él con una sonrisa amorosa, de aspecto horrible, de labios oscuros donde rugían las blasfemias.

Después, caminando silenciosamente por debajo de árboles muertos, escuchando las carcajadas de los pájaros nocturnos, y riéndose al escucharlas, el sepulturero, porque ciertamente lo era, me puso dentro de una tumba enorme, en compañía de millones de muertos.

Paseé mis aterrados ojos a mi alrededor, buscando encontrar, en esa cripta horrible, llena de sombras y casi cerrada a la tenue luz de la noche estrellada, el miserable esqueleto del que murió a mi lado, mansamente, como un cordero de Dios.

En ese mismo momento una voz que vino del pasado, y que un día suavizara mi alma con desconocidas canciones de paz y de ventura, más blancas que el amanecer del día y que los lirios reales, susurró en mis oídos

—Mira dentro de ti mismo, asómate a la desolación de tu espíritu ansioso. Verás los ojos inquietantes del fantasma que amas, tú que bien sabes que las sombras no pueden ser amadas

Una vez que había perdido la esperanza de verla conmigo, incluso en la trágica desnudez blanca de las momias que me rodeaban, mi aislamiento era real e irreparable, mi soledad era real e irremediable. Y los versos conmovedores de "Dies Irae", que toda la Edad Media sollozó, salieron de mi boca, una melodía somnolienta en aquella lengua bárbara, creada tal vez para los salmos desde más allá de la vida.

Dies irae, dies illa!

II

Por algunos momentos, largos como ciclos solares, me asombraba por todo el horror indefinido rodeándome.

La tumba era sombría y profunda, como una inmensa cisterna vacía. Calaveras sarcásticas, con luz propia, más blancas que las tristes luces de luna de las noches románticas, estaban en la risa perpetúa que les ocasionaba la ausencia de labios. Recordaban tal vez antiguos besos, de tiempos pasados, cuando de las bocas florecían versos, como cráteres de vino blanco, como jarrones morados.

Mis compañeros de cama acercaron sus barbillas frías, dándose unos a otros caricias amorosas y abrazos. Y las bocas sin labios se besaron en la oscuridad, y los suspiros de gozo mortuorio y vampírico salían de unos pechos que ya no aguantaban más dentro de sus pobres corazones humanos. Fueron los últimos suspiros de importancia antes de deshacerse y convertirse en polvo

La apertura de la tumba, pequeña aunque, parecía que daba entrada a todo el cielo, se estrellaba con la oscuridad, por dentro, sombría y desolada, como un castigo divino. No apareció ninguna estrella desde las nubes, ningún rayo de luna vino a bendecirme, a mi que tanto necesitaba absorber luz del cielo

De repente, en lo alto, en el borde de la tierra recién excavada, el familiar rostro del sepulturero apareció, con una delicada sonrisa en sus gruesos labios

—¿Va mejor? envuélvase bien en la capa. Con algunos redobles de campana y un sacerdote para ordenar las almas, ya está todo listo. No hay médico como yo para curar enfermos como usted. ¡Pobre!

Cerré mis pálidos ojos con asombro y apreté los pliegues de mi enorme capa contra mi rostro

En ese momento atroz, pasaron, en desbandada, vengativos como el remordimiento, todos los sueños de mi vida, hasta ahora inútiles. Miserable criatura que, después de tantos años de existencia, no había tenido el amor sincero de los buenos, o el odio sincero de los malos. Pobre espíritu sin rumbo que, sufriendo en medio de la hipocresía satánica de los hombres, no había sido capaz de dedicarse a Dios de manera cristiana, como los santos y los mendigos, y tampoco escapar a las tentaciones del mundo, refugiándose bajo las ermitas, donde hay quienes preguntan por nosotros…

No obstante, si no me fuera a morir en aquel momento, en que estaban a punto de liberarse de las manos del tiempo, bien podría ser que me convirtiera en un elegido en la Tierra.

Fue entonces cuando mi cuerpo se agitó en una convulsión que juzgué suprema

El Dr Pulvis, sentado al lado de mi cama, me sonrió afectuosamente.

— ¡Que fiebre tan terrible, mi pobre amigo!

Con la alegría expansiva de quien despierta de una pesadilla que no tiene fin, me pasé las manos por la cara, donde el sudor corría en gotas dolorosas.

Era solamente mediodía. La luz del sol parecía transformarse en rayos de sonido. A lo lejos, acompañada por las oraciones de los creyentes, sollozó la campana de la extrema unción, como una súplica de Dios al mundo que se perdía para siempre.

Traducción de Ricardo Manzanaro.

Imagen: Gratispng.

O BACILO ROUBADO

H. G. Wells
(1866 – 1946)

— Isto — disse o bacteriologista, deslizando uma lâmina de placa de vidro sob o microscópio — é outro preparado do célebre bacilo do cólera.

O pálido visitante curvou-se curiosamente para o instrumento. Evidentemente, não estava habituado a essas coisas. Tapou o olho, que ficava livre, com a mão branca.

— Não estou vendo quase nada — disse.

— Torça o parafuso — replicou o bacteriologista. — Sem dúvida, o microscópio não está graduado para os seus olhos. A vista das pessoas varia muito. Menos uma volta para um lado ou para outro e...

— Ah, agora vejo! — exclamou o outro. — Não há muito o que se ver, afinal. Pequenos filamentos, risquinhos róseos... E esses pequenos animais, esses simples átomos, no entanto, podem multiplicar-se e devastar uma grande cidade! É pavoroso!

Ergueu-se e, retirando a lâmina do instrumento, segurou-a entre os dedos, olhando-a, voltado para a janela.

— Mal se distingue alguma coisa — falou, examinando a cultura.

Hesitou. Depois disse:

— Os bacilos estão vivos? São perigosos neste estado?

— Não, estes foram mortos e pigmentados — respondeu o bacteriologista. — Gostaria muito se pudéssemos pigmentar e matar todos os que existem.

— Penso — continuou o homem do rosto pálido — que vocês preferem não ter ao redor essas bactérias vivas, ou no seu período de inocuidade.

— Não, pelo contrário, somos obrigados a tê-las bem vivas. Olhe, por exemplo...

Atravessou a sala e apanhou entre outras uma ampola lacrada.

— Aqui está o bacilo vivo. É uma cultura das bactérias da epidemia ora reinante... Cólera engarrafado, na verdade.

Uma imperceptível chama de satisfação iluminou rapidamente o rosto do desconhecido.

— É o mesmo que ter em seu poder um veneno mortal — disse, devorando com os olhos o pequeno tubo.

O bacteriologista notou em seu semblante uma expressão de maldosa alegria. Recebera esse homem com uma carta de apresentação de velho amigo e ele o interessava pelas suas atitudes, a que não estava habituado. Seus cabelos negros e lisos, seus olhos cinzentos e profundos, seu ar distraído, seus gestos nervosos, a atenção intermitente e febril, tudo dele fazia um personagem bem diverso dos impassíveis homens de ciência, em cujas discussões estava continuamente envolvido. Era natural, diante de um visitante visivelmente impressionado pela virulência do bacilo, dramatizar um pouco as coisas.

Tomou o tubo com ar pensativo.

— Sim, a praga está bem presa aqui. Quebre um pequenino recipiente destes num reservatório de água potável. Diga a essas minúsculas partículas de vida — tão sutis que, para distingui-las, somos obrigados a examiná-las com os mais poderosos instrumentos —, diga aos bacilos: vão em frente, cresçam e se multipliquem e encham os reservatórios d'água. Então a morte — a morte misteriosa, impalpável, rápida e repelente — seria atirada sobre a cidade, procurando vítimas por toda parte. Aqui, tomaria o marido à esposa, ou o filho à mãe. Ali, roubaria o estadista ao seu dever e o operário à sua oficina. Seguiria pelos encanamentos de água, deslizando ao longo das ruas, escolhendo e punindo esta ou aquela casa onde não fervem o líquido potável, contaminando a salada que se lava, dormindo num pedaço de gelo. Esperaria, prestes a ser bebida pelos cavalos nos tanques e pelas crianças imprudentes nos chafarizes públicos. Ela se infiltraria na terra para reaparecer nas fontes, nos poços, em mil lugares imprevistos.

Dê-lhe como ponto de partida uma caixa de água e, antes que a possamos prender e encadear, o bacilo terá dizimado a cidade.

O bacteriologista parou bruscamente.

Bem lhe diziam que a retórica era a sua fraqueza.

— Mas o flagelo, aqui, está bem guardado. Completamente seguro.

O estranho de rosto pálido aquiesceu com a cabeça. Seus olhos brilharam. Tossiu.

— Esses miseráveis anarquistas — disse — são imbecis e cretinos servindo-se de bombas, quando têm essas coisas ao seu alcance. Imagino...

Bateram à porta com a ponta dos dedos. O bacteriologista foi abrir.

— Um minutinho, meu amigo, um minutinho — ciciou sua mulher.

Quando reentrou no laboratório, o visitante olhava o relógio.

— Eu não fazia ideia de que eu o fiz perder uma hora de seu tempo. São doze para as quatro e eu deveria ter partido às três e meia. Mas o que o senhor me mostrou é realmente muito interessante... Não... Positivamente, não posso ficar mais nem mais um minuto. Tenho um encontro marcado para as quatro horas.

E saiu, renovando seus agradecimentos. O bacteriologista, após tê-lo acompanhado até a porta, voltou pensativo pelo corredor ao laboratório. Refletia sobre as características étnicas do seu visitante. Certamente, esse homem não tinha o tipo saxão, nem o latino comum.

— De qualquer forma — disse o bacteriologista a si mesmo —, ele me causa receio. Como ele gostou dessas culturas de germes patogênicos!

Então, uma ideia perturbadora lhe veio ao espírito. Voltou à mesinha fixada perto da estufa; depois, depressa, à mesa de trabalho. Mergulhou as mãos nos bolsos e, de repente, precipitou-se para a porta.

— Talvez eu o tenha deixado na mesa do vestíbulo... Minnie! — gritou roucamente, na antecâmara.

— Pronto, querido! — respondeu uma voz afastada.

— Eu não tinha algo na mão, quando lhe falei há pouco, querida?

Silencio.

— Não. Nada, que eu me lembre...

— Maldição! — explodiu o bacteriologista.

Incontinente, correu à porta da rua e desceu os degraus da escada como doido.

Minnie, ouvindo a porta bater violentamente, precipitou-se muito inquieta para a janela. Ao longe, na rua, um homem magro entrava num coche. O bacteriologista, sem chapéu, de chinelos de feltro, corria na direção dele, gesticulando loucamente. Perdeu até uma sandália, sem parar.

— Enlouqueceu — pensou Minnie. — Foi a sua abominável ciência!...

Abrindo a janela, ia chamá-lo. De repente, o homem magro pareceu atingido, olhando em volta de si, pela mesma desordem mental. Com gesto breve, apontou com o dedo o bacteriologista, disse qualquer coisa ao cocheiro, a capota do cabriolé fechou-se, o chicote estalou, saiu chispas das ferraduras do cavalo e, num ápice, o cientista e o cabriolé perderam-se de vista, para além da esquina.

Minnie ficou um minuto curvada para fora da janela. Depois, recolheu a cabeça, assombrada.

— Ele é realmente um excêntrico — pensava, enquanto voltava para o quarto. — Porém, correr pelas ruas de Londres, em plena estação elegante, de chinelos!

Teve uma boa ideia. Em dois momentos, pôs o seu chapéu, apanhou os sapatos do marido, foi ao vestíbulo tomar o sobretudo e o chapéu do cientista, saiu e chamou um táxi, que, felizmente, passava.

— Leve-me até o fim da rua e dobre à esquerda do Havelock Crescent. Vamos procurar um senhor que corre, sem chapéu, com um casaco de veludo.

— Casaco de veludo e sem chapéu, muito bem, minha senhora.

O cocheiro tocou o cavalo e partiu rapidamente, como se diariamente levasse gente a semelhante endereço. Alguns minutos mais tarde, cocheiros e desocupados, reunidos ao redor do ponto de parada de Havrstock Hill, ficaram surpresos quando viram passar um cabriolé puxado por um magro alazão, em desabalada carreira. Calaram-se à sua aproximação e, depois que se afastou, o gordo pai Tootles perguntou:

— É Harry Hicks. Que bicho o mordeu?

— Ah, ele está caprichando no chicote! Sim, está indo fundo no açoite — interveio o moço de estrabaria.

— Uau! — disse o pobre velho Tommy Byles. — Temos aqui um outro perfeito lunático passando.

— É o velho George — disse o pai Tootles. — E está correndo como um lunático, como você disse. Só falta voar fora do cabriolé. Acho que vai no encalço de Hary Hicks.

O grupo em redor do refúgio dos cocheiros agitou-se.

— Vamos, George! É uma corrida. Estale este chicote!

— Essa égua é mesmo uma corredora! — exclamou o cavalariço.

— Ah, raios me partam! — gritou o velho Tootles. — Aí vem outro maluco! Será que todos os cocheiros de Hampstead enlouqueceram esta manhã?...

— Desta vez é uma senhora — fez notar o cavalariço.

— Está seguindo o marido — disse o pai Tootles. — Ordinariamente, acontece o contrário.

— O que tem ela na mão?

— Parece uma cartola.

— Que comedia será essa? Aposto três contra um que o velho George ganha a disputa — disse o rapaz de estrebaria. — Lá vem ela!

Minnie passou no meio de uma tempestade de aplausos. Porém, não gostou. Tinha consciência de cumprir seu dever e continuou a descer por Haverstock Hil e pela grande rua de Camder Town, com os olhos sempre fixos nas costas agitadas do velho George, que lhe raptava daquela insólita maneira seu marido louco.

O homem da primeira carruagem se encolhera a um canto, de braços cruzados, segurando preciosamente na mão o pequeno tubo que continha tão poderosos germes de destruição. Seu estado de espírito era um misto singular de medo e exultação. Tinha medo sobretudo de ser capturado antes de cumprir o seu objetivo. Todavia, no fundo, sentia um vago, conquanto considerável, medo da enormidade de seu crime. A exultação era maior que o pavor. Nenhum anarquista, antes dele, tivera ideia comparável à sua. Ravachol[4], Vailant[5], todos os personagens distintos, cuja gloria às vezes invejava, eram uns pobres coitados diante dele. Bastava-lhe achar um reservatório de água e nele lançar o conteúdo do pequeno tubo. Com que habilidade combinara seu plano, fabricara a carta de apresentação, penetrara no laboratório! Com que ousadia aproveitara a oportunidade! Enfim, o mundo ouviria falar dele! A morte! A morte! A morte! Ah! Sempre o haviam tratado como homem de bem pouca importância. O mundo inteiro *conspirava* para *abafá-lo*. Agora ensinaria o que é isolar um homem. Que rua era aquela? Conhecia-a bem. Era, sem dúvida, a grande Rua de Santo André! Onde estavam os perseguidores? Pôs a cabeça fora do carro: o

[4] François Claudius Koënigstein, dito Ravachol (1859 — 1892), foi um dos mais famosos anarquistas franceses, reputado um dos maiores terroristas do séc. XIX.

[5] Auguste Valliant (1861 — 1894), anarquista francês, protagonizou o atentado a bomba à Câmara de Deputados francesa em 9 de dezembro de 1893.

bacteriologista vinha apenas a 50 metros atrás. Mau negócio! Ia ser preso e os seus projetos estariam frustrados!

Procurou dinheiro no bolso: só achou meio soberano[6]. Pela escotilha do cabriolé, mostrou-o ao cocheiro:

— E mais outros — gritou — se escaparmos!

O cocheiro arrancou-lhe a moeda e disse:

— Muito bem!

A escotilha fechou-se e o chicote estalou em todo o comprimento sobre o dorso luzidio do cavalo. O carro pulou. Meio levantado, o anarquista, a fim de conservar o equilíbrio, segurou-se à capota com a mão em que tinha o tubo de vidro. Ouviu-o estalar e sua metade quebrada caiu no fundo da carruagem. Ele escorregou para os coxins do fundo com uma praga e olhou, horrorizado, as duas ou três gotas do líquido respingados sobre a capota. Tremeu.

— Bem, serei a primeira vítima! Ufa! Em todo o caso, morrerei mártir! Já é alguma coisa... Mas é, no fundo, uma morte imunda. Eu me pergunto se dói tanto quanto eles dizem.

De súbito veio-lhe uma ideia. Procurou, às apalpadelas, entre os pés, o fragmento de tubo. Uma pequena gota ficara no fundo do vidro partido. Bebeu-a para certificar-se do efeito. Valia mais estar certo. Assim, não falharia.

Então, pareceu-lhe inútil fugir do bacteriologista. Na Wellington Street, fez parar o táxi e desceu. Escorregou no degrau e sentiu-se diferente. Era, na verdade um rápido veneno, o cólera. Com a mão fez um sinal de adeus ao cocheiro — supremo adeus, por assim dizer —, e ficou no passeio, braços cruzados ao peito, esperando a chegada do cientista. Havia em sua atitude qualquer coisa de trágico. A sensação da morte próxima dera-lhe certa dignidade. Saudou o bacteriologista com um riso de desafio.

—*Vive l'Anarchie!*[7] Você chegou muito atrasado, meu amigo. Eu bebi! O cólera está desencadeado!

Do seu carro, o bacteriologista olhou-o curiosamente, através dos óculos.

— Você bebeu! É um anarquista. Compreendo agora.

Ia acrescentar qualquer coisa, mas deteve-se. Um sorriso aflorou-lhe no canto dos lábios. Abriu a porta do carro, como que para descer. Então, o anarquista enviou-lhe um adeus dramático e correu na direção da ponte de Waterloo, tendo o cuidado de esfregar o corpo contaminado no maior número de pessoas possível.

O bacteriologista ficou tão aterrorizado com esse espetáculo que não manifestou a menor surpresa ao ver a sua mulher aparecer com o chapéu, os sapatos e o sobretudo.

— Que amabilidade a sua em trazer-me tudo isto!

E ficou perdido na contemplação do anarquista, que se afastava.

— É melhor você entrar no coche e voltar — disse ele, olhando sempre o fugitivo.

Minnie ficou persuadida que ele estava maluco e deu ordem ao cocheiro de conduzi-lo à casa.

— Pôr os sapatos? Certamente, querida — acrescentou ele, no momento em que o carro, começando a rodar, não lhe permitia mais avistar o ponto negro, que era o anarquista, ao longe.

Então, de repente, uma ideia grotesca feriu o espírito do bacteriologista e ele começou a rir. Depois, falou:

— É sério... Sabe este homem que veio visitar-me? Pois bem, é um anarquista... Não vale a pena você ficar surpresa, senão não lhe posso contar o resto. Não sabendo quem era, quis assustá-lo. Tomei uma cultura dessa bactéria nova, de que há pouco tempo falei, que

[6] Meia libra esterlina.

[7] "Viva a Anarquia!", em francês, no original.

é um veneno e produz, penso, manchas azuladas em diversas espécies de macacos e, como um imbecil, disse que era o cólera asiático. Meu visitante fugiu com um tubo para envenenar a água de Londres e sem dúvida ia fazer mudar de cor a pele de todos os habitantes desta cidade civilizada. Ele acabou de engolir a droga. Evidentemente, não posso prever o que acontecerá. Mas você viu como a gata ficou azul e viu as manchas produzidas nos filhotes. Ah, e o azul brilhante do pardal?! O pior é que tenho de preparar à minha custa outra cultura.

"Pôr sobretudo com este calor! Por quê? Porque podemos encontrar a senhora Jabber?[8] Querida, a senhora Jabber não me constipará. E para que um sobretudo, com este calor, só por causa daquela senhora... Está bem, não insisto".

Tradução de autor desconhecido.
Texto de domínio público.
Fonte: "Vida Policial", edição de 17 de julho de 1926.

Imagem: compinchados@gmail.com.

[8]Tootles e Jabber são uma sutil referência a Trottle e Jarber, personagens de "*A House to Let*", de Charles Dickens, Wilke Collins, Elizabeth Gaskell e Adelaide Anne Procter.

EL BACILO ROBADO

H. G. Wells
(1866 – 1946)

—Esta, también, es otra preparación del famoso bacilo del cólera —explicó el bacteriólogo colocando el portaobjetos en el microscopio.

El hombre de rostro pálido miró por el microscopio. Evidentemente no estaba acostumbrado a hacerlo, y con una mano blanca y débil tapaba el ojo libre.

—Veo muy poco —observó.

Ajuste este tornillo —indicó el bacteriólogo—, quizás el microscopio esté desenfocado para usted. Los ojos varían tanto… Sólo una fracción de vuelta para este lado o para el otro.

—¡Ah! Ya veo —dijo el visitante—. No hay tanto que ver después de todo. Pequeñas rayas y fragmentos rosa. De todas formas, ¡esas diminutas partículas, esos meros corpúsculos, podrían multiplicarse y devastar una ciudad! ¡Es maravilloso!

Se levantó, y, retirando la preparación del microscopio, la sujetó en dirección a la ventana.

—Apenas visible —comentó mientras observaba minuciosamente la preparación. Dudó.

—¿Están vivos? ¿Son peligrosos?

—Los han matado y teñido —aseguró el bacteriólogo—. Por mi parte me gustaría que pudiéramos matar y teñir a todos los del universo.

—Me imagino —observó el hombre pálido sonriendo levemente— que usted no estará especialmente interesado en tener aquí a su alrededor microbios semejantes en vivo, en estado activo.

—Al contrario, estamos obligados a tenerlos —declaró el bacteriólogo—. Aquí, por ejemplo.

Cruzó la habitación y cogió un tubo entre unos cuantos que estaban sellados.

—Aquí está el microbio vivo. Éste es un cultivo de las auténticas bacterias de la enfermedad vivas —dudó—. Cólera embotellado, por decirlo así.

Un destello de satisfacción iluminó momentáneamente el rostro del hombre pálido.

—¡Vaya una sustancia mortal para tener en las manos! —exclamó devorando el tubito con los ojos.

El bacteriólogo observó el placer morboso en la expresión de su visitante. Este hombre que había venido a verle esa tarde con una nota de presentación de un viejo amigo le interesaba por el mismísimo contraste de su manera de ser. El pelo negro, largo y lacio; los ojos grises y profundos; el aspecto macilento y el aire nervioso; el vacilante, pero genuino interés, de su visitante constituían un novedoso cambio frente a las flemáticas deliberaciones de los científicos corrientes con los que se relacionaba principalmente el bacteriólogo. Quizás era natural que, con un oyente evidentemente tan impresionable respecto de la naturaleza letal de su materia, él abordara el lado más efectivo del tema.

Continuó con el tubo en la mano pensativamente:

—Sí, aquí está la peste aprisionada. Basta con romper un tubo tan pequeño como éste en un abastecimiento de agua potable y decir a estas partículas de vida tan diminutas que no se pueden oler ni gustar, e incluso para verlas hay que teñirlas y examinarlas con la mayor potencia del microscopio: Adelante, creced y multiplicaos y llenad las cisternas; y la muerte, una muerte misteriosa, sin rastro, rápida, terrible, llena de dolor y de oprobio se precipitaría sobre la ciudad buscando sus víctimas de un lado para otro. Aquí apartaría al marido de su esposa y al hijo de la madre, allá al gobernante de sus deberes y al trabajador de sus quehaceres. Correría por las principales cañerías, deslizándose por las calles y escogiendo acá y allá para su castigo las casas en las que no hervían el agua. Se arrastraría hasta los pozos de los fabricantes de agua

mineral, llegaría, bien lavada, a las ensaladas, y yacería dormida en los cubitos de hielo. Estaría esperando dispuesta para que la bebieran los animales en los abrevaderos y los niños imprudentes en las fuentes públicas. Se sumergiría bajo tierra para reaparecer inesperadamente en los manantiales y pozos de mil lugares. Una vez puesto en el abastecimiento de agua, y antes de que pudiéramos reducirlo y cogerlo de nuevo, el bacilo habría diezmado la ciudad.

Se detuvo bruscamente. Ya le habían dicho que la retórica era su debilidad.

—Pero aquí está completamente seguro, ¿sabe usted?, completamente seguro.

El hombre de rostro pálido movió la cabeza afirmativamente. Le brillaron los ojos. Se aclaró la garganta.

—Estos anarquistas, los muy granujas —opinó—, son imbéciles, totalmente imbéciles. Utilizar bombas cuando se pueden conseguir cosas como ésta. Vamos, me parece a mí.

Se oyó en la puerta un golpe suave, un ligerísimo toque con las uñas. El bacteriólogo la abrió.

—Un minuto, cariño —susurró su mujer.

Cuando volvió a entrar en el laboratorio, su visitante estaba mirando el reloj.

—No tenía ni idea de que le he hecho perder una hora de su tiempo —se excusó—. Son las cuatro menos veinte. Debería haber salido de aquí a las tres y media. Pero sus explicaciones eran realmente interesantísimas. No, ciertamente no puedo quedarme un minuto más. Tengo una cita a las cuatro.

Salió de la habitación dando de nuevo las gracias. El bacteriólogo le acompañó hasta la puerta y luego, pensativo, regresó por el corredor hasta el laboratorio. Reflexionaba sobre la raza de su visitante. Desde luego no era de tipo teutónico, pero tampoco latino corriente.

—En cualquier caso, un producto morboso, me temo —dijo para sí el bacteriólogo. ¡Cómo disfrutaba con esos cultivos de gérmenes patógenos!

De repente se le ocurrió una idea inquietante. Se volvió hacia el portatubos que estaba junto al vaporizador e inmediatamente hacia la mesa del despacho. Luego se registró apresuradamente los bolsillos y a continuación se lanzó hacia la puerta.

—Quizá lo haya dejado en la mesa del vestíbulo —se dijo.

—¡Minnie! —gritó roncamente desde el vestíbulo.

—Sí, cariño —respondió una voz lejana.

—¿Tenía algo en la mano cuando hablé contigo hace un momento, cariño?

Pausa.

—Nada, cariño, me acuerdo muy bien.

—¡Maldita sea! —gritó el bacteriólogo abalanzándose hacia la puerta y bajando a la carrera las escaleras de la casa hasta la calle.

Al oír el portazo, Minnie corrió alarmada hacia la ventana. Calle abajo, un hombre delgado subía a un coche. El bacteriólogo, sin sombrero y en zapatillas, corría hacia ellos gesticulando alborotadamente. Se le salió una zapatilla, pero no esperó por ella.

—¡Se ha vuelto loco! —dijo Minnie—. Es esa horrible ciencia suya.

Y, abriendo la ventana, le habría llamado, pero en ese momento el hombre delgado miró repentinamente de soslayo y pareció también volverse loco. Señaló precipitadamente al bacteriólogo, dijo algo al cochero, cerró de un portazo, restalló el látigo, sonaron los cascos del caballo y en unos instantes el coche, ardorosamente perseguido por el bacteriólogo, se alejaba calle arriba y desaparecía por la esquina.

Minnie, preocupada, se quedó un momento asomada a la ventana. Luego se volvió hacia la habitación. Estaba desconcertada. Por supuesto que es un excéntrico, pensó. Pero correr por Londres, en

plena temporada, además, ¡en calcetines! Tuvo una idea feliz. Se puso deprisa el sombrero, cogió los zapatos de su marido, descolgó su sombrero y gabardina de los percheros del vestíbulo, salió al portal e hizo señas a un coche que morosa y oportunamente pasaba por allí.

—Lléveme calle arriba y por Havelock Crescent a ver si encontramos a un caballero corriendo por ahí en chaqueta de pana y sin sombrero.

—Chaqueta de pana y sin sombrero. Muy bien, señora.

Y el cochero hizo restallar el látigo inmediatamente de la manera más normal y cotidiana, como si llevara a los clientes a esa dirección todos los días.

Unos minutos más tarde, el pequeño grupo de cocheros y holgazanes que se reúne en torno a la parada de coches de Haverstock Hill quedaba atónito ante el paso de un coche conducido furiosamente por un caballo color jengibre disparado como una bala.

Permanecieron en silencio mientras pasaba, pero cuando desaparecía empezaron los comentarios:

—Ése era Harry Hicks. ¿Qué le habrá picado? —se preguntó el grueso caballero conocido por El Trompetas.

—Está dándole bien al látigo, sí, le está pegando a fondo —intervino el mozo de cuadra.

—¡Vaya! —exclamó el bueno de Tommy Byles—, aquí tenemos a otro perfecto lunático. Sonado como ninguno.

—Es el viejo George —explicó El Trompetas—, y lleva a un lunático como decís muy bien. ¿No va gesticulando fuera del coche? Me pregunto si no irá tras Harry Hicks.

El grupo de la parada se animó y gritaba a coro:

—¡A ellos, George! ¡Es una carrera! ¡Los cogerás! ¡Dale al látigo!

—Es toda una corredora esa yegua —dijo el mozo de cuadra.

—¡Que me parta un rayo! —exclamó El Trompetas—. Ahí viene otro. ¿No se han vuelto locos esta mañana todos los coches de Hampstead?

—Esta vez es una señora —dijo el mozo de cuadra.

—Está siguiéndolo —añadió El Trompetas.

—¿Qué tiene en la mano?

—Parece una chistera.

—¡Qué jaleo tan fantástico! ¡Tres a uno por el viejo George! —gritó el mozo de cuadra—. ¡El siguiente!

Minnie pasó entre todo un estrépito de aplausos. No le gustó, pero pensaba que estaba cumpliendo con su deber, y siguió rodando por Haverstock Hill y la calle mayor de Camden Town con los ojos siempre fijos en la vivaz espalda del viejo George, que de forma tan incomprensible la separaba del haragán de su marido.

El hombre que viajaba en el primer coche iba agazapado en una esquina, con los brazos cruzados bien apretados y agarrando entre las manos el tubito que contenía tan vastas posibilidades de destrucción. Su estado de ánimo era una singular mezcla de temor y de exaltación. Sobre todo, temía que lo cogieran antes de poder llevar a cabo su propósito, aunque bajo este temor se ocultaba un miedo más vago, pero mayor ante lo horroroso de su crimen. En todo caso, su alborozo excedía con mucho a su miedo. Ningún anarquista antes que él había tenido esta idea suya. Ravachol, Vaillant, todas aquellas personas distinguidas cuya fama había envidiado, se hundían en la insignificancia comparadas con él. Sólo tenía que asegurarse del abastecimiento de agua y romper el tubito en un depósito. ¡Con qué brillantez lo había planeado, había falsificado la carta de presentación y había conseguido entrar en el laboratorio! ¡Y qué bien había aprovechado la oportunidad! El mundo tendría por fin noticias suyas. Todas aquellas gentes que se habían mofado de él, que le habían

menospreciado, preterido o encontrado su compañía indeseable por fin tendrían que tenerle en cuenta. ¡Muerte, muerte, muerte! Siempre lo habían tratado como a un hombre sin importancia. Todo el mundo se había confabulado para mantenerlo en la oscuridad. Ahora les enseñaría lo que es aislar a un hombre. ¿Qué calle era ésta que le resultaba tan familiar? ¡La calle de San Andrés, por supuesto! ¿Cómo iba la persecución? Estiró el cuello por encima del coche. El bacteriólogo les seguía a unas cincuenta yardas escasas. Eso estaba mal. Todavía podían alcanzarle y detenerle.

Rebuscó dinero en el bolsillo y encontró medio soberano. Sacó la moneda por la trampilla del techo del coche y se la puso al cochero delante de la cara.

—Más —gritó— si conseguimos escapar.

—De acuerdo —respondió el cochero arrebatándole el dinero de la mano.

La trampilla se cerró de golpe, y el látigo golpeó el lustroso costado del caballo. El coche se tambaleó, y el anarquista, que estaba medio de pie debajo de la trampilla, para mantener el equilibrio apoyó en la puerta la mano con la que sujetaba el tubo de cristal. Oyó el crujido del frágil tubo y el chasquido de la mitad rota sobre el piso del coche. Cayó de espaldas sobre el asiento, maldiciendo, y miró fija y desmayadamente las dos o tres gotas de la poción que quedaban en la puerta.

Se estremeció.

—¡Bien! Supongo que seré el primero. ¡Bah! En cualquier caso, seré un mártir. Eso es algo. Pero es una muerte asquerosa a pesar de todo. ¿Será tan dolorosa como dicen?

En aquel instante tuvo una idea. Buscó a tientas entre los pies. Todavía quedaba una gotita en el extremo roto del tubo y se la bebió para asegurarse. De todos modos, no fracasaría.

Entonces se le ocurrió que ya no necesitaba escapar del bacteriólogo. En la calle Wellington le dijo al cochero que parara y se apeó. Se resbaló en el peldaño, la cabeza le daba vueltas. Este veneno del cólera parecía una sustancia muy rápida. Despidió al cochero de su existencia, por decirlo así, y se quedó de pie en la acera con los brazos cruzados sobre el pecho, esperando la llegada del bacteriólogo. Había algo trágico en su actitud. El sentido de la muerte inminente le confería cierta dignidad. Saludó a su perseguidor con una risa desafiante.

—¡*Vive l'Anarchie*! Llega demasiado tarde, amigo mío. Me lo he bebido. ¡El cólera está en la calle!

El bacteriólogo le miró desde su coche con curiosidad a través de las gafas.

—¡Se lo ha bebido usted! ¡Un anarquista! Ahora comprendo.

Estuvo a punto de decir algo más, pero se contuvo. Una sonrisa se dibujó en sus labios. Cuando abrió la puerta del coche, como para apearse, el anarquista le rindió una dramática despedida y se dirigió apresuradamente hacia London Bridge procurando rozar su cuerpo infectado contra el mayor número de gente. El bacteriólogo estaba tan preocupado viéndole que apenas si se sorprendió con la aparición de Minnie sobre la acera, cargada con el sombrero, los zapatos y el abrigo.

—Has tenido una buena idea trayéndome mis cosas —dijo, y continuó abstraído contemplando cómo desaparecía la figura del anarquista.

—Sería mejor que subieras al coche —indicó, todavía mirando.

Minnie estaba ahora totalmente convencida de su locura y, bajo su responsabilidad, ordenó al cochero volver a casa.

—¿Que me ponga los zapatos? Ciertamente, cariño —respondió él al tiempo que el coche comenzaba a girar y hacía desaparecer de su vista la arrogante figura negra empequeñecida por la distancia. Entonces se le ocurrió de repente algo grotesco y se echó a reír. Luego observó:

—No obstante, es muy serio. ¿Sabes?, ese hombre vino a casa a verme. Es anarquista. No, no te desmayes o no te podré contar el resto. Yo quería asombrarle, y, sin saber que era anarquista, cogí un cultivo de esa nueva especie

de bacteria de la que te he hablado, esa que propaga y creo que produce las manchas azules en varios monos, y a lo tonto le dije que era el cólera asiático. Entonces él escapó con ella para envenenar el agua de Londres, y desde luego podía haber hecho la vida muy triste a los civilizados londinenses. Y ahora se la ha tragado. Por supuesto no sé lo que ocurrirá, pero ya sabes que volvió azul al gato, y a los tres perritos azules a trozos, y al gorrión de un azul vivo. Pero lo que me fastidia es que tendré que repetir las molestias y los gastos para conseguirla otra vez.

"¡Que me ponga el abrigo en un día tan caluroso! ¿Por qué? ¿Porque podríamos encontrarnos a la señora Jabber? Cariño, la señora Jabber no es una corriente de aire. ¿Y por qué tengo que ponerme el abrigo en un día de calor por culpa de la señora…? ¡Oh!, muy bien …"

Texto de dominio público.
Traducción de autor desconocido.
Fuente: Educarchile – Ministerio de Educación – Chile.

Imagen: Secretaria de Saúde do Estado do Tocantins.

UM GRANDE METRÔ TRANSATLÂNTICO

Michel Verne
(1861 – 1925)

Companhia de Tubos Pneumáticos de Boston-Liverpool

Foi este o letreiro que li com incredulidade quando me encontrava diante da pretensiosa entrada de mármore do que parecia ser um átrio subterrâneo. Eu sabia que era subterrâneo porque um elevador situado na entrada subia periodicamente até o nível em que eu estava — o nível da rua — e depois descia carregado de passageiros.

Acompanhava-me o Coronel Pierce, de Boston, Estados Unidos. Apontando para dois enormes cilindros, um de cada lado do elevador, ele disse:

—Este são os elevadores da estação.

O inventor americano conduziu-me ao interior de um dos elevadores e descemos com uma rapidez que quase me privou do fôlego. Por fim, paramos e saímos numa sala de espera espaçosa e brilhantemente iluminada. Na parede oposta de alvenaria, ao nível do chão, estavam as cabeças ou tampas metálicas brilhantes do que pareciam ser tubos gêmeos.

— E está me dizendo — disse eu — que estas são as extremidades americanas dos tubos que ligam este continente à costa de Inglaterra?

—Sim. Utilizamos 5.000.000 pés quadrados de aço para os cilindros; peso total: 13.000.000 toneladas. Estes tubos consistem em inúmeras seções de tubagem, cada secção com 10 pés de comprimento.

— As seções tiveram de ser unidas debaixo do oceano", observei. —Como?...

— O processo é segredo meu, senhor — interrompeu o coronel. —Basta dizer que estão aparafusadas umas às outras e que o conjunto é envolvido numa rede tripla de aço, e o invólucro exterior consiste num manto de guta-percha com um metro de espessura.

—E a força motriz?

— Pneumática: o mesmo princípio usado nos tubos pneumáticos dos correios.

Quase ao mesmo tempo em que ele falava, a tampa do tubo à esquerda abriu-se lentamente. O coronel conduziu-me ao interior. Apoiados no chão do tubo, cujo lado estava temporariamente aberto para a verdadeira sala de espera pública, havia vários vagões, elegantes recintos de passageiros em forma de charuto, do melhor aço Bessemer, cada um em seu invólucro de guta-percha, que correspondia exatamente ao diâmetro do tubo. Os passageiros ocuparam os seus lugares.

O vagão estava brilhantemente iluminado e equipado com sofás e cadeiras luxuosamente estofados.

— Vamos a um pouco mais de 1.720 milhas por hora — disse o Coronel. — Os nossos foles podem criar e manter uma corrente de ar suficientemente poderosa para mover um trem 3.500 milhas — de Boston a Liverpool, conforme nossa rota —com quase a velocidade de uma bala de canhão.

Continuamos a conversar. O coronel disse-me que estávamos a meio caminho de Liverpool. Conversamos mais e ele me explicou que o trem estava em comunicação elétrica com Liverpool. No momento certo, uma corrente de ar contrária seria dirigida por Liverpool para nos abrandar à medida que nos aproximássemos.

Passado algum tempo, detectei uma espécie de assovio abafado. O Coronel Pierce levantou-se.

—Vamos — disse. — Liverpool!

— Ha, ha! — eu ri. — Você quase me fez acreditar que tínhamos saído de Boston.

O coronel franziu o cenho e conduziu-me ao elevador. Quando chegamos ao ar livre, não pude confundir o que nos rodeava. Era Liverpool.

— Um trem para Boston parte dentro de 20 minutos — disse o Coronel. — Você ainda pode retornar a tempo para o almoço.

Tradução de Paulo Soriano.

UN GRAN METRO TRANSATLÁNTICO

Michel Verne
(1861 – 1925)
Compañía de tubos neumáticos Boston-Liverpool

Este fue el cartel que leí con incredulidad mientras me encontraba ante la pretenciosa entrada de mármol de lo que parecía ser un salón subterráneo. Sabía que era subterráneo porque un ascensor situado en la entrada subía periódicamente hasta el nivel en el que yo estaba —el nivel de la calle— y luego bajaba cargado de pasajeros.

Me acompañaba el coronel Pierce, de Boston, Estados Unidos. Señalando dos enormes cilindros, uno a cada lado del ascensor, dijo:

—Estos son los ascensores de la estación.

El inventor americano me condujo al interior de uno de los ascensores y descendimos con una rapidez que casi me dejó sin aliento. Por fin, nos detuvimos y salimos a una sala de espera espaciosa y brillantemente iluminada. En la pared opuesta de mampostería, al nivel del suelo, estaban las brillantes cabezas o tapas metálicas de lo que parecían ser tubos gemelos.

—¿Y me estás diciendo —dije— que estos son los extremos americanos de los tubos que conectan este continente con la costa de Inglaterra?

—Sí. Usamos 5.000.000 pies cuadrados de acero para los cilindros; peso total: 13.000.000 toneladas. Estos tubos consisten en innumerables secciones de tuberías, cada sección es de 10 pies de largo.

—Sí. Utilizamos 5.000.000 de pies cuadrados de acero para los cilindros; peso total: 13.000.000 toneladas. Estos tubos consisten en numerosas secciones de tubería, cada sección de 10 pies de largo.

—Las secciones tuvieron que unirse bajo el océano. —observé. ¿Cómo...?

—El proceso es mi secreto, señor— interrumpió el coronel. —Basta decir que están atornillados entre sí y el conjunto envuelto en una triple red de acero, mientras que la capa exterior consiste en un manto de gutapercha de un metro de espesor.

—¿Y la fuerza motriz?

—Neumática: el mismo principio que se utiliza en los tubos neumáticos de las oficinas de correos.

Casi al mismo tiempo que hablaba, la tapa del tubo de la izquierda se abrió lentamente. El coronel me condujo al interior. Apoyados en el suelo del tubo, cuyo lado estaba temporalmente abierto a la verdadera sala de espera del público, había varios vagones, elegantes berlinas con forma de cigarro, del más fino acero Bessemer, cada uno con su carcasa de gutapercha, que correspondía exactamente al diámetro del tubo. Los pasajeros ocuparon sus lugares.

El vagón estaba brillantemente iluminado y provisto de sofás y sillas lujosamente tapizados.

—Vamos a poco más de 1.720 millas por hora —dijo el coronel. —Nuestros fuelles pueden crear y mantener una corriente de aire lo suficientemente potente para mover un tren 3.500 millas, de Boston a Liverpool, según nuestra ruta, con casi la velocidad de una bala de cañón.

Seguimos charlando. El coronel me dijo que estábamos a medio camino de Liverpool. Hablamos más y me explicó que el tren estaba en comunicación eléctrica con Liverpool. En el momento oportuno, una contracorriente de aire sería dirigida desde Liverpool para frenarnos a medida que nos acercábamos.

Al cabo de un rato detecté una especie de silbido sordo. El coronel Pierce se levantó.

—Vamos —dijo. —¡Liverpool!

—Ja, ja —me reí. —Casi me engañaste haciéndome creer que habíamos salido de Boston.

El coronel frunció el ceño y me condujo hasta el ascensor. Cuando llegamos al aire libre, no pude equivocarme de entorno. Era Liverpool.

—Un tren para Boston sale en 20 minutos —dijo el coronel. —Aún puedes regresar a tiempo para el almuerzo.

Traducción de Paulo Soriano.
Revisión de Emilio Vilaró.

UM FANTASMA À JANELA

(Episódio gótico de *O Morro dos Ventos Uivantes*)
Emily Brontë
(1818 – 1848)

Virei-me e dormitei. Sonhei novamente. Era um sonho mais perturbador que o primeiro, se isto era possível.

Desta vez, lembrei-me de que estava deitado no *closet* de carvalho e ouvi distintamente as rajadas de vento e o cair da neve. Escutei, também, o galho de abeto repetir seu ruído provocador, cuja causa eu conhecia. Aquele som era tão desagradável que resolvi silenciá-lo, se pudesse. Então, pensei que me levantava e me esforçava por abrir a janela. O gancho estava preso ao ferrolho, circunstância que eu já observara quando acordado, mas que me fugira à lembrança.

— Tenho que acabar com isso, de um modo ou de outro! —murmurei, batendo com os nós dos dedos na vidraça e esticando um braço para agarrar o galho importuno; em vez disso, meus dedos se fecharam sobre os de uma mãozinha gelada!

O intenso horror do pesadelo dominou-me: tentei puxar meu braço, mas a mão agarrou-se a ele, e uma voz — a mais melancólica das vozes — gemeu:

— Deixe-me entrar! Deixe-me entrar!

— Quem é você? — perguntei, enquanto lutava por me soltar.

— Catherine Linton — respondeu a trêmula voz (por que fantasiei *Linton*? Eu havia lido *Earnshaw* vinte vezes mais que Linton). — Voltei para casa: eu me perdi na charneca!

Enquanto aquela voz fluía, percebi, na escuridão, um rosto jovem olhando pela janela. O terror atiçou-me a crueldade; e, achando que seria inútil tentar livrar-me da criatura, puxei seu pulso para a vidraça quebrada e esfreguei-o de um lado para outro, até que o sangue escorresse e encharcasse os lençóis. Ainda assim, a criatura gritava:

— Deixe-me entrar!

E continuou a apertar-me o braço tenazmente, a ponto de quase me enlouquecer de pavor.

— Como posso fazer isto? — eu disse, por fim. — Se quer que eu a deixe entrar, solte-me primeiro.

Os dedos afrouxaram e eu puxei o meu braço pela greta. Apressadamente, empilhei os livros numa pirâmide contra a vidraça partida e tampei meus ouvidos para não mais ouvir aquela súplica lastimosa.

Creio que mantive os ouvidos fechados por mais de um quarto de hora. No entanto, no instante em que liberei os ouvidos, escutei novamente que aquele grito, aquele gemido doloroso!

— Vá embora! — gritei. — Jamais a deixarei entrar, ainda que me implore por vinte anos.

— Faz vinte anos — disse a voz, num lamento. — Vinte anos. Estou vagando, em abandono, há vinte anos!

Então, pelo lado de fora, algo começou a arranhar suavemente e a pilha de livros se moveu em minha direção, como se tivesse sido empurrada.

Tentei escapar, mas eu não conseguia mexer um membro. Então, gritei em voz alta, num frenesi de pavor.

Para minha perplexidade, descobri que o grito não era imaginário: passos apressados se aproximaram da porta do meu quarto. Alguém a empurrou com uma mão vigorosa e uma luz brilhou através das aberturas sobre a minha cama. Ainda a tremer, sentei-me e enxuguei o suor da testa.

Tradução de Paulo Soriano.

UN FANTASMA EN LA VENTANA

(Episodio gótico de *Cumbres Borrascosas*)
Emily Brontë
(1818 – 1848)

Volví a dormirme y soñé cosas más desagradables aún.

Ahora recordaba que descansaba en una caja de madera y que el cierzo y las ramas de un árbol golpeaban la ventana. Tanto me molestaba el ruido, que, en sueños, me levanté y traté de abrir el postigo. No lo conseguí, porque la falleba estaba agarrotada, y entonces rompí el cristal de un puñetazo y saqué el brazo para separar la molesta rama. Mas en lugar de ella sentí el contacto de una manecilla helada.

Me poseyó un intenso terror y quise retirar el brazo; pero la manecilla me sujetaba y una voz repetía:

—¡Déjame entrar, déjame entrar!

—¿Quién eres? —pregunté, pugnando para poder soltarme.

—Catalina Linton —contestó, temblorosa. —Me había perdido en los pantanos y vuelvo ahora a casa.

No sé por qué me acordaba del apellido Linton, ya que había leído veinte veces más el apellido Earnshaw.

Miré y divisé el rostro de una niña a través de la ventana. El horror me hizo obrar cruelmente, y al no lograr desasirme de la niña, apreté sus puños contra el corte del cristal hasta que la sangre brotó y empapó las sábanas. Pero ella seguía gimiendo:

—¡Déjame entrar!'—Y me oprimía la mano, haciendo llegar mi terror al paroxismo.

—¿Cómo voy a dejarte entrar -dije, por fin-, si no me sueltas la mano?

El fantasma aflojó su presión. Metí precipitadamente la mano por el hueco del vidrio roto, amontoné contra él una pila de libros y me tapé los oídos para no escuchar la dolorosa súplica.

Estuve así alrededor de un cuarto de hora; pero en cuanto volvía a escuchar, oía el mismo ruego lastimero.

—¡Márchate! —grité. —¡No te abriré, aunque me lo estés pidiendo veinte años seguidos!

—Veinte años han pasado —musitó. —Veinte años han pasado desde que me perdí.

Empezó a empujar levemente desde fuera. El montón de libros vacilaba.

Intenté moverme, pero mis músculos estaban como paralizados, y, en el colmo del horror, grité.

El grito no había sido soñado. Con gran turbación sentí que unos pasos se acercaban a la puerta de la alcoba. Alguien la abrió, y por aperturas del lecho percibí luz. Me senté en la cama, sudoroso, estremecido aún de miedo.

Traducción de autor desconocido
Texto de dominio público./Fuente: http://www.dominiopublico.gov.br/

Imagen: Laurie Lee Broom.

A AUTÓPSIA

Carlos Diaz Dufoó
(1861 – 1941)

I

Teodora alcançara aquela idade em que o espírito, presa de estranhas alucinações, procura nos espaços fulgores desconhecidos e nas flores aromas especiais. Seus olhos, luminosos e radiantes, refletiam a curiosidade de uma alma inquieta, nascida para ser contemplada de joelhos.

Chegou ao altar quando o alvor da adolescência mal iluminava o seu semblante. Ali, naquela alcova onde o anjo da felicidade coloca sigilosamente o seu dedo nos lábios, havia encontrado um homem frio e reservado, impregnado o espírito de problemas transcendentais, de casos patológicos, de dúvidas científicas.

Havia passado de sua clínica à câmara nupcial bruscamente, sem transição alguma, e se encontrava nos braços daquela menina como em sua sala de aulas, diante de seus discípulos, nos solenes momentos de uma operação cirúrgica.

Teodora chorou seus desenganos por muito tempo. Depois, o costume afastou as sombras que se projetaram em seu espírito e a assediaram durante alguns anos.

Todas as manhãs via o seu marido afastar-se, sempre silencioso, sempre pensativo, depois de uma noite de insônia, consultando, ao reflexo do pálido revérbero que iluminava tenuemente a cama de madeira rosa em que ela descansava, as obras dos mestres, sem que seus olhos, pousados naquelas páginas, revelassem uma só ideia mundana, uma só centelha de vida.

Todos os dias, ao bater uma hora da tarde, o coche do doutor estremecia as vidraças da casa.

Momentos depois, imprimia seus lábios gelados e descoloridos na pensativa fronte da esposa.

Comiam em silêncio e penetrava em seu gabinete de estudo para não sair até hora muito avançada da tarde, quando o último raio havia deixado de dourar os cimos das montanhas.

Teodora passeava no bosque sua amarga melancolia e quando as trevas da noite, confundindo-se com as de sua alma, envolviam os caprichosos contornos das árvores, o coche ganhava as ruas da cidade, e ela penetrava naquele lugar sombrio e taciturno que não turbava o seu repouso com o mínimo ruído.

Certa noite, Teodora não voltou.

Na manhã seguinte, no salão da Sra..., corria de boca em boca a notícia de que a bela T..., esposa do célebre doutor M..., havia abandonado o domicílio conjugal em companhia de um conhecido Lovelace, cujas seduções mundanas fizeram-no herói de numerosas aventuras.

Na solitária casa da rua de .... a vida não havia mudado.

Todas as tardes, a uma hora, o ruído de um coche estremecia as vidraças do edifício e o doutor, frio e silencioso, transpunha os umbrais daquela porta, que tornava a fechar-se a seu passo.

O transeunte, que a altas horas da noite cruzasse aquela apartada via pública e fixasse o seu olhar no edifício, poderia vislumbrar um pálido raio de luz que se desprendia de uma de suas varandas.

Era o doutor que estudava.

II

Naquela noite, o doutor madrugara mais que de costume.

Um círculo escuro circundava seus olhos, que pareciam mais cavernosos que nunca. No fundo daquelas cavidades se adivinhavam, melhor que se viam, duas pupilas fixas em um céu plúmbeo de melancolia vaga e taciturna.

Saiu. As leves gotas de uma chuva finíssima caíam nos charcos das calçadas, produzindo pequenas ondulações que se apagavam por um instante para desenhar-se de novo. Os coches salpicavam de lodo os transeuntes.

As pesadas rodas dos carros se fundiam na lama com um estalido glutinoso.

No hospital, os alunos esperavam o doutor, trocando mútuas confidências de suas aventuras estroinas. O ar úmido da manhã não se fazia sentir naquela atmosfera impregnada ácido fênico. Um passo lento e compassado ressoou entre os corredores. Os cochichos cessaram: era o doutor.

Quando entrou na sala, seguido de seus discípulos, a impassível fisionomia do médico se iluminou por um momento. Seus olhos brilharam como duas achas de fogo, sua tez murcha se coloriu por um momento, sua fronte se levantou orgulhosa e firme, e, com voz sonora e metálica, começou a sua lição:

— Senhores...

O assunto era o envenenamento por cianureto.

O doutor pretendia seguir as pistas da intoxicação pelo veneno e investigar certos fenômenos que poderiam ter escapado à experiência.

Um aluno interrompeu o professor. Precisamente na noite anterior chegara ao anfiteatro o cadáver de uma mulher intoxicada pelo cianureto em um antro de prostituição. O corpo esperava pela autópsia.

Animado pela febre da ciência, aquele homem de gelo abandonou a cátedra e, sempre seguido por seus discípulos, penetrou na sala de dissecações.

Uma mesa de mármore branco, escurecida por uma leve camada gordurosa, erguia-se naquele amplo recinto, iluminada por largas janelas, por onde um raio de Sol, que havia fendido naquele momento a escura prisão de nuvens que o envolvia, penetrava alegremente, incidindo sobre um crânio amarelado, abandonado no canto mais afastado do lugar.

O doutor havia retirado de sua maleta de instrumentos um bisturi flexível e delgado como a língua de uma serpente. Era outro homem, seu rosto resplandecia. Um fulgor estranho iluminava aquela fronte escurecida pela insônia. Em sua boca havia um sorriso de amor-próprio satisfeito. Seu nariz aspirava com deleite aquele ar carregado de emanações de sangue humano.

Trouxeram o cadáver.

Era o de uma mulher jovem e bela. Suas formas haviam sido marcadas pelo prazer sem que perdessem o primitivo encanto de suas linhas. O vício movera aquele monte de branca e lisa, de contorno suaves e curvas virginais.

O doutor se aproximou e uma palidez mortal cobriu o seu semblante.

Hesitou um momento...

Aquele cadáver era o de Teodora.

A mesma estranha claridade que iluminava um pouco antes as suas feições, murchas e fatigadas, apareceu novamente em seu rosto.

Aproximou-se da mesa de autópsia e, procurando no corpo uma determinada região, fez a primeira incisão com o bisturi.

Tradução de Paulo Soriano.

Imagem: Enrique Simonet (1866 – 1927).

AUTOPSIA

Carlos Díaz Dufoó
(1861 – 1941)

I

Teodora había alcanzado esa edad en que el espíritu, presa de extrañas alucinaciones, busca en los espacios fulgores desconocidos y en las flores aromas especiales. Sus ojos, abrillantados y radiantes, reflejaban la curiosidad de un alma inquieta, nacida para ser contemplada de rodillas.

Llegó al altar cuando el primer albor de la adolescencia iluminaba apenas su semblante. Allí, en aquella alcoba en donde el ángel de la dicha coloca sigilosamente su dedo en los labios, había encontrado a un hombre frío y reservado, impregnado el espíritu de problemas trascendentales, de casos patológicos, de dudas científicas.

Había pasado de su clínica a la cámara nupcial bruscamente, sin transición alguna, y se encontraba en los brazos de aquella niña como en su cátedra, delante de sus discípulos, en los solemnes momentos de una operación quirúrgica.

Teodora lloró sus desengaños mucho tiempo. Después, la costumbre había alejado las sombras que se proyectaron en su espíritu y la asediaron durante algunos años.

Todas las mañanas veía alejarse a su marido, siempre silencioso, siempre pensativo, después de una noche de insomnio, consultando al reflejo del pálido reverbero que alumbraba tenuemente la cama de palo de rosa en que descansaba ella, las obras de los maestros, sin que sus ojos, posados en aquellas páginas, revelaran una sola idea mundana, un solo destello de vida.

Todos los días, al sonar la una de la tarde, el coche del doctor estremecía las vidrieras de la casa.

Momentos después, imprimía sus labios helados y descoloridos en la pensativa frente de la esposa.

Comían en silencio, y él penetraba en su gabinete de estudio para no salir hasta hora muy avanzada de la tarde, cuando ya el último rayo había dejado de dorar las cumbres de las montañas.

Teodora paseaba en el bosque su amarga melancolía, y cuando las tinieblas de la noche, confundiéndose con las de su alma, envolvían los caprichosos contornos de los árboles, el coche ganaba las calles de la población, y penetraba en aquel hogar sombrío y taciturno que no turbaba el menor ruido en su reposo.

Una noche Teodora no volvió.

A la mañana siguiente, en el salón de la señora…, corría de boca en boca la noticia de que la hermosa T…, esposa del célebre doctor M…, había abandonado el domicilio conyugal en compañía de un conocido Lovelace, cuyas seducciones mundanales habíanle hecho héroe de numerosas aventuras.

En la solitaria casa de la calle de… la vida no había cambiado.

Todas las tardes, a la una, el ruido de un coche estremecía las vidrieras del edificio, y el doctor, frío y silencioso, traspasaba el dintel de aquella puerta, que volvía a cerrarse al darle paso.

El transeúnte que a las altas horas de la noche cruzaba aquella apartada vía pública y fijaba su vista en el edificio podía vislumbrar un pálido rayo de luz que se desprendía de uno de los balcones.

Era el doctor que estudiaba.

II

Aquella noche el doctor había velado más que de costumbre.

Un círculo obscuro circundaba sus ojos, que parecían más cavernosos que nunca. En el fondo de aquellos huecos se adivinaban, mejor

que se veían, dos pupilas fijas en un cielo plomizo de melancolía vaga y taciturna.

Salió. Leves gotas de una lluvia finísima caían en los charcos de las aceras, produciendo pequeñas ondulaciones que se borraban un momento para dibujarse de nuevo. Los coches salpicaban de lodo a los transeúntes.

Las pesadas ruedas de los carros se hundían en el fango con un chasquido glutinoso.

En el hospital, los alumnos esperaban al doctor, haciéndose mutuas confidencias de sus aventuras de callejuela. El aire húmedo de la mañana no se hacía sentir en aquella atmósfera impregnada de ácido fénico. Un paso lento y acompasado resonó en los corredores; los cuchicheos cesaron: era el doctor.

Cuando entró en la cátedra seguido de sus discípulos, la impasible fisonomía del médico se iluminó por un momento. Sus ojos brillaron como dos ascuas de fuego, su tez marchita se coloreó un instante, su frente se levantó orgullosa y firme, y con voz sonora y metálica comenzó su explicación:

—Señores…

Se trataba del envenenamiento por cianuro.

El doctor pretendía seguir las huellas de la intoxicación por el veneno, e investigar ciertos fenómenos que podían haberse escapado a la experiencia.

Un alumno interrumpió al profesor. Precisamente se había llevado la noche anterior al anfiteatro el cadáver de una mujer intoxicada por el cianuro, en una madriguera de la prostitución. El cuerpo esperaba la autopsia.

Animado por la fiebre de la ciencia, aquel hombre de hielo abandonó el sillón de la cátedra, y, seguido siempre de sus discípulos, penetró en la sala de disecciones.

Una plancha de mármol blanco, opacada por una leve capa grasosa, se alzaba en aquella habitación amplia, a la que daban luz dos anchas ventanas, por donde un rayo de sol, que había roto en aquel momento la obscura prisión de nubes que lo tenía envuelto, penetraba alegremente, yendo a herir un amarillento cráneo, abandonado en el rincón más apartado de la estancia.

El doctor había retirado de su bolsa de operaciones un bisturí flexible y delgado como la lengua de una víbora. Era otro hombre, su rostro resplandecía; un fulgor extraño iluminaba aquella frente obscurecida por los insomnios; su boca se plegaba por una sonrisa de amor propio satisfecho; su nariz aspiraba con deleite aquel aire cargado de emanaciones de sangre humana.

Trajeron el cadáver.

Era el de una mujer joven y hermosa; sus formas habían sido holladas por el placer sin que perdieran el primitivo encanto de sus líneas. El vicio hizo rodar aquel montón de carne blanca y tersa, de suaves contornos y virginales redondeces.

El doctor se acercó y una palidez mortal cubrió su semblante.

Aquel cadáver era el de Teodora.

Vaciló un momento…

La misma extraña claridad que alumbraba un poco antes sus facciones, marchitas y fatigadas, apareció de nuevo en su rostro.

Se acercó a la plancha, y, buscando en el cuerpo un espacio determinado, hizo la primera incisión con el bisturí.

NOSSOS CONTOS

NUESTROS CUENTOS

SEMANAS OU MESES OU ANOS OU SÉCULOS

Campo Ricardo Burgos López

1

Quando acordou, Teófilo Forero percebeu que estava numa rústica cama de madeira, envolto apenas num cobertor semelhante a uma lã grosseira. Vestia um pijama delgado, talvez de algodão, e, por uns instantes, vislumbrou aquele ambiente: ressentindo-se de quadros e de janelas, havia um quarto amplo, espaçoso, emoldurado por tijolos revelhos; nas paredes, havia uma porta fechada e alguns castiçais acesos; além da cama e de si mesmo — ele acabara de acordar —, nada mais ressaltava-se. Por alguns instantes, perpassaram-lhe à memória, confusamente, algumas cenas: via-se deitado noutro quarto, sem dúvida mais moderno (um hospital?). À sua volta, estava algo que se assemelhava a um médico e a uma enfermeira, a observá-lo; viu que, a certa altura, o médico esforçava-se por reanimar o seu peito desnudo; depois, percebeu que o doutor e a enfermeira o observavam com ares de pura impotência.

— Está morto — disse o médico. Chegamos tarde demais.

Quem estava morto? Seria o próprio Teófilo? Por mais alguns instantes, Teófilo permaneceu com os olhos fechados, mas só lhe vinham à mente imagens desconexas e caóticas: estava ele vestido com as vestes sacerdotais, celebrando uma missa nalguma igreja; estava num confessionário, a ouvir um penitente; estava a erguer hóstia; a orar num genuflexório; a caminhar por uma rua qualquer. Subitamente, Teófilo lembrou-se de que era padre e de que, no que lhe pareceram horas atrás, sentira que o coração estourara no peito e que houvera desmaiado. Depois, voltaram-lhe à memória as imagens confusas de si mesmo, numa cama de hospital, além da visão de algo semelhante à de um médico e de uma enfermeira, que se esforçavam por sobre o seu corpo, e... nada mais. O que estava acontecendo? Onde estava ele, agora? Lentamente, Teófilo despiu-se do cobertor, notou que não tinha chinelos e, assim, descalço, pôs os pés no piso de tijolo e dirigiu-se à porta, que estava trancada. Onde estaria? Sem saber como proceder, Teófilo voltou a esquadrinhar aquele quarto e comprovou, por fim, que nada havia além do que já vira; por alguma razão, olhou por debaixo da cama: nada viu. Passados uns bons instantes, sentou-se na cama e foi, novamente, assaltado por imagens confusas.

— Eu sou Teófilo! — disse a si mesmo, em voz alta. — Sou o padre Teófilo Forero!

Somente o silêncio cuidou de responder-lhe.

2

Transcorreram alguns minutos ou horas? Não havia como saber. Que lugar era aquele? Onde se encontrava? Vagamente, veio-lhe à consciência a evocação de curvar-se perante um crucifixo, de ser ordenado por um bispo, de ser observado por uma bela jovem. Quem era ela? Por que aquela mulher lhe parecia a um só

tempo familiar e desconhecida? Confuso, levantou-se mecanicamente, dirigiu-se à porta, agarrou a maçaneta e, desta vez, a porta se abriu. Assombrado, Teófilo ficou estático por um segundo. Depois, reagiu e atravessou o umbral; viu que estava num corredor com não mais de dois metros de altura, no qual a única porta era a sua; aqui e ali havia alguns candelabros presos às paredes e algumas velas acesas, mas isso era tudo. Teófilo olhou para a esquerda e para a direita e, em ambas as direções, o corredor acabava por mergulhar na escuridão; desorientado, optou por seguir à direita. Enquanto caminhava, reparava que, periodicamente, a única coisa que quebrava a monotonia das paredes de tijolo eram os candelabros com as velas acesas, nada mais: de resto, só a escuridão; também só se ouviam os próprios passos, pois o silêncio era total. Para onde o conduziria aquele corredor? Por que não havia outras portas, quartos ou salas? Novamente, por tempo indeterminado, Teófilo caminhou na débil penumbra, até que, finalmente, vislumbrou uma porta fechada; agarrou a maçaneta com as mãos e abriu-a.

3

No cômodo — onde não havia janela — nada se via. Não havia, sequer, o que quer que seja fixado às paredes; havia somente os habituais castiçais e velas de sempre; as paredes eram feitas do mesmo tijolo corroído que lhe era de pleno conhecimento. Durante algum tempo, Teófilo ficou a contemplar aquele espetáculo estéril; mas, depois, decepcionado, saiu do cômodo e se pôs a percorrer aquele mesmo corredor, dotado dos mesmos castiçais e das mesmas velas a alumiar, periodicamente, o mesmo caminho na escuridão. Depois de muito deambular em silêncio, ouvindo unicamente os próprios passos sobre a pedra, encontrou, a certa altura, outra porta; curioso, dela aproximou-se e a descerrou, mas somente para encontrar o mesmo espetáculo do cômodo anterior: nada; tão-somente mais um cômodo vazio.

4

Passado um bom tempo, Teófilo já não mais sabia o quanto havia deambulado por aqueles sombrios corredores, que não pareciam ter fim; num certo instante, sentiu-se cansado e, ali mesmo, no corredor, sob as velas de um candelabro, encolheu-se no chão e adormeceu. Quando acordou, tudo permanecia como antes: a mesma luz de velas, o mesmo corredor semiescuro, o mesmo silêncio. Teófilo pôs-se, de novo, a caminho e, passado algum tempo, apareceu-lhe uma porta; abriu-a e voltou a deparar-se com apenas paredes de tijolo e chão de pedra, nada mais. Perplexo, o homem prosseguiu, caminhando e caminhado; de vez em quando, a monotonia das paredes do corredor era rompida por uma porta; ele, de supetão, a abria, mas tão-somente para encontrar os mesmos cômodos vazios. O que seria aquilo? Onde estava ele? Certa vez, desesperado, gritou, mas as paredes limitaram-se a devolver o eco do seu brado, nada mais.

5

Passaram-se novos tempos sem que se pudesse saber a sua dimensão (talvez horas, talvez dias, talvez semanas — não havia como calculá-lo, porque o ambiente em que circunscrito Teófilo não se alterava: eram sempre os mesmos corredores vazios e obscuros, sempre os mesmos candelabros e suas mesmas velas, sempre as mesmas portas que, ao abrirem-se, davam espaço a âmbitos vazios, sempre aquele mesmo silêncio). Por vezes, Teófilo sentia-se cansado e simplesmente adormecia no chão de um quarto e, ao despertar, saía do cômodo para continuar a mesma peregrinação pelos corredores. Certa feita, todavia, algo aconteceu. Encontrou uma porta desconhecia e, ao abri-la, deparou-se com o previsível espaço vazio; mas, ao rastrear o ambiente, notou a presença de um envelope de carta branco, caído no chão, enfurnado num canto. Estranhando tudo aquilo, Teófilo abriu o envelope e nele encontrou um papel dobrado; aberta, a folha dizia-lhe: "Teófilo Forero: estás morto e estás no Inferno".

O homem ficou estupefato com o conteúdo daquela missiva. Olhou-a de todos os lados e constatou que a sentença exposta houvera sido escrita à mão, desenhada numa letra que lhe era desconhecida. Nada mais. Assombrava-o o fato de que a mensagem era a si dirigida, confirmando aquilo de que já suspeitava (a sua própria morte), enquanto deambulava pelos

gélidos corredores, e que exprimia uma condenação irremissível. Cansado de tanto caminhar, Teófilo sentou-se no chão e ficou a olhar para a página. Quem havia escrito aquilo? Teria sido Deus? Teria sido o diabo? Algum outro ser sobre-humano? Ali sentado, refletiu sobre as recordações que lhe vinham à mente em rajadas caóticas; veio-lhe, enfim, o retorno da lembrança de que, quando vivo, havia sido sacerdote; de que, um dia, sofrera um enfarto e morrera num hospital; o semblante de uma mulher bonita também lhe ocorria à mente; entretanto, por mais que se esforçasse, não conseguia identificá-la. Quem seria ela? Ali mesmo, sentado no chão frio, lembrou-se de que, quando era padre, falara muitas vezes do Inferno como um lugar onde haveria fogo, enxofre, demônios e condenados, mas ali não havia nada daquilo. Estaria nalgum lugar do Inferno, por ele ignorado, e ao qual se chegava percorrendo aqueles corredores sombrios, seguindo uma direção aleatória? Nada disso importava. Ele nada entendia. Meditando por muito tempo (mais uma vez, nunca ela sabia a extensão temporal, porque não havia uma forma de mensurá-la), Teófilo perguntou intimamente se merecia o Inferno e, embora, a princípio, quisesse negá-lo, decorrido algum tempo, pensou que ali não se lhe era possível mentir como no mundo, e que o veredito caía-lhe à perfeição: houvera sido um mau padre — de fato, tinha sido um péssimo padre — e um ser humano vergonhoso; estivera totalmente ao lado dos poderosos contra os fracos; permanecera sempre ao lado dos ricos, em detrimento dos pobres; fincara-se todo o tempo em prol das potestades, mas em desfavor dos despossuídos; estivera sempre ao lado do status quo e, jamais, na companhia daqueles que o desafiavam; houvera sido, por toda a vida, um lambe-botas. O veredito, então, era irretocável, e não havia como justificar-se; ao invés de quando se está vivo, a mente, no inferno, somente nos permite externar a verdade: a isto, não nos é dado escapar.

6

Durante muito tempo, Teófilo permaneceu deitado no chão gelado sem fazer nada; notou que, embora sentisse frio, não sentia fome; reparou que as velas acesas no candelabro da parede jamais se consumiam e ofereciam sempre uma luz constante; percebeu que nunca ouvia algum som distinto do de sua respiração (sim; mesmo morto, ele respirava). O que havia de fazer? Alguma coisa? Estaria condenado a vaguear eternamente por aqueles corredores e quartos sem encontrar nada diferente do que tinha encontrado até então? Tomou novamente a folha de papel com a sentença e a leu. Era evidente, pelo que lá estava escrito, que pelo menos alguém tinha notado a sua presença, pois lhe tinham escrito, dizendo o seu nome corretamente e explicando-lhe a nova condição. Outros dias ou semanas ou meses ou anos passavam e o homem ficava apenas deitado no chão a olhar para o teto, nada mais. Uma vez, o condenado pensou que não tinha nada a perder se voltasse a explorar os corredores e os cômodos da estrutura diabólica em que estava confinado, e, então, retomou as suas deambulações.

7

Transcorreu, assim, mais um pouco do que se poderia chamar de "tempo" e nunca houve qualquer mudança em relação ao que Teófilo já sabia; uma vez, sentado num corredor, o homem pensou se poderia suicidar-se batendo com a cabeça na parede, mas, mais uma vez, soube que era absolutamente inútil, pois, em se estando morto, mesmo que se queira, não se pode voltar a morrer. Noutra ocasião, Teófilo gritou o mais alto que pôde e só conseguiu ouvir alguns ecos de sua própria voz. Um dia (e "um dia" é apenas uma expressão retórica, pois ali não havia dias nem noites), o homem entrou num novo quarto e encontrou-o despido de tudo, à exceção de um outro envelope de papel branco, deitado num canto, que Teófilo se apressou imediatamente a abrir. Ao fazê-lo, deparou-se com uma folha de papel que, ao ser desdobrada, estava em branco dos dois lados. O padre ficou a olhar para ela "durante muito tempo", sem nada entender, e depois atirou-a ao chão. O que significava aquilo? Será que alguém ou alguma coisa tentava comunicar-se com ele? Será que alguém ou alguma coisa zombava dele? Será que o Inferno também consistia nesta zombaria eterna?

8

Outro lapso de "tempo" decorreu sem variação alguma. Certa feita, enquanto dormia no chão de algum cômodo vazio, ele sentiu que alguém lhe beijava a boca e, então, despertou. Não havia ninguém; Teófilo sentiu medo e novamente se perguntou se alguém zombava dele.

9

A meditar, encolhido, nalgum corredor, o condenado concluiu que, apesar de tudo, não estava sozinho. Certo era que alguém deveria tê-lo levado para a cama no primeiro quarto, depois do ataque cardíaco; que alguém lhe escrevera uma carta que agora levava no bolso do pijama; que alguém o beijara enquanto dormia. Quem lhe fizera aquilo? Teria sido Deus? Satanás? Um anjo? Um demônio? Algum outro ser simplesmente impensável? Em sua reflexão, Teófilo lembrou-se, também, de sua família: onde estariam os seus pais? Onde estaria os seus irmãos? Onde estariam os seus avós? Fora ele o único membro de sua família que acabou no Inferno? Todos os outros membros do seu clã estavam no céu?

10

Passado um número de dias impossível de precisar, outra vez Teófilo permaneceu, durante muito tempo, estirado no chão de um quarto, sem fazer nada, quando, de repente, ouviu uma voz feminina a sussurrar-lhe ao ouvido direito:

— Mexe-te — foi tudo o que disse.

Imediatamente, o homem virou a cabeça para ver quem lhe falava, mas não encontrou ninguém: fora ele, não havia vivalma naquele quarto. Não percebeu a razão, mas, sentindo um medo imediato, ergueu-se e abandonou o cômodo.

11

Era evidente que havia alguém além dele naquele prédio que parecia não ter fim. Quem seria? Algum ser invisível? Alguma espécie de entidade maligna? O quê?

12

Numa das muitas ocasiões, Teófilo ficou imóvel no chão de um quarto por largo "tempo", ora dormindo sem sonhos, ora acordando e meditando sobre assuntos diversos. Por algum motivo, sentou-se, agarrou a maçaneta da porta e tentou abri-la, mas não conseguiu: estava trancada. Frustrado, bateu várias vezes com os punhos na porta, mas nada mudou. O que podia fazer? Quem tinha trancado a porta pelo lado de fora, tal como da primeira vez em que aparecera no Inferno? Quanto tempo duraria aquilo? O que aquilo significava? Entre irritado e perplexo, o homem espichou-se no chão sem fazer mais nada.

13

Desde então, passou-se um lapso de tempo indeterminado (Semanas? Meses? Anos? Séculos?). Teófilo perdeu a conta do número de vezes que se levantou e tentou abrir a porta, mas somente para descobrir que esta continuava trancada do lado de fora. Perdeu, também, a conta do número de vezes que adormeceu e acordou naquele mesmo quarto. Igualmente, perdeu a conta do número de vezes que matutou sobre a mesma coisa. Teófilo já perdeu todas as contas de todos os gêneros e há semanas ou meses ou anos ou séculos que nada muda onde ele permanece. Há semanas ou meses ou anos ou séculos que aquele quarto é o mesmo. Há semanas ou meses ou anos ou séculos que já não mais há tempo.

Tradução de Paulo Soriano.

Imagem: Francisco de Zurbarán (1598 – 1664).

SEMANAS O MESES O AÑOS O SIGLOS

Campo Ricardo Burgos López

1

Cuando Teófilo Forero despertó, le llamó la atención que se encontraba en una cama rústica de madera cubierto apenas por un cobertor de lo que parecía ser una lana muy gruesa. Él mismo se hallaba usando una piyama delgada que parecía ser de algodón y por unos segundos contempló el cuarto en que se hallaba: Era una habitación grande y espaciosa con paredes de ladrillo muy gastadas donde, salvo una puerta que estaba cerrada y unos candelabros pegados a la pared con unas velas encendidas, no había ventanas ni ningún cuadro en los muros; no había nada, sólo la cama y él que acababa de despertar en ella. Por otros instantes, Teófilo recordó confusamente algunas escenas: se veía a él mismo acostado en otra habitación, pero más moderna (¿un hospital?) y a su alrededor había lo que parecía ser un médico y una enfermera observándolo, en cierto momento el médico intentaba lo que parecía ser una maniobra de reanimación sobre su pecho desnudo y luego, el galeno y la enfermera lo observaban con semblantes de impotencia.

—Está muerto —decía el médico—. Llegamos tarde.

¿Quién estaba muerto? ¿Teófilo? Por unos momentos más, Teófilo cerró los ojos, pero a su mente sólo llegaban unas estampas inconexas y desordenadas: él estaba vestido de sacerdote y celebrando una misa en alguna iglesia, él estaba en un confesionario escuchando a algún penitente, él estaba levantando una hostia, él estaba orando en un reclinatorio, él estaba caminando por una calle. Repentinamente, Teófilo recordó que él era un sacerdote y que, en lo que parecían unas horas atrás, él había sentido que el corazón le estallaba en el pecho y se había desmayado. Después, volvían a aparecer en su cabeza las imágenes caóticas de él en una cama de hospital y de quienes parecían ser un médico y una enfermera esforzándose por hacer algo con su cuerpo, nada más ¿Qué ocurría? ¿Dónde estaba? Lentamente, Teófilo se quitó el cobertor, vio que no había pantuflas y así, descalzo, puso sus pies en el piso de ladrillo y se dirigió a la puerta, estaba cerrada con llave desde afuera. ¿Dónde se encontraba? Sin saber qué hacer, Teófilo volvió a escudriñar el cuarto donde estaba y de nuevo comprobó que no había nada salvo lo que ya había visto, por alguna razón miró bajo la cama y allí tampoco encontró algo. Otro largo rato Teófilo se sentó en la cama y de nuevo fue bombardeado por imágenes confusas.

—¡Soy Teófilo! — se dijo a sí mismo en voz alta—. ¡El cura Teófilo Forero!

Tan sólo el silencio le respondió.

2

Transcurrieron lo que pudieron ser unos minutos o unas horas, Teófilo no tenía manera de saberlo ¿Qué era ese lugar? ¿Dónde estaba? Vagamente, a su conciencia venía la imagen de él inclinado ante un crucifijo, de él siendo ordenado por un obispo, de él siendo observado por una bella joven ¿Quién era ella? ¿Por qué esa mujer le parecía conocida y desconocida a la vez? Confundido, se levantó mecánicamente, se dirigió a la puerta, asió el picaporte y esta vez la puerta se abrió. Asombrado, por un segundo Teófilo se quedó estático, pero luego reaccionó y cruzó el umbral, vio que se encontraba en un corredor de no más de dos metros de alto donde la única puerta era la suya, aquí y allá había unos candelabros adosados a las paredes y algunas velas encendidas en ellos, pero eso era todo. Teófilo miró a izquierda y a derecha y en ambos sentidos el corredor acababa sumiéndose en la oscuridad; sin orientación alguna acerca del camino a tomar, eligió moverse hacia su derecha. Mientras caminaba, observó que de manera periódica lo único que rompía la monotonía de las paredes de ladrillo eran los candelabros con las velas encendidas, nada más, de resto sólo había oscuridad; asimismo, lo único que podía escuchar era sus propios pasos pues el silencio era total ¿A dónde llevaba ese corredor? ¿Por qué no había más puertas, habitaciones o salones? De nuevo por un lapso indeterminado, Teófilo caminó en la semipenumbra, hasta que al fin percibió una puerta cerrada, tomó el picaporte con las manos y la abrió.

3

En la habitación que no tenía ventanas no había nada, ni un solo objeto ni algo colgado en las paredes salvo los candelabros y velas de costumbre, los muros estaban hechos del mismo ladrillo desgastado que Teófilo ya

conocía. Por un rato, Teófilo se quedó contemplando el estéril espectáculo, pero luego, decepcionado, salió de la habitación y siguió caminando por el mismo pasillo con los mismos candelabros y velas periódicamente iluminando el camino en semipenumbra. Tras mucho deambular en silencio únicamente escuchando sus pasos en la piedra, en algún momento encontró otra puerta, se acercó curioso y la abrió, sólo para encontrar el mismo espectáculo que en la habitación anterior: nada, solamente otro cuarto vacío.

4

Pasó mucho tiempo y Teófilo ya no sabía cuánto había deambulado por los corredores sombríos que no parecían tener fin, alguna vez se sintió cansado y allí mismo en el corredor y bajo las velas de un candelabro se acurrucó en el piso y se durmió. Al despertar todo seguía igual, la misma luz de las velas, el mismo pasillo semioscuro, el mismo silencio. De nuevo Teófilo se puso en camino y otra vez luego de un lapso apareció una puerta, la abrió y otra vez no encontró sino paredes de ladrillo y pisos de roca, nada más. Desconcertado, el hombre continuó caminando y caminando; en ocasiones, la monotonía de las paredes del pasillo se rompía con una puerta que él de inmediato abría sólo para toparse con las mismas estancias vacías de siempre ¿Qué era eso? ¿Dónde estaba? Alguna vez, desesperado, gritó, pero las paredes sólo le devolvieron el eco de su grito, nada más.

5

Más tiempo pasó sin poder saber cuánto (tal vez horas, tal vez días, tal vez semanas, no había manera de computarlo pues el ambiente que rodeaba a Teófilo no presentaba variación: siempre los mismos corredores yertos y semioscuros, siempre los mismos candelabros con las mismas velas, siempre las mismas puertas que al abrirse arrojaban a cuartos vacíos, siempre el mismo silencio). A veces, Teófilo se sentía cansado y simplemente se dormía en el piso de algún cuarto y al despertar salía de la habitación para continuar su peregrinación por los corredores. Empero, en una ocasión ocurrió algo. Había encontrado otra puerta y al abrirla se topó con el pronosticable ámbito vacío, pero al rastrear el sitio, advirtió un sobre de carta blanco tirado en el piso junto a una esquina. Extrañado, Teófilo abrió el sobre y encontró un papel doblado que al desdoblarlo decía: "Teófilo Forero: estás muerto y estás en el Infierno".

El hombre se quedó estupefacto ante el papel. Lo miró por todos lados y constató que sólo tenía escrito a mano, con una letra que él no conocía, la sentencia que había leído. Nada más. Le asombró que el mensaje se dirigiera a él, que le confirmara lo que ya había estado sospechando mientras deambulaba por los corredores helados (su propia muerte) y que lo condenara sin atenuante. Cansado de caminar, Teófilo se sentó en el suelo y se quedó mirando la hoja ¿Quién había escrito eso? ¿Dios? ¿El diablo? ¿Algún otro ser sobrehumano? Allí sentado reflexionó en los recuerdos que le llegaban en ráfagas caóticas a su mente y concluyó que había estado rememorando que, mientras estaba vivo, él había sido sacerdote, que un día había sufrido un infarto y que había muerto en un hospital; a su mente también venía la figura de una mujer bella, pero por más que se esforzaba, no lograba identificarla ¿Quién era ella? Allí mismo, sentado en el piso frío, se acordó de que cuando él había sido cura, varias veces había hablado del Infierno como un sitio donde habría fuego, azufre, demonios y condenados, pero allí no había nada de eso ¿O quizás eso sí estaba en un lugar del Infierno que él no conocía y al cual se llegaba siguiendo esos pasillos semioscuros en alguna dirección? Daba igual. No entendía nada. Meditando por mucho tiempo (de nuevo, nunca sabía cuánto pues no había modo de medirlo), Teófilo se preguntó si él merecía el Infierno y aunque al comienzo quiso negárselo a sí mismo, tras un lapso pensó que allí no podía decirse mentiras como en el mundo y que el dictamen era correcto: él había sido un mal cura, es más, había sido un pésimo cura y un esperpéntico ser humano, siempre se había acomodado con los poderosos contra los débiles, siempre con los ricos contra los pobres, siempre con los potentados y en contra de los desposeídos, siempre con el *statu quo* y nunca con los que desafiaban ese *statu quo*, siempre había sido un lameculos. El veredicto, pues, era correcto y allí no cabía justificarse; en el Infierno la mente ya sólo se permitía decirse la verdad y nada más que la verdad, y no había escapatoria posible como sí la había cuando se estaba vivo.

6

Por mucho tiempo, Teófilo se quedó acostado en el suelo gélido sin hacer nada, notó que, aunque sentía frío no sentía hambre, notó que las velas encendidas en el candelabro de la pared jamás se consumían y siempre ofrecían una luz constante, notó que nunca se escuchaba ningún sonido distinto a su respiración (sí, respiraba aun estando muerto). ¿Qué se suponía que debería hacer? ¿Debería hacer algo? ¿Estaba condenado a vagar eternamente por esos pasillos y cuartos sin encontrar nada distinto a lo que hasta ahora había encontrado? Otra vez tomó en sus manos la hoja de papel con la sentencia y la leyó. Por lo allí redactado era evidente que al menos alguien había reparado en él pues le había escrito dando correctamente su nombre y explicándole su nueva condición. Otros días o semanas o meses o años se sucedieron y el hombre sólo se quedó tirado en el piso mirando al techo, nada más. Alguna vez, el condenado pensó que nada perdía volviendo a explorar los pasillos y cuartos de la endiablada estructura donde estaba metido, y entonces otra vez reanudó sus vagabundeos.

7

Transcurrió así otro poco de lo que podríamos llamar "tiempo" y nunca hubo alguna variación de lo que Teófilo ya conocía; alguna vez, sentado en un pasillo el hombre pensó si podría suicidarse estrellando su cabeza contra alguna pared, pero de nuevo supo que el empeño era perfectamente inútil pues una vez muerto, así se lo desee, ya no se puede morir otra vez. En otra ocasión, Teófilo gritó todo lo que pudo y sólo pudo escuchar algunos ecos de su propio ruido. Un día (y "un día" sólo es una expresión retórica pues allí no había días ni noches), el hombre entró a un nuevo cuarto y lo encontró vacío salvo por otro sobre blanco de papel en una esquina, que de inmediato se arrojó a abrir. Al hacerlo, se topó con una hoja que al desdoblarse estaba en blanco por las dos caras. El cura se la quedó mirando "largo tiempo" sin comprender y luego la arrojó al piso ¿Qué significaba? ¿Alguien o algo trataba de comunicarse con él? ¿Alguien o algo se burlaba de él? ¿El Infierno consistía también en esa burla eterna?

8

Más "tiempo" sucedió sin ninguna variación, en una ocasión mientras estaba dormido en el piso de alguna habitación vacía sintió que alguien lo besaba en la boca y entonces despertó. No había nadie, Teófilo sintió miedo y otra vez se preguntó si alguien se burlaba de él.

9

Acurrucado y meditando en algún pasillo, el condenado concluyó que, pese a todo, él no se encontraba solo. Lo probaban que alguien lo debía haber llevado a la cama del cuarto inicial tras el infarto, que alguien le había escrito una carta que ahora él llevaba en el bolsillo de la piyama, que alguien alguna vez le había dado un beso mientras dormía ¿Quién o quiénes serían los que le hicieron eso? ¿Acaso Dios? ¿Satanás? ¿Un ángel? ¿Un demonio? ¿Algún otro ser sencillamente impensable? En su reflexión, Teófilo se acordó también de su familia ¿Dónde estarían sus padres? ¿Dónde sus hermanos? ¿Dónde sus abuelos? ¿Acaso él era el único miembro de su parentela que había acabado en el Infierno? ¿Todos los demás miembros de su clan estaban en el Cielo?

10

Tras unas cuantas jornadas imposibles de precisar, en otra oportunidad Teófilo se quedó un lapso larguísimo tirado en el suelo de un cuarto sin hacer nada, cuando de repente sintió que una voz femenina susurraba en su oído derecho:

—Muévete —fue todo lo que dijo.

De inmediato el hombre giró la cabeza para ver quién le hablaba, pero no encontró a nadie, en ese cuarto no había nadie más que él. No entendió la razón, pero en el acto sintió miedo, se incorporó y abandonó la habitación.

11

Era evidente que había alguien más que él en ese edificio que parecía no tener fin ¿Quién era? ¿Algún tipo de ser invisible? ¿Algún tipo de ser maligno? ¿Qué?

12

En una de tantas ocasiones, Teófilo se quedó inmóvil en el suelo de un cuarto por mucho "tiempo", a ratos dormía sin sueños y a ratos despertaba y cavilaba sobre asuntos diversos. Por alguna razón se incorporó, tomó el picaporte de la puerta e intentó abrir y no pudo hacerlo: estaba cerrada con llave. Extrañado, tiró del pomo varias veces y de nuevo no tuvo éxito: la batiente seguía igual. Desazonado, en varias oportunidades golpeó la

puerta con sus puños, pero nada cambió. También gritó, pero no hubo efecto alguno que modificara la situación. ¿Qué podía hacer? ¿Quién había cerrado la puerta desde afuera, así como la primera vez que había aparecido en el Infierno? ¿Cuánto duraría eso? ¿Qué significado tenía eso? Entre molesto y desconcertado, el hombre se tiró en el piso sin hacer nada más.

13

Desde entonces se ha sucedido un lapso indeterminado (¿Semanas? ¿Meses? ¿Años? ¿Siglos?). Teófilo perdió la cuenta del número de veces que se levantó e intentó abrir la puerta sólo para comprobar que seguía sellada desde afuera. También perdió la cuenta del número de veces que se durmió y se despertó en ese mismo cuarto. Perdió la cuenta también del número de veces que pensó una y otra vez en lo mismo. Teófilo ya ha perdido todas las cuentas de todo tipo y hace semanas o meses o años o siglos que nada cambia donde se encuentra. Hace semanas o meses o años o siglos que ese cuarto es el mismo. Hace semanas o meses o años o siglos que ya no hay tiempo.

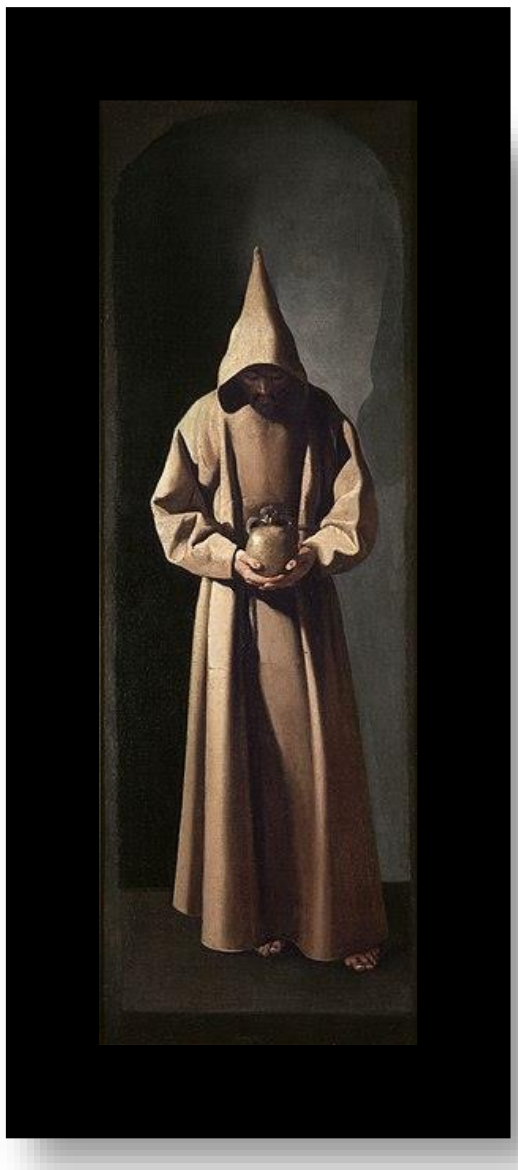


Imagen: Francisco de Zurbarán (1598 – 1664).

NOVAS RECEITAS

Ricardo Manzanaro

Zárate inspecionou ansiosamente o ambiente pelo olho mágico. A sala de jantar estava lotada. Reconheceu a maioria das pessoas sentadas às mesas: severos críticos gastronômicos, afamados *chefs*, proprietários de vinícolas, importantes homens de negócios e conhecidos *gourmets* da cidade. O melhor dos melhores, a elite dos seletos. Há mais de vinte anos comandava o seu restaurante e quase cem por cento de suas criações gastronômicas fizeram um sucesso retumbante. Porém, não conseguia reprimir a angústia cada vez que introduzia novos pratos no cardápio.

— Está tudo preparado, patrão — avisou-lhe o chefe de cozinha.

Celeremente, Zárate examinou o carrinho com a comida, suspirou e sussurrou:

— Bem, aqui vamos nós.

As portas da cozinha abriram-se e o famoso *chef* entrou na sala de jantar principal do restaurante. O público aplaudiu e Zárate dirigiu-se ao centro do salão, cumprimentando alguns dos presentes e fazendo uma ligeira vênia em sinal de reconhecimento aos aplausos. Finalmente, chegou ao microfone.

— Caros amigos: tenho o prazer de lhes apresentar as novas receitas que incluímos no cardápio para a próxima temporada. Como os senhores já sabem, a cozinha do nosso restaurante centra-se nos produtos pré-históricos. No entanto, ao contrário de outros estabelecimentos, onde se privilegia a quantidade e as poções excessivas, nós buscamos a qualidade. Por isso, nas nossas viagens temporais, selecionamos os animais das zonas que, após uma observação exaustiva das suas características, hábitos e alimentação, nos parecem adequados. E tudo isto foi, posteriormente, confirmado na degustação. Este rigoroso procedimento permitiu-nos oferecer os melhores assados de tricerátops, os requintados lombos de tiranossauro e as mais suculentas carnes grelhadas de velociraptor. Com esta filosofia de melhoria contínua e de busca da excelência, tenho o prazer de lhes apresentar a grande novidade do cardápio desta temporada. Descobrimos um pequeno mamífero que viveu no Cretáceo, cuja carne é muito saborosa. Convido-lhes a provar as receitas que preparamos com esta matéria-prima.

As travessas com as iguarias foram distribuídas entre as mesas. Serviu-se a comida e os comensais puseram-se a dar boa conta da delícia.

Sucederam-se os pratos, enquanto se ouviam, continuamente, os comentários e os elogios sobre as maravilhosas qualidades da carne daquele animal e dos pratos elaborados.

Zárate rumou à cozinha, transbordando felicidade. No entanto, assim que entrou, reparou que algo de grave ali se passava. Havia uma grande agitação.

— Ele desapareceu! Esfumou-se! — gritavam os cozinheiros. — Carlos... o *maître*... esfumou-se... de repente.

— O quê? O que você está dizendo?

Subitamente, um homem irrompeu na cozinha, vindo de fora. Zárate não o reconheceu. Era um dos paleontólogos. Extremamente angustiado, lançou-se aos ombros do cozinheiro.

— O novo animal, o novo animal! Você o serviu?

— Sim... O que está acontecendo?

— Nãão! Nãão! Quantos foram caçados? Quantos foram caçados?

— Você já sabe. Vários milhares. Temos que aproveitar a viagem, que...

Uma garçonete, aterrorizada e lívida, entrou gritando.

— Estão sumindo! As pessoas, os clientes...

Dois cozinheiros volatizaram.

— Este animal sobreviveu ao meteorito que matou os dinossauros! Deu origem a todos os mamíferos posteriores! E agora vocês deram cabo de quase todos eles...

O homem despareceu. E três garçons. E o restante dos clientes. Um último pensamento perpassou a mente de Zárate. "Que pena. O quão excelente me pareceram as receitas". Depois sumiu e, em sequência, esfumou-se toda a vida superior existente no planeta.

Tradução de Paulo Soriano.

NUEVAS RECETAS

Ricardo Manzanaro

Zárate inspeccionó con inquietud la estancia a través del ojo de buey. El comedor estaba abarrotado. Reconoció a la mayoría de las personas que se sentaban a las mesas: severos críticos gastronómicos, afamados cocineros, propietarios de bodegas, importantes hombres de negocios y conocidos sibaritas de la ciudad. La "creme" de la "creme", la élite de los selectos. Llevaba ya más de 20 años con su restaurante, y casi el 100% de sus creaciones gastronómicas habían sido un rotundo éxito. Sin embargo, no podía reprimir la angustia cada vez que introducía nuevos platos en la carta.

—Jefe, ya está todo preparado — le avisó el jefe de cocina.

Zárate examinó con celeridad el carro con las viandas, suspiró y susurró: "Bueno, vamos allá".

Se abrieron las puertas de la cocina y el célebre chef accedió al comedor principal del restaurante. Los asistentes prorrumpieron en aplausos, mientras Zárate se dirigía al centro de la sala, saludando a alguno de los presentes, e inclinándose ligeramente para agradecer la ovación. Por fin alcanzó el micrófono.

—Estimados amigos: me complace en presentarles las nuevas recetas que hemos incluido en la carta para la temporada venidera. Como ustedes ya conocen, la cocina de nuestro restaurante se centra en los productos prehistóricos. Pero, a diferencia de otros establecimientos, en los que se persigue la cantidad y las desmesuradas raciones, en el nuestro buscamos la calidad. Por ello, en nuestros viajes temporales seleccionamos los animales de aquellas zonas que, tras una exhaustiva observación de sus características, hábitos y alimentación, nos parecen idóneos. Y todo esto lo confirmamos posteriormente en la cata. Este riguroso procedimiento nos ha permitido ofrecer los mejores asados de triceratops, los más exquisitos lomos de tiranosaurio, y las más jugosas carnes de velociraptores a la parrilla. Con esta filosofía de mejora continua y búsqueda de la excelencia, tengo el gusto de presentarles la gran novedad de la carta de esta temporada. Hemos descubierto un pequeño mamífero que vivió en la época cretácica, que posee una carne muy sabrosa. Les invito a que degusten las recetas que hemos preparado con dicha materia prima.

Las fuentes con los manjares se distribuyeron entre las mesas. La comida se sirvió y los comensales empezaron a dar buena cuenta de ella.

Los platos se fueron sucediendo, mientras se escuchaban continuamente alabanzas y elogiosos comentarios acerca de las portentosas cualidades de la carne de aquel animal, y de los platos elaborados.

Zárate accedió a la cocina, rebosante de felicidad. Sin embargo, nada más entrar, percibió que algo grave ocurría en aquella estancia. Había una gran agitación "¿Ha desaparecido! ¿Se ha esfumado!" le gritaban los cocineros.

—Carlos...el *maître*...se ha...esfumado...de repente.

—¿Qué...qué estás diciendo?

Súbitamente un hombre irrumpió en la cocina desde la calle. Zárate lo reconoció; era uno de los paleontólogos. Preso de una enorme angustia, se lanzó a los hombros del cocinero.

—¡El bicho nuevo, el bicho nuevo! ¿Lo has servido?

—Si... ¿Qué pasa?

—Nooo, nooooo... ¿Cuántos cazasteis? ¿Cuántos cazasteis?

—Ya sabes...varios miles...hay que aprovechar el viaje, que...

Una camarera, aterrada y lívida, entró chillando

—¡Están desapareciendo! ¡La gente, los clientes...

Dos cocineros se volatilizaron.

—¡Ese bicho sobrevivió al meteorito que mató a los dinosaurios! ¡Fue el origen de todos los mamíferos posteriores! Y ahora os habéis cargado a casi todos...

El hombre desapareció. Y tres camareros. Y el resto de los clientes. Un último pensamiento cruzó la mente de Zárate: "Qué pena. Con lo bien que me habían quedado las recetas". Luego desapareció, y seguidamente se esfumó toda la vida superior sobre el planeta.

Revisión de Paulo Soriano.

ONZE BADALADAS PARA OLIVIA

Marcelo Medone

Olivia acordou com o som das onze horas do antigo relógio de pêndulo, ecoando lamentosamente pela mansão vazia.

Ela esfregou as órbitas oculares e se sentou na cama.

Esforçando-se, juntou os ossos rígidos e, em um salto improvavelmente ágil, colocou-se de pé sobre os azulejos frios do quarto. Ela se levantou e esticou as articulações entorpecidas. Ela esticou o pescoço esguio como o de um cisne e suas vértebras rangeram. Sob a luz da lua cheia que entrava pela janela fosca, ela olhava para as belas cerâmicas pintadas à mão no chão, com seus intrincados desenhos de folhas de louro, flores e estrelas brilhando em carmesim, azul-cobalto e dourado.

Olivia, em êxtase, estufou a caixa torácica e permitiu que o ar viciado a animasse. Ela sentiu os quadris magros e disse a si mesma que estava pronta para a festa. Ao longe, ela pensou ter ouvido o som de canções de Natal. Lá fora, um mundo estava pulsando.

Diligentemente, ela percorreu os vários cômodos da mansão e acendeu inúmeros candelabros, que lançavam luzes e sombras tremeluzentes em todos os cantos e recantos. Olivia adorava a luz fraca das velas. Ela se lembrava com amargura das fofocas que diziam que ela era uma bruxa e uma adoradora das trevas. Sempre houve pessoas más com pouca inteligência. Suas habilidades no mal nunca foram tão notáveis.

Imbuída de sua vitalidade renovada, ela foi para a cozinha e aqueceu água em velhas panelas de cobre e repassou em sua memória inamovível a lista de ingredientes para o grande jantar: peru engordado com milho, castanhas e cerveja —seu peru recheado estava uma delícia—, cebolas roxas, endívias, alcaparras e tomates secos, cogumelos perfumados —ela era uma especialista em cogumelos—, cenouras crocantes e abóboras maduras. Ela não se esqueceu de sua receita secreta de caldo azedo.

Seu rosto se iluminou quando ela se lembrou do delicioso marzipã e nougat de Jijona que se tornaram uma tradição familiar e o indispensável Panettone italiano que era o favorito de seu filho mais novo.

Com destreza magistral, ela começou a preparar cada um dos pratos de seus sonhos, cortando, batendo e macerando os diferentes ingredientes com precisão. Ela era uma cozinheira perfeita e infalível, elogiada por todos os membros de sua família. Eles nunca contestaram suas habilidades e sempre se deliciaram inocentemente com suas criações culinárias.

Ela foi para a sala de jantar e arrumou a grande mesa para seis pessoas. Ela teve um cuidado especial ao arrumar a bela louça de porcelana, as taças de cristal lapidadas à mão, a toalha de mesa primorosamente bordada de uma brancura impecável que ela reservou exclusivamente para essa ocasião.

Ela hesitou na escolha do vinho, entre um Malbec do Vale do Pedernal ou um Cabernet Franc Rosé de Luján de Cuyo. A única coisa que não estava em discussão era o champanhe francês Brut Nature, que era o seu favorito, o mesmo que ela havia servido naquela distante véspera de Natal e que havia ficado indelevelmente gravado em seu espírito.

Ela se aproximou do antigo piano Bösendorfer e os acordes da sugestiva Valsa Número 19 em Lá Menor, de Chopin, soaram como num passe de mágica. Olivia se deixou levar pela música encantadora e começou a dançar ao redor da grande mesa, deslizando os pés descalços pelos azulejos desgastados, girando com uma delicadeza e graça inéditas para sua idade avançada.

Quando estava novamente em frente ao piano, acariciou com a ponta dos dedos as fotos emolduradas e desbotadas de seu amado Renato, que a aturara estoicamente por tantos anos, de seus três filhos com suas expressões adolescentes patetas e de seu próprio pai imprestável, que a apoiara estúpida e incondicionalmente nas inúmeras discussões em que ela era a protagonista discordante. Cinco retratos que permaneceram como testemunhas vivas da história da família. No

ausente sexto retrato, Olivia estava linda e jovem, sedutora e provocante, fascinante e letal como uma cobra.

Voltando à sua realidade palpável, ela olhou as horas no relógio de pêndulo: estava bem a tempo de comemorar a chegada do Natal.

Ela voltou para a cozinha e verificou se tudo estava correndo conforme o planejado. Enquanto a melodia da valsa de Chopin continuava a tocar em seu crânio, ela finalizou os preparativos para o banquete.

Em poucos minutos, a mesa estava posta, com o luxo de sempre. Olivia sentou-se à cabeceira da mesa, como sempre fazia, sem falta e pontualmente, nos últimos noventa anos.

Quando as doze badaladas soaram, ela ergueu sua taça de cristal, brindou a toda a família murmurando uma oração de outro século e, desajeitadamente, tomou um gole do vinho inebriante com sua boca sem lábios e com dentes de marfim.

Ela olhou para cada assento vazio e se lembrou de quando aquela mansão era cheia de vida e risadas. Os mesmos que a haviam enchido de raiva e ressentimento por causa de sua mente perturbada e precipitou sua decisão fatal. Ela nunca havia experimentado a felicidade que agora desejava.

Ela pegou um guardanapo e limpou a boca, deixando uma mancha insolente de vinho.

Ela ouviu os ecos das celebrações de Natal e, por um instante, foi tomada por uma tristeza inefável.

Olhou pela janela que dava para o jardim frondoso e sombrio dos fundos e adivinhou os cinco caixões lacrados com metal à prova de veneno que jaziam sob os arbustos de samambaia na terra úmida e escura a dois metros de profundidade. Ela disse a si mesma que o passado era irrevogável e que a nostalgia era o refúgio dos fracos.

Com determinação, ela se levantou da mesa, sem tocar na comida. De qualquer forma, ela não precisava dela em sua condição atual.

Uma a uma, ela apagou as velas dos inúmeros castiçais, suspirou com um fôlego de morte e caminhou levemente até seu quarto.

Em seguida, Olivia deitou-se de costas em sua cama de pedra, cruzou as mãos ossudas sobre o peito sem carne e ficou imóvel, com um sorriso petrificado, descansando em antecipação às onze badaladas da véspera de Natal que se aproximava.

Tradução de Marcelo Medone.

ONCE CAMPANADAS PARA OLIVIA

Marcelo Medone

Olivia se despertó con el sonido de las campanadas de las once de la noche del antiguo reloj de péndulo, que resonaron con un eco quejumbroso por la vacía mansión.

Se restregó las cuencas oculares y se incorporó en su lecho.

Haciendo un esfuerzo, juntó sus huesos tiesos y en un inverosímil y ágil salto se plantó de pie sobre las frías baldosas de su habitación. Se desperezó y elongó sus articulaciones entumecidas. Estiró su cuello esbelto como el de un cisne y crujieron sus vértebras. A la luz de la luna llena que se filtraba por la ventana escarchada, contempló las hermosas cerámicas pintadas a mano del piso, con sus intrincados diseños de hojas de laurel, flores y estrellas que refulgían en carmesí, azul cobalto y dorado.

Olivia, en éxtasis, hinchó su caja torácica y permitió que el aire rancio la vivificara. Palpó sus caderas flacas y se dijo que ya estaba lista para el festejo. A lo lejos, le pareció oír sonidos de villancicos. Allá afuera, había un mundo que palpitaba.

Diligentemente, recorrió los distintos ambientes de la mansión y encendió infinidad de candelabros, que arrojaban luces y sombras parpadeantes sobre cada rincón. Olivia amaba la luz mortecina de las velas. Recordó con amargura las habladurías que decían que ella era una bruja y una adoradora de las tinieblas. Siempre había habido gente malvada y de escaso cerebro. Sus habilidades para el mal nunca habían sido tan notables.

Imbuida de su renovada vitalidad, fue a la cocina y puso a calentar agua en viejas ollas de cobre y recorrió en su memoria inamovible la lista de ingredientes para la gran cena: el pavo cebado con maíz, castañas y cerveza —su pavo relleno era una delicia—, las cebollas moradas, las endivias, las alcaparras y los tomates desecados, los hongos fragantes —era una experta en hongos—, las zanahorias crujientes y los zapallos maduros. No se olvidaba de su caldo agrio de receta secreta.

Se le iluminó el rostro cuando recordó los deliciosos mazapanes y turrones de Jijona que eran ya una tradición familiar y el indispensable Panettone italiano que era el preferido de su hijo menor.

Con destreza magistral, comenzó a preparar cada uno de los platillos soñados, picando, batiendo y macerando los distintos ingredientes con precisión. Era una cocinera perfecta e infalible, alabada por cada uno de los integrantes de su familia. Nunca habían discutido sus habilidades y siempre se habían entregado inocentemente a sus creaciones culinarias.

Se dirigió al comedor y dispuso la gran mesa para seis personas. Tuvo especial cuidado en la colocación de la preciosa vajilla de porcelana, las copas de cristal de Murano talladas a mano, la mantelería exquisitamente bordada y de impecable blancura que reservaba exclusivamente para esa ocasión.

Dudó en la elección del vino entre un Malbec del Valle de Pedernal o un Cabernet Franc Rosé de Luján de Cuyo. Lo único que no se discutía era el champagne francés Brut Nature que era su preferido, el mismo que había servido en aquella lejana Nochebuena que había quedado grabada indeleblemente en su espíritu.

Se acercó al antiguo piano Bösendorfer y sonaron como por arte de magia los acordes del evocador Vals Número 19 en A Menor de Chopin. Olivia se dejó llevar por la encantadora música y comenzó a danzar alrededor de la gran mesa, deslizando sus pies desnudos por los mosaicos desgastados, girando con una delicadeza y una gracia inusitadas para su avanzada edad.

Cuando estuvo nuevamente frente al piano, acarició con el extremo de sus dedos las fotos enmarcadas y descoloridas de su querido Renato quien la había soportado estoicamente durante tantos años, de sus tres hijos con sus bobaliconas expresiones de adolescentes y de su propio padre, un bueno para nada, quien estúpida e incondicionalmente la había apoyado en las innumerables discusiones en la que ella era la protagonista en discordia. Cinco retratos que permanecían como testigos vivos

de la historia familiar. En el sexto retrato ausente, Olivia se vio hermosa y joven, seductora y provocadora, fascinante y letal como una serpiente.

Regresando a su palpable actualidad, miró la hora en el reloj de péndulo: estaba justo a tiempo de festejar la llegada de la Navidad.

Volvió a la cocina y verificó que todo marchara según lo planeado. Mientras seguía sonando en su cráneo la melodía del vals de Chopin, ultimó los preparativos del festín.

En minutos, la mesa estuvo servida, con el lujo de siempre. Olivia se sentó en la cabecera, como había hecho sin falta y puntualmente durante los últimos noventa años.

Cuando sonaron las doce campanadas, levantó su copa de cristal, brindó por toda su familia murmurando una plegaria de otro siglo y bebió torpemente un trago del embriagador vino con su boca de dientes marfileños sin labios.

Contempló cada uno de los asientos vacíos y recordó cuando esa mansión estaba llena de vida y de risas. Las mismas que la habían llenado de ira y resentimiento a causa de su mente desquiciada y habían precipitado su fatal decisión. Nunca había soportado la felicidad que ahora añoraba.

Tomó una servilleta y se limpió la boca, dejando una insolente mancha vinosa.

Oyó ecos de festejos navideños y por un instante la invadió una tristeza inefable.

Miró por el ventanal que daba al frondoso y sombrío jardín trasero y adivinó los cinco ataúdes sellados con metal a prueba de corrosiones venenosas que yacían bajo las matas de helechos en la tierra húmeda y oscura a dos metros de profundidad. Se dijo que el pasado era irrevocable y que la nostalgia era el refugio de los débiles.

Con férrea determinación, se levantó de la mesa, sin haber tocado la comida. De todos modos, no la necesitaba en su condición actual.

Apagó una a una las velas de los innumerables candelabros, suspiró con un aliento moribundo y caminó con paso leve hasta su habitación.

Entonces, Olivia se tendió boca arriba en su lecho de piedra, cruzó sus huesudas manos sobre su pecho sin carne y se quedó inmóvil, con una sonrisa petrificada, reposando a la espera de las once campanadas de la próxima Nochebuena.

Imagen: Gratispng.

HALLOWEEN PARTY

Gaizka Azkarate Saez

Preparou as suas mais interessantes roupas para a melhor noite do ano. A noite das almas e dos seres do mundo inferior: o *Halloween*. A Lua assistiria à luxúria e às orgias noturnas.

Saiu à rua e dirigiu-se àquele clube noturno tão famoso entre as pessoas com as quais trabalhava. Sabia que ali encontraria o que precisava para satisfazer às suas necessidades.

Entrou no lugar com o seu sensual vestido vermelho, disposta a conquistar um galã bonito e ingênuo. Observando-a, enquanto ela entrava, estava ele, com a sua *cuba libre* na mão e disposto a viver com ela uma eternidade.

Apresentou-se a ela, olhou-a de cima a baixo, despindo-a com os olhos, e a convidou a um drinque. Tudo corria bem. Bebiam, riam e comiam-se com os olhos. Chegou a hora das danças lentas e, nesse momento, de mãos dadas, saíram para dançar. O ritmo dos seus corpos denotava cumplicidade em cada movimento e a paixão ampliava-se em intensidade.

Num instante de relaxamento, ele beijou-a nos lábios, e ela lhe respondeu com um sorriso. Era o momento adequado, e ela sussurrou-lhe algumas palavras ao ouvido. Saíram juntos: ele com um ar satisfeito, ela radiante.

Na casa daquela deusa tudo era semiescuro, com escassa iluminação e decorado ao estilo barroco. Mas ele não teve tempo para uma indagação, porque ela despiu-se e arrastou-o para desfrutar da luxúria os enlaçava no desejo. Na manhã seguinte, depois da noite de paixão, ele procurou-a, mas não encontrou o seu sorriso refletido no espelho.

Tradução de Paulo Soriano.

HALLOWEEN PARTY

Gaizka Azkarate Saez

Preparaba sus mejores galas para la mejor noche del año. La noche de las ánimas y de los seres del inframundo: Halloween. La luna sería testigo de la lujuria y la bacanal nocturna.

Salió a la calle y se dirigió a aquel garito de marcha que tenía tanta fama entre la gente de su trabajo. Sabía que allí encontraría lo que necesitaba para satisfacer sus necesidades.

Entró en el local con su sexy vestido rojo dispuesta a conquistar a algún apuesto e ingenuo galán. Mirándola cuando entró estaba él, con su cubata en la mano y dispuesto a vivir con ella una eternidad.

Se presentó ante ella, la lanzó una mirada de arriba abajo que la desnudó, y la invitó a una copa. Todo marchaba sobre ruedas. Bebían, reían y se comían con la mirada. Llegó la hora de los bailes lentos, y en ese momento salieron a bailar, agarraditos de la mano. El ritmo de sus cuerpos denotaba complicidad en cada movimiento, y la pasión subía en intensidad.

En un momento de relax, él le soltó un beso en los labios, y ella le contestó con una sonrisa. Era el momento adecuado, y ella le susurró unas palabras al oído. Salieron juntos, él con cara de satisfacción, ella radiante.

En la casa de aquella diosa todo estaba semi oscuro, con escasa iluminación y una decoración barroca. Pero no le dio tiempo a preguntar, pues ella se desnudó y le arrastró a disfrutar de la lujuria que estaban deseando los dos. A la mañana siguiente, tras la noche de pasión, él buscó, sin encontrar, su sonrisa reflejada en el espejo.

Revisión de Paulo Soriano.

O VAMPIRO DO CASTELO DE BRAN

Paulo Soriano

1

O peso opressivo do luar, incidindo sobre os meus longos cabelos negros, escorria, num fluxo impiedoso, caudaloso, nos meus ombros, impelindo-me para frente, como se eu estivesse tocada pelo vento que precede as mais violentas tempestades.

Eu caminhava sozinha — descalça e andrajosa — por uma estrada milenar, aberta pelos eslavos, mas pavimentada pelos romanos, que ladeia os vales relvosos, salpicados de árvores agulhosas. Sobre esses extensos vales, as montanhas escarpadas deitam, eternamente, as suas sombras melancólicas, que azulam e amolecem ao luar. Eu saíra de Vesta Verde quando anoitecera, já corroída pela fome e pelo cansaço. A fria madrugada grassava e eu precisava buscar um refúgio para um merecido descanso.

Eu devia ter, de alguma forma, errado o caminho. Porque, sob os meus pés descalços, a estrada ganhara uma aspereza incomum, serpenteando para cima, galgando as encostas de uma montanha cuja imponência a sombra da noite não deixava margem à imaginação.

O luzeiro que vi adiante me animou. Assim, redobrei a intensidade de meus passos e em breve alcancei o passadiço que conduzia aos portões de um castelo milenar, uma estrutura negra, pesada, sulcada por estrias ancestrais, onde as sombras e as heras adensavam e buscavam o lúgubre mergulho.

O luzeiro era, na verdade, uma simples lanterna, que um homem idoso empunhava, em riste, em uma das torres da construção secular. Decerto que ele me viu, porque não foi necessário que eu tangesse as cordas que faziam girar os sinos da campainha. Por uma abertura em arco, ao sopé da torre, o homem saiu ao meu encontro, tomando-me pelas mãos. Eram mãos pálidas, incrivelmente frias, extremadas por longas e amoladas unhas.

Quando o homem ergueu a lanterna para subir as úmidas escadas de pedra, pude constatar que a sua fisionomia era assustadora. Naquele rosto exangue, encimado por um crânio completamente nu, dois olhos negros, duros, ornados de grossas sobrancelhas, bailavam sobre olheiras violáceas. Elas caíam, desfalecidas, em dobras pesadas, acima dos ossos salientes dos maxilares. O nariz era finíssimo, recurvo como um gancho, e dos seus lábios eu nada pude ver, porque naquela ranhura tumular insinuava-se apenas a brancura dos dentes pontiagudos. E como eram asquerosos aqueles negros tufos de pelos desgrenhados, que se esgueiravam a partir do poço escuro das orelhas pontudas, repuxadas como as de um demônio helênico!

— É tarde — disse-me ele. — Já não tenho como te alimentar, pobre criaturinha bela e suja. Mas te darei um quarto para o descanso, onde te envolverás nos flácidos vincos de teu roto vestido. Fica a cela no cume da torre e logo lá chegaremos. Lá há água, se tiveres sede. E há um catre pouco confortável. Desculpa-me a franqueza, mas não costumo hospedar gente desconhecida. Nem mesmo os nobres, como eu, gozam de minha hospitalidade, se não tenho como me certificar de sua verdadeira origem e intenções.

Ao dizer isso, logrou girar a chave no caixilho, fazendo-me menção para que entrasse. Foi o que eu fiz. Imediatamente, a porta se fechou atrás de mim.

— Chamo-me Dragos Valicescu, sou o Terceiro Conde de Bran, e vivo completamente só — disse, enquanto descia vagarosamente as escadas. — E não me esperes pela manhã, porque sou notívago e odeio a luz do Sol — concluiu, com um quê de sensualidade malévola em sua voz de animal.

O conde partiu.

Estava quase amanhecendo quando fechei o único postigo do quarto da torre e procurei descansar no desconforto daquele catre infeliz, onde a escuridão cairia sobre mim como uma negra mortalha, pegajosa e fria.

2

Quando despertei, já anoitecera. O postigo da torre achava-se escancarado e sobre o parapeito ardia um enorme círio, cuja ereta chama não se movia. A porta do quarto jazia aberta, e a silhueta longilínea de Dragos, o Conde de Bran, desenhava-se como uma sombra nefasta a enturvar os umbrais.

— Tu deves estar faminta — disse-me ele. — Aproxima-te de mim, linda e desolada jovem, que eu te trouxe algo de comer.

De fato, eu estava faminta. Extremamente faminta. Certamente, em toda a Valáquia, não haveria um ser mais faminto do que eu. Tomei a bandeja de carnes e frutas que ele trazia e a depositei sobre a cama. Mas não me debrucei sobre a iguaria.

— Dá-me um beijo em agradecimento — ele exigiu, em tom feroz.

O Conde avançou, tomou-me pelas mãos, e mergulhou o arremedo de lábios em minha boca, sorvendo a minha saliva com uma fúria bestial. Seus longos dentes tremiam numa convulsão atroz.

Ao contato da língua daquele homem decrépito, a minha fome recrudesceu. Sim, recrudesceu assustadoramente. Quase tremi, assaltada por uma ansiedade ensandecida, por uma compulsão tão premente que somente os animais mais ferozes podem experimentar. E, num frêmito, os meus dentes caninos, até então retraídos, deslizaram celeremente, conformando-se em presas amoladas, próprias a perfurar e dilacerar.

Depois do beijo, veio o peso opressivo do luar, que se infiltrava pelo postigo aberto. Incidindo sobre os meus longos cabelos negros, o luar escorria, num refluxo impiedoso, caudaloso, nos meus ombros, impelindo-me à garganta do Terceiro Conde de Bran, onde minhas presas aguçadas afundaram profundamente e de onde eu extraí a seiva morna, densa, repleta de delícias, que saciou a minha fome infinita. E pouco me custará a encontrar a cripta do castelo, que doravante será minha; lá, regenerada, dormirei profundamente, por vários dias, o meu tranquilo sono de morte.

Imagem: Rexandros/Pixabay

EL VAMPIRO DEL CASTILLO DE BRAN

Paulo Soriano

El peso opresivo de la luz de la luna, enfocado sobre mis largos cabellos negros, impactó, despiadado, voluminoso, en mis hombros, empujándome hacia adelante, como si me afectara el viento que precede a las más violentas tempestades.

Caminé sola — descalza y andrajosa — por un camino milenario, abierto por esclavos, pero pavimentado por los romanos, flanqueado por valles cubiertos de hierba. Sobre esos extensos valles, salpicados de árboles con forma de agujas, las escarpadas montañas yacen, eternamente, como sus sombras melancólicas, que se vuelven azules y se suavizan a la luz de la luna. Salí de Vesta Verde cuando ya había anochecido, ya devastada por el hambre y el cansancio. El frío amanecer molestaba y yo necesitaba un refugio para un merecido descanso.

De alguna manera, debí haber ido por el camino equivocado, porque, bajo mis pies descalzos, el camino había adquirido una aspereza inusual, serpenteando hacia la cima, subiendo las pistas de una montaña cuya grandeza a la sombra de la noche no dejaba margen a la imaginación.

La luz que vi adelante me animó. Así, redoblé la intensidad de mis pasos y enseguida alcancé el pasadizo que conducía a las puertas de un antiguo castillo, una estructura negra, surcada por estrías ancestrales, donde las sombras y la hiedra se engrosaban y practicaban un lúgubre buceo.

La luz era, en verdad, una simple linterna, que un hombre anciano empuñaba en ristre, en una de las torres de la construcción secular. Estoy seguro de que me vio, porque no fue necesario que tocase las cuerdas que hacían girar los timbres de la puerta. Por una abertura en arco, al pie de la torre, el hombre salió a mi encuentro, tomándome de las manos. Eran manos pálidas, increíblemente frías y terminadas en largas y afiladas uñas.

Cuando el hombre levantó la linterna para subir las húmedas escaleras de piedra, pude constatar que su aspecto era aterrador. En aquel rostro exangüe, coronado por una cabeza completamente calva, dos ojos negros, duros, adornados con pobladas cejas, que bailaban sobre ojeras violetas. Estas caían desfallecidas, en pliegues pesados, encima de los huesos salientes de los maxilares. La nariz era finísima, curvada como un gancho, y en sus labios nada pude ver, porque por aquella ranura de la tumba apenas se atisbaba la blancura de dos dientes puntiagudos. Y asquerosos eran esos mechones de pelo desgreñado, que se escabullían a partir del pozo oscuro de orejas puntiagudas, como las de un demonio helénico.

—Es tarde. —Me dijo él. —Ya no puedo alimentarte, pobre criatura bella y sucia. Pero te daré un cuarto para descansar, donde te envolverás en los pliegues de tu vestido desgarrado. La celda está en lo alto de la torre, donde llegaremos pronto. Hay agua ahí, si tienes sed. Hay una cama incómoda. Discúlpame la brusquedad, pero no tengo costumbre de hospedar a gente desconocida. Ni siquiera los nobles, como yo, disfrutan de mi hospitalidad, si no puedo asegurarme de sus verdaderos origen e intenciones.

Al decir eso, logró girar la llave en el marco, indicándome que entrase. Eso fue lo que hice. Inmediatamente la puerta se cerró atrás mío.

—Me llamo Dragos Valicescu. Soy el Tercer Conde de Bran y vivo completamente solo — él dijo, mientras descendía lentamente las escaleras. — Y no me esperes por la mañana, porque soy noctámbulo y odio la luz del sol — concluyó con un tono de sensualidad malévola en su voz de animal

El conde se fue.

Estaba casi amaneciendo cuando cerré la única contraventana en la habitación de la torre, e intenté descansar en la incomodidad de aquel catre, donde la oscuridad caería sobre mi como un negro sudario, pegajoso y frío

Cuando desperté, ya estaba anocheciendo. La puerta de la torre estaba completamente abierta y sobre el parapeto ardía un enorme cirio, cuya llama vertical no se movía. La puerta del cuarto permanecía abierta, y la silueta longilínea de Dragos, El Conde de Bran, se

dibujaba como una sombra siniestra que nubla los umbrales

Tu debes estar hambriento - me dijo él - Aproxímate a mi, linda y solitaria joven, que te traje algo de comer

De hecho, estaba hambrienta. Muy hambrienta. Seguro que en toda la Valaquia no había un ser más hambriento que yo. Tomé la bandeja de carnes y frutas que traía y la coloqué en la cama. Pero no me detuve en el manjar

—Dame un beso en agradecimiento —él demandó, en un tono feroz

El Conde avanzó, me tomó de las manos, y mojó sus labios burlones, sorbiendo mi saliva, con una furia bestial. Sus largos dientes temblaron en atroces convulsiones.

Al tacto de la lengua de aquel hombre decrépito, mi hambre aumentó. Si, aumentó alarmantemente. Casi temblé, asaltada por una loca ansiedad, por una compulsión tan urgente que solo los animales más feroces pueden experimentar. Y, a toda prisa, mis dientes caninos, hasta ahora retraídos, se deslizaron rápidamente, adoptando forma de afilados colmillos, listos para perforar y desgarrar.

Después del beso, vino el peso opresivo de la luz de la luna que se infiltraba por la escotilla abierta. Incidiendo sobre mis largos cabellos negros, la luz de la Luna fluía despiada, voluminosa hasta mis hombros, empujándome hacia la garganta del Tercer Conde de Bran, donde mis afilados colmillos se hundieron profundamente, y de dónde extraje la savia caliente, densa, repleta de delicias, que calmó mi hambre infinita. Y me costará poco encontrar la cripta del castillo, que, de ahora en adelante, será mía; allí, regenerada, dormiré profundamente por varios días, mi tranquilo sueño de la muerte.

Traducción de Ricardo Manzanaro.
Revisión de Paulo Soriano.

Imagen: Sabrinabelle/Pixabay.

ROSAS DE ADMETE

Ângelo Brea

Desde que a finais do século XX se descobriu o primeiro planeta extrassolar 51 Pegasi b, a máxima prioridade da comunidade astronómica internacional orientou-se à descoberta de uma nova Terra. Era como o Santo Graal da investigação espacial.

Nas primeiras décadas do século XXI, novos telescópios espaciais dotados de melhores instrumentos óticos, como o Kepler, de venerável lembrança, que substituíra o ainda mais saudoso Hubble, ou o famoso BPT (Buscador de Planetas Terrestres), ampliaram enormemente o nosso conhecimento. O BPT constava de dois elementos essenciais. O primeiro era o Cronógrafo de Luz Visível, que recolhia a luz da estrela e, depois de focalizá-la, podia bloqueá-la e deixar passar apenas a luz do planeta. O segundo elemento era o Interferómetro, que captava a luz recebida e, usando dois ou mais telescópios, conseguia que a luz da estrela desaparecesse, podendo observar a luz dos planetas próximos a essa estrela. Estes instrumentos sensacionais, melhorados depois numerosas vezes, acharam centos e centos de planeta do tipo terrestre que podiam apresentar características que os fizessem habitáveis para nós. Contudo, as naves espaciais baseadas na propulsão por meio de combustíveis tradicionais eram tão lentas que a viagem mesmo até a Alfa Centauro, o sistema de estrelas mais próximo à Terra, tornava-se praticamente impossível.

Isso começou a solucionar-se parcialmente quando se começaram a aperfeiçoar as naves espaciais. A chegada a Marte, nas primeiras décadas do século XXI, implicou o começo da mudança com respeito ao paradigma aplicado às viagens das naves lunares Apollo, mas, mesmo assim, eram lentíssimas para colonizar mundos extrassolares.

O seguinte passo, aproveitando o chamado vento solar, foi usar grandes velas despregadas, para viajar a Júpiter, Saturno, Urano e mesmo ao distante Neptuno. Mas para chegarmos às distantes estrelas, houve que aguardar muito mais. Quando se conseguiu descobrir a viagem da luz, o sonho de chegarmos a outros planetas alheios ao Sistema Solar começou a encarar-se como possível.

Para essa altura, os sistemas óticos e de deteção estavam tão desenvolvidos que se podia dizer com segurança que se tinham encontrado noventa por cento dos planetas que orbitavam as estrelas num raio de cem anos-luz e entre os sessenta e os noventa num raio de cem a trezentos anos-luz de distância.

Até esse momento, o costume tinha sido denominar os novos planetas com um complexo código de cifras e letras que para o resto da população mundial virava num galimatias ininteligível. Isso mudou quando numa reunião da Sociedade Astronómica Internacional foi proposto renomear todos aqueles planetas que orbitavam estrelas próximas à Terra com nomes muito mais singelos. A proposta compartilhava uma venerável tradição: ir ao mundo greco-latino. Mas haveria que renomear milhares de planetas, começando pelas estrelas mais próximas a nós: Próxima Centauri, Alfa Centauri A, Alfa Centauri B, a estrela de Barnard, Wolf 359, Lalande 21185, Sirio A, Sirio B, UV Ceti, BL Ceti, Ross 154, Ross 248, Epsilon Eridani, Lacaille 9352, Ross 128, EZ Aquarii e assim centos de estrelas situadas a poucos parsecs de distância.

A proposta era que, para começar, cada planeta levasse o nome de uma oceânide grega, e ao acabar, o de um rio ou de uma divindade menor. Tendo em conta que as filhas de Oceano e de Tétis eram umas quatro mil, havia uma boa listagem de nomes para começar. Desde esse momento, a proposta foi aceite e bem acolhida pela população mundial, para a qual era impossível seguir a classificação alfanumérica tradicional.

Tínhamos agora nomes e planetas, mas apenas um punhado dos situados num raio de cem anos-luz eram candidatos fiáveis para um assentamento humano permanente. Naquela altura, já havia uma pequeníssima base humana no subsolo de Mercúrio e um milhão de pessoas habitava as cidades marcianas, que sempre foi, por assim dizê-lo, o segundo lugar mais popular depois da Terra. Também havia colónias nalgumas luas de Júpiter e de Saturno (umas cem mil pessoas), e nas de Urano e Neptuno (apenas cinco ou seis mil). Mas precisávamos um novo lar para mil milhões de seres humanos que não cabiam na ultra-habitada Terra, que começava a tornar-se um lugar difícil para a vida, devido ao efeito estufa e à superpopulação.

Enviaram-se centos de sondas espaciais robotizadas à velocidade da luz a todos os planetas candidatos para albergar seres humanos. Claro que a nova Terra perfeita não existia algures. Os planetas sempre tinham mais tamanho, mais massa, mais anidrido carbónico, ou eram demasiado quentes ou demasiado frios, ou estavam demasiado perto ou demasiado longe dos seus sóis. Em todos havia contratempos, mas com uma situação tão desesperada, mesmo se começaram a enviar pequenas colónias a alguns desses planetas. Poucas conseguiram sobreviver e prosperar, mas ao menos era um começo.

Um dos planetas a que se enviaram sondas foi Admete. Orbitava uma estrela mais grande que o nosso Sol, do tipo F, mas emitindo uma maior radiação em comparação com o nosso. No resto dos planetas desse sistema a vida humana era inviável, mas em Admete a sonda ficou durante décadas a recolher informação, que foi enviada pontualmente à Terra. Ali, devido à alta radiação e ao estar quase no limite da zona habitável, a vida que surgira estava sempre ao fio do impossível. Mas naquele planeta, de duas vezes e meia a massa da Terra, crescia uma vegetação parecida à nossa. Realizava perfeitamente a fotossíntese, embora a atmosfera de Admete tivesse apenas os 14% de oxigénio. As plantas de Admete eram quase todas de cor vermelha ou laranja escura e havia animais pouco complexos.

A planta que mais interessou os investigadores foi a conhecida como rosa de Admete. Tinha uma particularidade que a fez famosíssima para os humanos: podia criar um campo elétrico aproveitável e os seus ramos emitiam uma incrível gama de cores pelos seus gâmetas masculinos e femininos. Eram como árvores de Natal que, ademais, podiam criar a eletricidade necessária para que os aparelhos de uma casa funcionassem sem gasto nenhum. Parecia demasiado bom para crê-lo, mas a informação das ondas não se podia enganar.

Admete orbita a sua estrela num período equivalente a 33 anos, 4 meses e 23 horas segundo o horário terrestre. Quando o planeta completava o seu período orbital, a radiação da estrela reduzia-se 2%, devido à posição da elíptica do planeta e, aproveitando-o, as rosas de Admete entravam num estado de ebulição, lançando à atmosfera uma grande quantidade de esporos que colonizavam novas zonas do planeta. A muitas delas a intensa radiação solar acabava por destruí-las com facilidade, mas uma de cada dez mil conseguia germinar e criar novas plantas. O planeta Admete era um possível candidato a albergar uma presença humana, sempre e quando se conseguisse evitar aquela terrível radiação, o que levou a pensar na possibilidade de instalar as cidades debaixo da terra.

Quando se estava a ponto de enviar uma expedição a Admete ocorreu um acontecimento extraordinário para os seres humanos. Descobriu-se a viagem ultralumínica, até cem vezes a velocidade da luz. É algo tão complexo que apenas quatro ou cinco mentes privilegiadas na Terra, para os quais Einstein ou Newton seriam uns alunos de infantário, podem compreender na sua totalidade. Para utilizar essa técnica, graças a Deus, não havia que saber como funcionava, simplesmente havia que saber levar uma nave até a esse lugar. É como ter um carro, não há que saber como funciona, apenas saber conduzi-lo.

A nave que iria a Admete foi modificada e o que ia ser uma colónia definitiva, seria agora uma simples viagem de colheita daquelas plantas extraordinárias. Até esse momento, as sondas classificaram umas quatrocentas variedades. Tinham-se em conta a cor base (do vermelho escuro ao laranja claro), a potência elétrica, a gama de cores das suas luzes, o tipo de flor, a variedade dos gâmetas, o comprimento dos ramos e os inúmeros tipos de folhas. As rosas de Admete eram um mundo em si mesmas. Escreveram-se inúmeros livros sobre elas, da enciclopédia mais complexa até livros eletrónicos de bolso.

A nave espacial Halle foi a encarregada daquela missão. Apesar de Admete se encontrar a 98 anos-luz, com a nova viagem ultralumínica, unicamente se demoraram 357 dias terrestres no trajeto. A descoberta da viagem ultralumínica era algo colossal!

Os astronautas da Halle comprovaram o que as sondas tinham recolhido. As rosas de Admete geravam eletricidade, luz e calor. Não havia uma pessoa que não quisera ter uma. Até se fizeram bonsais com elas, porque podiam ser podadas, enxertadas e transplantadas sem perder nenhuma propriedade e tendo a mesma capacidade de geração de eletricidade, luz e calor do que as plantas originais. Para evitarem a sua carga elétrica, na viagem de regresso, foram apanhadas unicamente plantas recém-nascidas e pequenos rebentos.

As rosas de Admete tinham completado a fase de criar esporos apenas dois anos terrestres antes da chegada dos humanos e não o voltariam a fazer até dentro de 31 anos.

O que os cientistas não sabiam era se as plantas continuariam criando esporos noutros planetas longe do seu planeta natal, mas os códigos genéticos da planta apontavam nessa direção. Era como se o tivessem gravado a lume no cérebro.

Ao chegarem à Terra seguiu-se um estrito protocolo biológico. Noutros casos, exigia-se uma quarentena preventiva, mas neste caso ordenou-se realizar uma quarentena muito mais longa, de quase um ano terrestre. As rosas estudaram-se até o último aspeto. Mesmo se analisaram os esporos apanhados pelas sondas e qualquer elemento significativo daquelas plantas extraterrestres. Houve biólogos que solicitaram que não fossem introduzidas na Terra, temendo o impacto que poderiam causar. Mas as suas qualidades pareciam superar com muito as possíveis implicações de tipo ecológico para o ecossistema terrestre. Passado um ano desde o regresso da Halle, a quarentena preventiva foi levantada, e milhões de pessoas se lançaram a comprar as famosas rosas de Admete para comprovarem aquelas incríveis qualidades.

Durante anos as rosas de Admete foram as plantas mais populares e famosas desta pequena parte da galáxia explorada pelos humanos, no braço de Órion. Para muitas pessoas eram como os animais de estimação, mas em planta. Os viveiros terrestres aproveitaram uma capacidade das rosas de Admete: Ao chegarem à Terra descobriu-se que este era para elas o planeta ideal. Sem a terrível radiação da sua estrela e num planeta com tanto oxigénio, as rosas de Admete espalharam-se alegremente pelo mundo. Nos antigos desertos cálidos, como o Saara, as rosas de Admete cobriram as dunas e os lugares mais inóspitos de um maravilhoso jardim edénico. Também conseguiram adaptar-se a desertos frios, como o do Gobi, à tundra e à taiga de Canadá ou da Sibéria e conviviam sem problemas com as plantas das poucas florestas amazónicas que sobreviveram. As rosas adaptaram-se especialmente a Marte e foram cultivadas a milhares para terraformar o planeta. Conseguiram em vinte anos o que poderia ter levado milénios. Muitos pensavam que aquelas rosas iam conseguir colonizar para a raça humana o universo conhecido.

Apenas foram proibidas nos assentamentos humanos onde não havia atmosfera, devido a que em espaços fechados e sem atmosfera a sua atividade elétrica criava curtos-circuitos e problemas nas redes de

informação, pelo que a Lua e nas pequenas colónias das luas de Júpiter e de Saturno não eram permitidas. No espaço vazio, infelizmente, as rosas de Admete tampouco podem viver, já que as rosas de Admete precisam de oxigénio ou anidrido carbónico para prosperar, mas nunca no vazio ou numa temperatura demasiado elevada ou demasiado fria, já que tinham a mesma tolerância à temperatura que os seres humanos.

Quando me transladei à Lua por causa do meu trabalho, tive que deixar na Terra a meia dúzia de rosas de Admete que criara como bonsais. Que saudade tinha delas, com aquele jogo constante de cores. Ali não tinha que pagar a eletricidade, porque as rosas me facilitavam grátis toda a que precisava, mas aqui na Lua temos que utilizar custosos sistemas para conseguir que as pequenas colônias humanas logrem sobreviver.

Em quase trinta anos a simbiose perfeita entre os humanos e as rosas de Admete fora total, prolífica e maravilhosa. Tínhamos luz, eletricidade e calor em todos os mundos habitados por humanos e em cada um deles as rosas de Admete estavam emitindo oxigénio à atmosfera, para tornar esses mundos em lugares perfeitamente habitáveis para os humanos. Em Dóris, por exemplo, os humanos já podiam viver sem fatos espaciais, num mundo aquoso, com um 26% de massa continental, respirando a pleno pulmão e com um clima temperado, como numa segunda Terra. Mais de 50 milhões de pessoas tinham viajado ou estavam a dirigir-se àquela colónia humana no espaço. Em Dóris tínhamos encontrado a nova Terra ideal.

Os humanos íamos assistir agora ao processo de criação de esporos daquelas flores. Na Terra chegou a pensar-se em reduzir a sua enorme população, porque se cria que aqueles esporos (que as flores lançavam à atmosfera do seu planeta natal para conquistar novo espaço vital) iam espalhar centos de milhões de exemplares pelo mundo, sem que a inócua radiação do nosso Sol as pudesse ameaçar em absoluto. O bom era que a rosa de Admete podia eliminar-se com enorme facilidade. Se as queimavas, morriam. Assim de fácil.

Em Marte, porém, e nos outros planetas colonizados, pensou-se que seria um momento extraordinário, porque haveria uma enorme floração e uma terraformação em massa daqueles planetas que estávamos a colonizar.

Segundo a informação das sondas, o dia em que as rosas de Admete lançariam os seus esporos ao vento calhava no dia dois de abril, pelo calendário terrestre. Eu, que nasci em 28 de março, celebrarei o meu aniversário na Lua, atento àquele processo maravilhoso. De toda a população humana, menos de 1% vive em lugares onde as rosas de Admete não podiam sobreviver e de onde foram eliminadas pelas implicações elétricas que ocasionam em lugares sem atmosfera.

No dia 2 de abril, às doze e três minutos da manhã, pelo horário terrestre de Greenwich, começou o espetáculo e, ao mesmo tempo, como se tivessem um relógio universal, em todos os lugares onde aquelas flores viviam, dentro das casas, nas florestas da Terra, em Marte, na formosa Dóris, na brumosa Clítia, na montanhosa Métis, na aquosa Tique, na cálida Polidora, na fria Thoe, na frondosa Galaxaura e assim nos 31 planetas colonizados até ao momento pelos humanos. Muitas pessoas saíram à rua na Terra para observar aquilo. Apanharam os formosos esporos multicolores e os guardaram nas algibeiras, em sacas de plástico, em caixinhas ou nas mãos. O céu encheu-se de pontinhos de luz e na zona escura da Terra, onde era de noite, o espetáculo foi tão formoso que milhões de pessoas se emocionaram ao vê-lo. Milhares choraram de emoção. Os esporos, também agora e em toda a parte, criaram uma toxina antirradiação, espalhando-a para proteger-se (como se ainda estivessem no difícil ambiente do seu planeta natal) e começaram a espalhá-la exatamente um par de minutos depois da floração. Parecia lógico.

Uns minutos depois da floração dos esporos, quando as toxinas alcançaram a superfície, morreu a primeira pessoa. Foi uma menina de três anos, chamada Mary Brown, na superfície do planeta Dóris. Na Terra, a primeira pessoa que morreu foi um homem de sessenta anos, John Clarke e em Marte uma pessoa chamada Vicente Rodríguez, de uns quarenta e quatro anos. Que estava a acontecer?

Nos seguintes cinco minutos começaram a morrer pessoas aos milhares, depois aos milhões. Nas zonas da Terra onde era de noite, os mesmos que se emocionavam ao ver as inúmeras luzes dos esporos, caíam agora, ainda a sorrir. Era terrível, inaudito, aterrador...

Os esporos das rosas de Admete eram mortais para os humanos. Um milhão de vezes piores que a peste bubónica ou que a varíola. Um milhão de vezes mais velozes... Um simples segundo de contacto com elas ou de respirar as toxinas que estavam a espalhar (curiosamente para proteger-se da radiação de uma estrela longínqua) supunha a morte quase instantânea. No planeta Terra morreram onze mil milhões de pessoas em menos de cinco minutos. Só se salvaram algumas pessoas pelo maior dos acasos. Uns quantos mergulhadores, as pessoas que naquele preciso momento estavam a viajar em aerojet (onde as rosas de Admete tampouco se permitiam), os militares que estavam de prática nos submarinos e umas cem mil pessoas que viviam em apartamentos aquáticos ou cidades submarinas (que evitavam ter aquelas plantas). Nesses cinco minutos aterradores morreram os 98% da raça humana. Tinha chegado o Armaggedon para nós, mas começara naquele dia fatal em que a primeira rosa de Admete tinha chegado à Terra.

O curioso foi que alguns mergulhadores, apenas dez minutos depois de que tivesse morto a primeira pessoa, subiram à superfície e ao tirarem os escafandros respiraram sem problema. Como se nada tivesse acontecido. A toxina deixara de ter efeito. Era inócua. Se descêssemos à Terra agora, não haveria problema (bom, apenas os biliões de cadáveres por enterrar). E isso será assim até dentro de 33 anos. Apenas foram cinco minutos de floração. Apenas cinco minutos e acabaram com vinte e oito mil milhões de seres humanos!

Que faremos os sobreviventes? Não o sei. É tão aterrador que nem me ocorre. Perdi tudo, a minha mulher, os filhos, a família, os amigos... Mas pensando-o melhor, sei sim o que vou fazer. Esta pastilha vai conseguir que me livre desta dor insuportável. Apenas um minuto e eu também compartilharei o destino da nossa raça. Não posso suportá-lo mais um segundo. Malditas rosas de Admete...

Imagen: PS/Copilot.

ROSAS DE ADMETE

Ângelo Brea

Desde que a finales del siglo XX se descubriera el primer planeta extrasolar (51 Pegasi b), la máxima prioridad de la comunidad astronómica internacional se había orientado a descubrir una nueva Tierra. Era como el santo grial de la investigación espacial.

En las primeras décadas del siglo XXI, nuevos telescopios espaciales dotados de mejores instrumentos ópticos, como el Kepler (de venerable recuerdo, que había substituido al aún más famoso Hubble), o el famoso BPT (Buscador de Planetas Terrestres) habían ampliado enormemente nuestro conocimiento. EL BPT constaba de dos elementos esenciales. El primero era el Cronógrafo de Luz Visible, que recogía la luz de la estrella y, después de centrarla, podía bloquearla y dejar pasar únicamente la luz del planeta. El segundo elemento era el Interferómetro, que captaba la luz entrante y, usando dos o más telescopios, conseguía que la luz de la estrella desapareciese, pudiendo observar el brillo de los planetas cercanos a la estrella. Estos instrumentos sensacionales, mejorados después numerosas veces, habían descubierto cientos y cientos de planetas de tipo terrestre, que podían presentar características que los hiciesen habitable para los humanos. No obstante, las naves espaciales basadas en la propulsión por medio de combustibles tradicionales eran tan lentas que el viaje, incluso hasta Alfa Centauri, el sistema de estrellas más cercano a la Tierra, resultaba prácticamente imposible.

Eso comenzó a solucionarse parcialmente cuando se comenzaron a perfeccionar las naves espaciales. La llegada a Marte, en las primeras décadas del siglo XXI, supuso el comienzo del cambio con respecto al paradigma aplicado a los viajes de las naves lunares Apollo, pero aún así eran lentísimas para colonizar mundos extra-solares.

El siguiente paso, aprovechando el llamado viento solar, fue el de usar grandes velas desplegadas, para viajar a Júpiter, Saturno, Urano e incluso al lejano Neptuno. Pero para llegar a las estrellas más distantes, hubo que esperar mucho más. Cuando se consiguió descubrir el viaje a la velocidad de la luz, el sueño de llegar a otros planetas ajenos al Sistema Solar comenzó a encararse como posible.

En ese momento, los sistemas ópticos y de detección estaban tan desarrollados que se podía asegurar con seguridad que se había encontrado el noventa por ciento de los planetas que orbitaban las estrellas en un radio de cien años luz y entre el sesenta y el noventa por ciento en un radio de cien a trescientos años luz de distancia.

Hasta ese momento, la costumbre había sido denominar a los nuevos planetas con un complejo código de cifras y letras que para el resto de la población mundial resultaba un galimatías ininteligible. Eso cambió cuando en una reunión de la Sociedad Astronómica Internacional se propuso renombrar a todos aquellos planetas que orbitaban estrellas próximas a la Tierra con nombres mucho más sencillos. Pero habría que renombrar miles de planetas, comenzando por las estrellas más cercanas: Próxima Centauri, Alfa Centauri A, Alfa Centauri B, la estrella de Barnard, Wolf 359, Lalande 21185, Sirio A, Sirio B, UV Ceti, BL Ceti, Ross 154, Ross 248, Epsilon Eridani, Lacaille 9352, Ross 128, EZ Aquarii y así cientos de estrellas situadas a pocos pársecs de distancia.

La propuesta era que, para comenzar, cada planeta llevase el nombre de una oceánide griega y, al acabar, el de un río o de una divinidad menor. Teniendo en cuenta que las hijas de Océano y Tetis eran unas cuatro mil, había una lista importante de nombres para comenzar. Desde ese momento, la propuesta fue aceptada y bien acogida por la población mundial, a la que le era imposible seguir la clasificación alfanumérica tradicional.

Teníamos ahora nombres y planetas, pero apenas un puñado de los situados en un radio de cien años luz era candidatos fiables para un asentamiento humano permanente. En aquel momento, ya había una pequeñísima base humana en el subsuelo de Mercurio y un millón de personas habitaba las ciudades marcianas, que siempre había sido, por así decir, el segundo lugar más popular después de la Tierra.

También había colonias en algunas lunas de Júpiter y de Saturno (unas cien mil personas), y en las de Urano y Neptuno (únicamente unas cinco o seis mil). Pero precisábamos de un nuevo hogar para mil millones de personas que no cabían en la superpoblada Tierra, que comenzaba a convertirse en un lugar difícil para la vida,

debido al efecto invernadero y a la superpoblación.

Se enviaron cientos de sondas espaciales robotizadas a la velocidad de la luz a todos los planetas candidatos a albergar seres humanos. Pero la nueva Tierra perfecta no existía en ninguno de esos lugares. Los planetas siempre tenían más tamaño, más masa, más anhídrido carbónico, o eran demasiado calientes o demasiado fríos, o estaban demasiado cerca o demasiado lejos de sus soles. En todos había problemas, pero con una situación tan desesperada, incluso así se empezaron a fundar pequeñas colonias en algunos de esos planetas. Pocas pudieron sobrevivir y prosperar, aunque así y todo se vio como un comienzo en la exploración extra-solar.

Uno de los planetas a los que se enviaron sondas fue Admete. Orbitaba una estrella más grande que nuestro sol, de tipo F, pero que emitía menos radiación en comparación con el nuestro. En el resto de los planetas de ese sistema, la vida humana era inviable, pero en Admete la sonda permaneció durante décadas recogiendo información, que fue enviada puntualmente a la Tierra. Allí, debido a la alta radiación y al estar casi en el límite de la zona habitable, la vida que había surgido estaba siempre al filo de lo imposible. Pero en aquel planeta, de dos veces y media la masa de la Tierra, crecía una vegetación parecida a la nuestra. Realizaba perfectamente la fotosíntesis, aunque la atmósfera de Admete tenía únicamente el 14 por ciento de oxígeno. Las plantas de Admete eran casi todas de color rojo o naranja escuro y había animales poco complejos.

La planta que más interesó a los investigadores fue conocida como rosa de Admete. Tenía una particularidad que la hizo famosísima para los humanos: podía crear un campo eléctrico aprovechable y sus ramas emitían una increíble gama de colores por sus gametos masculinos y femeninos.

Eran como árboles de Navidad que, además, podían crear la electricidad necesaria para que los aparatos de una casa funcionasen sin ningún gasto. Parecía demasiado bueno para creerlo, pero la información de las ondas no se podía equivocar.

Admete orbita su estrella en un periodo equivalente a 33 años, 4 meses y 23 horas (siguiendo el horario terrestre). Cuando el planeta completaba su periodo orbital, la radiación de la estrella se reducía un 2 por ciento, debido a la posición de la elíptica del planeta y, aprovechándolo, las rosas de Admete entraban en un estado de ebullición, lanzado a la atmósfera una gran cantidad de esporas que colonizaban nuevas zonas del planeta. A muchas de ellas la intensa radiación solar acababa por destruirlas con facilidad, aunque una de cada diez mil conseguía germinar y crear nuevas plantas. El planeta Admete era un posible candidato a albergar en el futuro una presencia humana, siempre y cuando se consiguiera evitar aquella terrible radiación, lo que llevó a algunos a pensar en la posibilidad de instalar las ciudades bajo tierra.

Cuando se estaba a punto de enviar una expedición a Admete, ocurrió un acontecimiento extraordinario para los seres humanos: Se descubrió el viaja ultralumínico (hasta cien veces la velocidad de la luz). Es algo tan complejo que únicamente cuatro o cinco mentes privilegiadas en la Tierra (para los que Einstein o Newton serían como deficientes mentales) pueden comprender en su totalidad. Para utilizar esa técnica, gracias a dios, no había que entender cómo funcionaba, simplemente había que saber como llevar una nave hasta ese lugar. Es como tener un coche, no hay que saber cómo funciona, solo saber conducirlo.

La nave que iría a Admete fue modificada y lo que iba a ser una colonia definitiva, sería ahora un simple viaje de recolección de aquellas plantas extraordinarias. Hasta ese momento, las sondas habían clasificado unas cuatrocientas variedades. Se tenían en cuenta el color base (del rojo oscuro al naranja claro), la potencia eléctrica, la gama de colores de sus luces, el tipo de flor, la variedad de los gametos, la longitud de los ramos y los innumerables tipos de hojas. Las rosas de Admete eran un mundo en sí mismas. Se habían escrito muchos libros sobre ellas, de la Enciclopedia más compleja hasta libros electrónicos de bolsillo.

La nave espacial Halle fue la encargada de llevar a cabo la misión. A pesar de que Admete se encuentra a 98 años luz, con el viaje ultralumínico, únicamente se tardarían 357 días terrestres en el trayecto. ¡El descubrimiento del viaje ultralumínico era algo colosal!

Los astronautas de la Halle comprobaron la realidad de lo que las sondas habían señalado. Las rosas de Admete generaban electricidad, luz y calor. No había nadie que no quisiera tener

una. Hasta se hicieron bonsais con ellas, porque podían ser podadas, injertadas y traspasadas sin perder ninguna propiedad y manteniendo la misma capacidad de generación de electricidad, luz y calor que las plantas originales. Para evitar su carga eléctrica en el viaje de regreso, que podía interferir con los instrumentos de navegación, fueron recogidas únicamente plantas recién nacidas y algunos brotes.

Las rosas de Admete habían completado la fase de crear esporas hacía únicamente dos años terrestres antes de la llegada de los humanos y no volverían a hacerlo hasta dentro de 31 años. Lo que los científicos no sabían era si las plantas continuarían generando esporas en otros planetas fuera de su planeta natal, aunque los códigos genéticos de la planta apuntaban en esa dirección. Era como si lo tuviesen grabado a fuego en el cerebro.

Al llegar a la Tierra se siguió un estricto protocolo biológico. En otros casos, se había seguido una cuarentena preventiva, pero en este caso se ordenó realizar una cuarentena mucho más larga, de casi un año terrestre. Las rosas se estudiaron hasta el último aspecto. Incluso se analizaron las esporas recogidas por las sondas y cualquier elemento significativo de aquellas plantas extraterrestres. Hubo biólogos que solicitaron que no fuesen introducidas en la Tierra, temiendo el impacto que podrían causar. Pero sus cualidades parecían superar con mucho las posibles implicaciones de tipo ecológico para el ecosistema terrestre. Pasado un año desde el regreso de la Halle, la cuarentena preventiva fue levantada y millones de personas se lanzaron a comprar las famosas rosas de Admete para comprobar sus increíbles cualidades.

Durante años las rosas de Admete se convirtieron en las plantas más populares y famosas de esta pequeña parte de la galaxia explorada por los humanos, en el brazo de Orión. Para muchas personas eran como animales de compañía, pero en planta. Los viveros terrestres aprovecharon una capacidad de las rosas de Admete. Al llegar a la Tierra se descubrió que este era para ellas el planeta ideal. Sin la terrible radiación de su estrella y en un planeta con tanto oxígeno, las rosas de Admete se extendieron alegremente por el mundo. En los antiguos desiertos cálidos, como el Sahara, las rosas de Admete cubrieron las dunas y los lugares más inhóspitos con un maravilloso jardín edénico. También se consiguieron adaptar a los desiertos fríos, como el Gobi, a la tundra y a la taiga de Canadá y de Siberia y convivían sin problema con las plantas de los pocos bosques amazónicos que habían sobrevivido. Las rosas se adaptaron especialmente a Marte y fueron cultivadas a millares para terraformar el planeta. Consiguieron en veinte años lo que podría haber llevado milenios. Muchos pensaban que aquellas rosas iban a conseguir colonizar el universo conocido para la raza humana.

Únicamente fueron prohibidas en los asentamientos humanos donde no había atmósfera, debido a que en espacios cerrados y sin atmósfera su actividad creaba cortocircuitos y problemas en las redes de información, así que en la Luna y en las pequeñas colonias de las lunas de Júpiter y de Saturno no estaban permitidas. En el espacio vacío, infelizmente, las rosas de Admete tampoco podían sobrevivir, ya que las plantas necesitaban oxígeno o anhídrido carbónico para prosperar, pero nunca en el vacío o con una temperatura o demasiado elevada o demasiado baja, ya que tenían la misma tolerancia a la temperatura que los seres humanos.

Cuando me trasladé a la Luna a causa de mi trabajo, tuve que dejar en la Tierra la media docena de rosas de Admete que había criado como bonsais. ¡Cuánto las echaba de menos, con aquel juego constante de luz y color! Allí no tenía que pagar la electricidad, porque las rosas me facilitaban gratis toda la que necesitaba. Pero aquí en la Luna tenemos que utilizar costosos sistemas para conseguir que las pequeñas colonias humanas puedan sobrevivir.

Durante casi treinta años la simbiosis perfecta entre los humanos y las rosas de Admete había sido total, prolífica y maravillosa. Teníamos luz, electricidad y calor en todos los mundos habitados por humanos y en cada uno de ellos las rosas de Admete estaban emitiendo oxígeno a la atmósfera, para convertir esos mundos en lugares perfectamente habitables para los seres humanos. En Doris, por ejemplo, los humanos ya podían vivir sin trajes espaciales, en un mundo acuoso, con un 26 % de masa continental, respirando a pleno pulmón y con un clima templado, como en una segunda Tierra. Más de cincuenta millones de personas habían viajado o estaban viajando a aquella colonia humana en el espacio. En Doris habíamos encontrado una nueva Tierra ideal.

La raza humana iba a asistir ahora al proceso de creación de esporas de esas flores. En la Tierra se llegó a pensar en reducir su

enorme población, porque se pensaba que las esporas (que las flores lanzaban a la atmósfera de su planeta natal para conquistar nuevo espacio vital) iban a lanzar cientos de millones de ejemplares por el mundo, sin que la inocua radiación de nuestro sol las pudiese amenazar en absoluto. Lo bueno era que las rosas de Admete podían eliminarse con enorme facilidad. Si las quemabas, morían. Así de fácil.

Sin embargo, en Marte y en los otros planetas colonizados, se pensó que sería un momento extraordinario, ya que habría una enorme floración y una terraformación en masa de aquellos planetas que estábamos en proceso de colonizar.

Según las informaciones obtenidas por las sondas, el día en que las rosas de Admete lanzarían sus esporas al viento caía el dos de abril, por el calendario terrestre. Yo, que nací el 28 de marzo, celebré mi cumpleaños en la Luna, atento a aquel proceso maravilloso. De toda la población humano, menos de un uno por ciento vive en lugares donde las rosas de Admete no podían sobrevivir y de donde habían sido eliminadas por las implicaciones eléctricas que ocasionaban en lugares sin atmósfera.

El dos de abril, a las doce y tres minutos de la mañana, por el horario terrestre de Greenwich, comenzó el espectáculo y, al mismo tiempo, como se tuviesen un reloj universal, en todos los lugares donde vivían aquellas flores, dentro de las casas, en los bosques de la Tierra, en Marte, en la hermosa Doris, en la brumosa Clitia, en la montañosa Metis, en la acuosa Tique, en la cálida Polidora, en la fría Thoe, en la frondosa Galaxaura y así en los 31 planetas colonizados hasta el momento por los humanos. Muchas personas salieron a la calle en la Tierra para observar el acontecimiento. Recogieron las hermosas esporas multicolores y las guardaron en los bolsillos, en bolsas de plástico, en cajas o en las manos. El cielo se llenó se puntitos de luz y en la zona oscura de la Tierra, donde ya era de noche, el espectáculo fue tan hermoso que millones de personas se emocionaron al verlo. Miles lloraron de emoción. Las esporas, también ahora y por todas partes, creaban una toxina anti-radiación, lanzándola al aire para protegerse (como si aún se encontrasen en el tóxico ambiente de su planeta natal) y comenzaron a extenderla exactamente un par de minutos después de la floración. Parecía algo lógico.

Unos minutos después de la floración de las esporas, cuando las toxinas alcanzaron la superficie, falleció la primera persona. Fue una niña de tres años, llamada Mary Brown, en la superficie del planeta Doris. En la Tierra, la primera persona que murió fue un hombre de sesenta años, John Clarke y en Marte una persona llamada Vicente Rodríguez, de unos cuarenta y cinco. ¿Qué estaba ocurriendo?

Durante los siguientes cinco minutos comenzaron a morir miles de personas. Y después millones. En las zonas de la Tierra donde era de noche, los mismo que se emocionaban al ver las innúmeras luces de las esporas, caían ahora al suelo, con la sonrisa aún en la cara. Era terrible, inaudito, aterrador…

Las esporas de las rosas de Admete eran mortales para los humanos. Un millón de veces peores que la peste bubónica o que la viruela. Un millón de veces más veloces… Un simple segundo de contacto con ellas o de respirar las toxinas que estaban lanzando al aire (curiosamente para protegerse de la radiación de una estrella lejana) suponía la muerte casi instantánea. En el planeta Tierra murieron once mil millones de personas en menos de cinco minutos. Sólo se salvaran algunas personas de milagro. Unos cuantos submarinistas, las personas que en aquel preciso momento estaban viajando en aerojet (donde las rosas de Admete tampoco se permitían) o militares que estaban de servicio en los submarinos y unas cien mil personas que vivían en apartamentos acuáticos o ciudades submarinas (que evitaban tener aquellas plantas). En esos cinco minutos aterradores desapareció el 98 por ciento de la raza humana. Había llegado el Armaggedon para nosotros, pero había comenzada en aquel día fatal en que la primera rosa de Admete había llegado a la Tierra.

Lo curioso fue que algunos submarinistas, apenas diez minutos después de que hubiese fallecido la primera persona, al subir a la superficie y al sacarse la escafandra, respiraron sin ningún problema. La toxina había dejado de tener efecto. Era inocua. Si bajásemos a la Tierra ahora, no habría ningún problema (bueno, únicamente los billones de cadáveres que habría que enterrar o quemar). Y así continuará hasta dentro de 33 años. Y todo en solo cinco minutos de floración. ¡Solo cinco minutos que habían acabado con veintiocho mil millones de seres humanos!

¿Qué haremos los supervivientes? No lo sé. Es tan aterrador que no se me ocurre nada. En mi caso lo perdí todo: mujer, hijos, familia, amigos… Aunque, pensándolo mejor, sí que sé lo que hacer. Esta pastilla me va a librar de este dolor insoportable. En un minuto yo también compartiré el destino de nuestra raza. No puedo soportarlo ni un segundo más. Malditas rosas de Admete...

Traducción de Ângelo Brea.

ERRO

Belén Fernández Crespo

Os artefatos encontrados causaram uma enorme agitação.

A imprensa, agitada, reunia-se à frente da escavação arqueológica, tentando ludibriar o cordão policial para tirar fotografias do achado.

A descoberta ocorrera fortuitamente, quando começaram as obras de abertura das fundações de um arranha-céu. A "cápsula", como era popularmente chamada, uma construção votiva semiesférica, havia sido enterrada a sete metros abaixo da atual cidade ao longo de milênios. O radar geológico indicou que continha um objeto, preservado graças às imbatíveis condições de temperatura e umidade da construção.

Randi Sanders, a renomada arqueóloga, estava no local supervisionando os trabalhos de escavação: tentavam traspassar a porta de acesso à construção, mas sem destruí-la. Eles usavam um nanocabo dotado não apenas de sofisticados sistemas de detecção, senão igualmente, de um transmissor de vídeo e áudio que enviava as imagens gravadas para o posto de comando. A engenhoca rastejava como um verme através de uma abertura milimétrica feita na passagem de pedra.

Os pesquisadores prenderam a respiração.

Demorou alguns segundos para a nanocâmera neutralizar a escuridão da cabine com sua câmera de visão noturna... Os cientistas exalaram uma exclamação. Diante de seus olhos assomava a mais importante descoberta da história da Humanidade.

Recebiam as imagens do que parecia ser uma estátua que, ao contrário do que se esperava, não era feita de pedra, mas de um estranho material translúcido. Não demorou muito para perceberem que se tratava, na verdade, de um dispositivo mecânico.

Impossível.

Datou-se em três milhões de anos a esférica construção, o que coincidia com o aparecimento do Homem no planeta. Ou cometeram um erro de cálculo ou foram vítimas de uma piada cruel.

Era imprescindível estudar o achado.

Depois de inúmeras horas de esforço para não danificar a construção, os técnicos conseguiram deslizar a porta o suficiente para abrir uma fresta que lhes permitisse chegar ao habitáculo. Randi se equipou com uma cinta, um capacete com lanterna e um *walkie-talkie*. Realizaria uma avaliação do achado com o fim de comprovar a sua autenticidade. A depender das conclusões alcançadas, a obra seria paralisada ou a peça arqueológica seria extraída.

A arqueóloga esgueirou-se, como um alpinista em descenso, pelo estreito conduto que descia até a cápsula. As paredes desprendiam um intenso olor de umidade. A cada salto, a luz de seu capacete tremeluzia sobre o poço escuro, que, para Randi, parecia uma mandíbula pronta a devorá-la. Depois de pousar os pés no leito de terra, a arqueóloga se despojou da cinta. Ergueu a cabeça e iluminou a "cápsula". A equipe mal havia desenterrado a entrada da câmara, uma massa esférica de pedra, na qual se embutia uma porta decorada com intrigantes sinais gráficos... O resto da construção ainda permanecia enterrado nas areias do tempo. Randi se perguntou que aspecto teria. Antes de entrar, colocou a máscara e as luvas que guardava no bolso direito da calça: tinha que proteger o conteúdo do prédio de qualquer tipo de contaminação.

—Cheguei ao fundo... câmbio — informou pelo *walkie-talkie* pendurado à cintura.

— Estamos no aguardo... câmbio e desligo — respondeu uma voz da sala de comando.

Randi teve de pôr-se de lado, encolher os ombros e inclinar a cabeça para introduzir-se através da estreita abertura que haviam obtido empurrando a pesadíssima pedra.

Dentro do habitáculo, elevava-se um estranho cheiro empoeirado.

O fecho de luz do capacete de Randi perfurava a terrível escuridão da câmara. Eximia como as partículas de pó espalhavam-se

pelo espaço, entre as paredes abauladas que formavam a meia esfera. No centro exato do habitáculo, a figura que haviam tomado por uma engenhoca. Media aproximadamente um metro de altura e não pesaria mais que vinte quilos. Tinha aspecto humanoide. Dotava-o um par de olhos exageradamente grandes. A abertura, que Randi supunha tratar-se de uma boca, era uma fina linha negra. Sua pele, que deixava entrever um feixe de fiação, que percorria o tronco e as extremidades, parecia extremamente dúctil. Randi pousou cuidadosamente seu dedo indicador sobre um dos "braços"... O toque transmitiu à arqueóloga a sensação de turgência vegetal. Deu a volta em torno do humanoide, procurando qualquer detalhe que pudesse dar-lhe uma pista.

Justamente sob a nuca havia uma pequena ranhura USB.

Estava tudo acabado. Sua promissora descoberta convolara-se repentinamente num artefato paracientífico objeto de adoração dos defensores da teoria de que o planeta havia sido colonizado por alienígenas ancestrais. Randi seria a chacota da comunidade arqueológica... Suspirou. Perguntava-se quem teria se dado ao trabalho de montar aquele circo. No entanto, não deveria adiantar os acontecimentos. O humanoide haveria de ser minuciosamente estudado para verificar-se se não seria uma grosseira falsificação. Solicitou, pelo *walkie-talkie*, a presença de um perito em Informática.

Passados uns minutos, um adolescente magricela e sua mochila de náilon negro deslizaram pela abertura da porta. Randi ergueu as sobrancelhas dubitativamente... Tentava não julgar as pessoas pela aparência, mas não pôde deixar de pensar que aquele garoto deveria estar em sua escola secundária, em vez de perder tempo.

—Eu sou Ike — disse ele, apertando sua mão de maneira profissional.

— Randy.

— Eu já sabia — ele sorriu sarcasticamente.

—Pode me chamar de louca, mas este artefato tem uma entrada USB justamente na nuca — exortou Randi.

O adolescente não vacilou. Com a ajuda de uma lanterna, inspecionou o artefato durante alguns minutos.

— Eu nunca havia visto esta espécie de robô — afirmou.

— Robô? Então, tudo isso foi uma burla...

—Não creio que tenha sido fabricado por ninguém deste planeta. Tem músculos artificiais que lhe permitem contorcer-se e adaptar-se melhor ao ambiente ao se movimentar ou realizar qualquer tipo de tarefa — afirmou.

— Randi guardou o silêncio durante alguns segundos.

—Você pode extrair algum tipo de informação através da entrada de USB — perguntou.

— Posso tentar ligá-lo.

—Ligá-lo? Rand não acreditava no que estava ouvindo.

— Isto mesmo — respondeu Ike, enquanto manipulava a nuca do robô.

A arqueóloga duvidava que o técnico, por melhor que fosse, conseguisse ligar um robô que, supostamente, ali estivera por milhões de ano. Não entendia como a simples ideia de aquilo funcionar não parecia absurda ao garoto. Talvez o humanoide tivesse alguma bateria de sobra. Randi conteve uma risada. Estava começando a achar aquela situação hilária.

Com um suave zumbido, o androide abriu seus brilhantes olhos negros.

Parecia estar prestes a mover-se ou falar. A fiação sob a pele emitia uma suave luz. Impresso sob os globos oculares, aparecia uma mensagem: "error2k38.Timeout".

Este foi o auge da gozação.

—O fato de estar escrito em nosso idioma mostra que fomos enganados — bufou a irritada Randi.

— Acredite em mim quando lhe digo que isto não é nenhuma falsificação — respondeu

Ike. — Repito que é impossível que alguém, neste planeta, tenha fabricado este robô... Porém, por estranho que pareça, estou familiarizado com este código de erro e creio que posso facilmente resolvê-lo. O contador temporal de 32 *bits* desbordou. Ou seja, ficou sem segundos a mais para somar e alcançou um valor negativo, o que faz com processe os dados incorretamente. Tenho que migrá-lo cuidadosamente para 64 bits para não sobrecarregar os arquivos.

Pelo menos aquele garoto parecia saber o que estava fazendo... Randi não estava certa de que ele era um gênio da Informática ou um maluco. Enquanto o adolescente trabalhava no robô com um cabo e um periférico que tirara da mochila, a arqueóloga estudava as paredes do habitáculo. À medida que as examinava com sua lanterna, surgiam alguns desenhos estranhos, que Randi interpretava como animais quiméricos, situados em continentes e mares estranhos. Será que teriam encontrado o reduto de uma civilização perdida? Seria o humanoide um ser de outro planeta? Impossível! Certamente, no momento mais inesperado, apareceriam algumas câmeras de televisão gritando: "Tolinha!".

—Quando levarmos o robô para a sede, eu poderei obter mais informações. Preciso de tempo para estudar essa tecnologia... Porém, consegui acessar uma pasta de vídeos.

Randi não podia acreditar no que estava ouvindo. Certamente, aquele seria o momento em se desvelaria que tudo havia sido uma brincadeira e lhe seria entregue um buquê de flores. Randi estava furiosa, pois abandonara os seus demais projetos de pesquisa por uma semana inteira... Contudo, teria que encarar a situação com humor. A raiva não funcionava bem diante das câmeras.

O *expert* em Informática utilizou os olhos do robô para projetar um filme holográfico que mostrava um planeta devastado pela poluição e pela exploração excessiva de seus recursos. Narrava como, para salvar a sua raça da extinção, milhões de embriões foram enviados para um exoplaneta habitável, situado a quatro anos-luz de distância, utilizando uma nave espacial alimentada por velas de fótons. Assim que a nave chegou a Exo1, o planeta que Randi e Ike habitavam, o robô humanoide ficou encarregado de germinar os embriões e criar os espécimes.

Quando Ike clicou em um dos ícones que apareciam na tela holográfica, um detalhado mapa do DNA humano foi exibido junto com as coordenadas que localizavam a Terra, seu planeta de origem, no cosmos... A vida em Exo1 não havia surgido de acordo com um processo milagroso e inexplicável! A espécie humana que o habitava provinha de outro lugar do universo!

O final da história era detalhado nos afrescos que adornavam as paredes da cápsula. Quando o humanoide ficou completamente avariado, os nômades espaciais erigiram aquela construção votiva em honra do único ponto de união com a sua cultura, seu passado e seu planeta de origem. Aquele robô fora o único pai que conheceram.

Os teóricos dos alienígenas ancestrais sempre tiveram razão.

Tradução de Paulo Soriano.

Imagem: RrSjs/Pixabay.

ERROR

Belén Fernández Crespo

Los restos encontrados habían causado un enorme revuelo.

La prensa se arremolinaba a la puerta de la excavación arqueológica, intentando eludir el cordón policial para obtener fotografías del hallazgo.

El descubrimiento había tenido lugar de manera fortuita, al comenzar con los trabajos de vaciado de los cimientos de un rascacielos. La "cápsula", como había sido popularmente bautizada, una construcción votiva de forma semiesférica, había quedado sepultada a siete metros bajo la actual ciudad con el paso de los milenios. El georradar había indicado que contenía un objeto, preservado gracias a las inmejorables condiciones de temperatura y humedad existentes dentro de la construcción.

Randi Sanders, la reputada arqueóloga, se hallaba a pie de obra, supervisando los trabajos de excavación: intentaban traspasar la puerta de acceso a la construcción sin destruirla. Estaban utilizando un nano-cable provisto no sólo de sofisticados sistemas de detección, sino también de un emisor de video y audio que enviaba las imágenes que grababa hasta el puesto de mando. El artilugio reptaba como un gusano a través de una milimétrica abertura realizada en el quicio de la pétrea puerta.

Los investigadores aguantaban la respiración.

A la nano-cámara le llevó unos segundos contrarrestar la oscuridad del habitáculo con su cámara de visión nocturna…Los científicos exhalaron una exclamación. Ante sus ojos se perfilaba el descubrimiento más importante de la historia de la Humanidad.

Estaban recibiendo imágenes de lo que parecía una estatua que, en contra de lo esperado, no estaba hecha de piedra, sino de un extraño material traslúcido. No tardaron en percatarse de que aquello era en realidad un ingenio mecánico.

Imposible.

La construcción esférica había sido datada en tres millones de años, justo el momento de la aparición del Hombre sobre el planeta. O habían cometido un error de cálculo, o habían sido víctimas de una cruel broma.

Era imprescindible estudiar el hallazgo.

Tras varias horas de esfuerzo para no dañar la construcción, los técnicos se las arreglaron para deslizar la puerta lo suficiente como para abrir un resquicio por el que introducirse en el habitáculo. Randi se había provisto de un arnés, un casco con linterna y un walkie-talkie. Realizaría una evaluación del hallazgo con el objeto de intentar comprobar su autenticidad. Según las conclusiones que alcanzara se paralizarían los trabajos o se extraería la pieza arqueológica.

La arqueóloga rapeleaba el estrecho conducto que descendía hasta la cápsula. Las paredes desprendían un intenso olor a humedad. Con cada salto, la luz de su casco titilaba sobre el oscuro pozo, que a Randi se le asemejaba a unas fauces prestas a devorarle. Tras posar sus pies en el lecho de tierra, la arqueóloga se despojó del arnés. Levantó la cabeza y alumbró la "capsula". El equipo apenas si había desenterrado la entrada de la cámara, una pétrea mole esférica en la cual se encajaba una puerta decorada con intrigantes signos gráficos…El resto de la construcción aún permanecía enterrado en las arenas del tiempo. Randi se preguntaba qué aspecto tendría. Antes de entrar, se vistió la mascarilla y guantes que había guardado en el bolsillo derecho de su pantalón: debía proteger el contenido del edificio de cualquier tipo de contaminación.

—Estoy abajo…cambio. —informó a través del walkie-talkie que llevaba colgado en su cinturón.

—Estamos a la espera…cambio y corto. —le respondió una voz desde la sala de mando.

Randi tuvo que colocarse de soslayo, estrechar los hombros e inclinar la cabeza para poder introducirse a través de la estrecha abertura que habían conseguido obtener empujando la pesadísima losa de piedra.

Había un extraño olor polvoriento dentro del habitáculo.

El haz de luz del casco de Randi agujereaba la terrible oscuridad de la cámara. Mostraba cómo las motas de polvo se desplazaban por el recinto entre las paredes abombadas que formaban la media esfera… En el centro exacto del habitáculo, la figura que habían tomado por un artilugio. Medía aproximadamente un metro de alto y no pesaría más de veinte kilos. Tenía aspecto humanoide. Estaba dotado de un par de ojos exageradamente grandes. La apertura que Randi suponía que hacía de boca, era una delgada línea negra. Su dermis, que dejaba entrever una suerte de cableados que recorrían el tronco y las extremidades, parecía extremadamente dúctil. Randi posó cuidadosamente su dedo índice sobre uno de los "brazos"… A la arqueóloga le recordó a la turgencia de un vegetal. Rodeó al humanoide, buscando cualquier detalle que pudiera darle una pista.

Justo bajo la nuca tenía una pequeña ranura USB.

Se acabó. Su prometedor hallazgo se había convertido repentinamente en un artefacto paracientífico de aquellos que tanto gustaban a quienes defendían la teoría de que el planeta había sido colonizado por unos alienígenas ancestrales. Randi sería el hazmerreír de la comunidad arqueológica… Suspiró. Se preguntaba quién se habría tomado la molestia de montar aquel tinglado. Sin embargo, no debía adelantar acontecimientos. El humanoide debía ser estudiado en profundidad para poder comprobar si era una burda falsificación. A través del walkie-talkie, Randi solicitó que le enviaran un técnico informático.

Pasados unos minutos, un adolescente delgaducho y su mochila de nylon negro se colaron a través de la abertura de la puerta. Randi enarcó las cejas dubitativamente…Intentaba no juzgar a las personas por su aspecto, pero no podía evitar pensar que aquel chaval debería estar en su instituto de secundaria en lugar de haciéndole perder el tiempo.

—Soy Ike. —dijo éste estrechándole la mano de manera profesional.

Randi.

—Ya lo sabía. —sonrió con sorna.

—Llámeme loca, pero el artefacto tiene un puerto USB justo en la nuca. —le exhortó Randi.

El adolescente no se inmutó. Ayudado de una linterna, inspeccionó el artilugio durante unos minutos.

—Nunca había visto este tipo de robot. —afirmó.

— ¿Robot? De modo que todo esto ha sido una burla…

—No creo que haya sido fabricado por nadie de este planeta. Tiene músculos artificiales que le permiten contorsionarse y adaptarse mejor a su entorno a la hora de desplazarse o de realizar cualquier tipo de tarea. —afirmó él.

Randi guardó silencio durante unos segundos.

—¿Puede usted extraer algún tipo de información a través del puerto USB? —inquirió.

—Puedo intentar encenderlo…

— ¿Encenderlo? —Randi no daba crédito a lo que estaba oyendo.

—Así es. —respondió Ike mientras manipulaba la nuca del robot.

La arqueóloga dudaba de que el técnico, por muy bueno que fuese, lograse encender un robot que, supuestamente, había estado allí millones de años. No comprendía cómo la simple idea de que funcionara no le había parecido absurda al chaval. Quizás el humanoide aún conservaba algo de batería…Randi aguantó una carcajada. Estaba comenzando a encontrar la situación hilarante.

Con un suave zumbido, el androide abrió sus brillantes ojos negros.

Parecía estar a punto de moverse o de hablar. El cableado bajo la dermis emitía una suave luz. Impreso sobre los globos oculares,

aparecía un mensaje: "error2k38. Timeout." Aquello era el colmo del recochineo.

—El hecho de que esté escrito en nuestro idioma demuestra que hemos sido engañados. —resopló la irritada Randi.

—Créame cuando le digo que esto no es ninguna falsificación. —respondió Ike. —le repito que es imposible que nadie en este planeta haya fabricado este robot…Sin embargo, por extraño que parezca, estoy familiarizado con este código de error y creo que puedo solucionarlo fácilmente. El contador temporal de 32 bits se ha desbordado…Es decir, que se ha quedado sin más segundos que añadir y ha alcanzado un valor negativo, lo cual hace que procese los datos de manera incorrecta. Debo migrarlo con mucho cuidado a 64 bits para no cargarme los archivos.

Al menos aquel chaval parecía saber lo que se hacía…Randi no estaba segura de si era un genio de la informática o un loco. Mientras el adolescente trabajaba en el robot con un cable y un periférico que había sacado de su mochila, la arqueóloga estudiaba las paredes del habitáculo. Al irlas iluminando con su linterna aparecieron unos extraños dibujos, que Randi interpretó como animales quiméricos, situados sobre extraños continentes y mares. ¿Acaso habían encontrado el reducto de una civilización perdida? ¿Sería el humanoide un ser de otro planeta? ¡Imposible! Seguramente, en el momento más inesperado, aparecerían unos cámaras de televisión gritando: "¡Inocente!".

—Cuando traslademos el robot a la central podré averiguar más datos. Necesito tiempo para estudiar esta tecnología…Sin embargo, he logrado acceder a una carpeta de video.

Randi no daba crédito a lo que estaba escuchando. Seguramente, aquel sería el momento en el que se desvelaría que todo había sido una broma y le sería entregado un ramo de flores. Randi estaba furiosa, ya que había dejado abandonados sus otros proyectos de investigación durante una semana completa…Sin embargo, debía intentar tomarse la situación con humor. La ira no daba bien en cámara.

El informático utilizó los ojos del robot para proyectar una película holográfica que mostraba un planeta devastado por la contaminación y la sobreexplotación de sus recursos. Narraba cómo, para salvar a su raza de la extinción, millones de embriones habían sido enviados a un exoplaneta habitable situado a cuatro años luz utilizando una nave espacial propulsada por velas de fotones. Una vez llegada la nave a Exo1, el planeta que Randi y Ike habitaban, el robot humanoide se había encargado de germinar los embriones y criar los especímenes.

El final de la historia se detallaba en los frescos que adornaban las paredes de la cápsula: al averiarse el humanoide de manera irreparable, los nómadas espaciales habían erigido aquella construcción votiva en honor del único punto de unión con su cultura, su pasado y su planeta de origen. Aquel robot era el único padre que habían conocido.

Cuando Ike pulsó sobre uno de los iconos que aparecían en la pantalla holográfica, se desplegó un detallado mapa del ADN humano junto con las coordenadas que ubicaban la Tierra, su planeta de origen, en el cosmos… ¡La vida en Exo1 no había surgido según un milagroso proceso inexplicable! ¡La especie humana que lo habitaba provenía de otro lugar del universo!

Los teóricos de los alienígenas ancestrales siempre habían tenido razón.

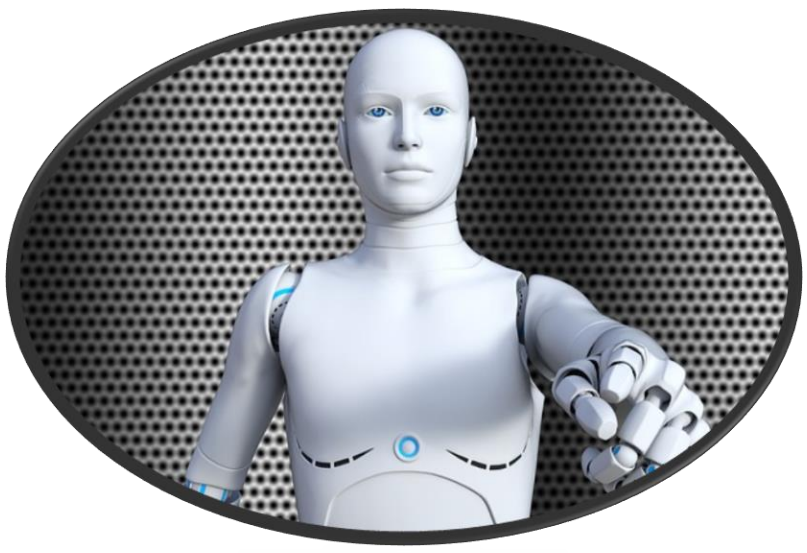


Imagen: TheDigitalArtist/Pixabay.

A VELHA AGNES

Dolo Espinosa

Todos na aldeia conheciam a velha Agnes e todos sabiam que ela era uma bruxa; e, como tal, todos a visitavam e a consultavam, dos mais velhos aos mais novos, dos mais ricos aos mais pobres.

Não era querida, para dizer a verdade. Nem mesmo respeitada. Mas era, pelo menos, tolerada e aceita, malgrado somente por lhes ser útil.

Então vieram os problemas, aqueles que chegam sempre a uma aldeia: a seca, os animais doentes, alguma morte inesperada. Uma série de infortúnios encadeados que levam imediatamente a gente a procurar um culpado.

Não tardaram em decidir que a culpada era Agnes.

Foi por isso que, numa manhã fria e enevoada, armados de forquilhas e tochas, arrasaram a desordenada cabana de Agnes e arrojaram à rua a pobre velha que, assustada e confusa, tentava proteger o seu esquálido corpo.

No meio do tumulto, havia apenas um lapso de tranquilidade: o gato de Agnes, sentado no parapeito da janela, a uma prudente distância, a tudo observando com a solenidade de um notário.

Agnes olhou para ele com olhos suplicantes.

O gato devolveu-lhe o olhar, mas sem perder a tranquilidade.

Por um segundo, sentiu-se tentado a salvá-la, mas isso significaria desnudar-se, algo que não lhe parecia deveras conveniente naquele momento e lugar.

Havia chegado o momento de encontrar outra humana.

Enquanto a multidão preparava a fogueira para Agnes, o gato preto perdia-se nas sombras da floresta.

Tradução de Paulo Soriano.

LA VIEJA AGNES

Dolo Spinoza

Todos en el pueblo conocían a la vieja Agnes y todos sabían que era bruja y, como tal bruja, era visitada y consultada por todos ellos, del más viejo al más joven, del más rico al más pobre.

No era querida, la verdad. Ni tampoco era respetada. Pero sí que era, al menos, consentida y aceptada, aunque sólo fuera porque les era de utilidad.

Entonces llegaron los problemas, esos que siempre llegan a un pueblo: sequía, animales enfermos, alguna muerte inesperada. Una serie de desdichas encadenadas que hicieron que, inmediatamente, la gente buscara culpables.

No tardaron en decidir que esa culpable era Agnes.

Por eso estaban allí esa mañana fría y neblinosa, armados de horcas y antorchas, arrasando la destartalada cabaña de Agnes y sacando a rastras a la pobre vieja que, asustada y confusa, intentaba proteger su escuálido cuerpo.

En medio del alboroto, sólo había un punto de quietud: el gato de Agnes que, sentado en el alféizar de la ventana, a prudente distancia, lo contemplaba todo con solemnidad de notario.

Agnes lo miró con ojos suplicantes.

El gato la miró a su vez sin perder su quietud.

Durante un segundo estuvo tentado de salvarla, pero eso hubiera implicado descubrirse, cosa que no le parecía demasiado conveniente en aquel momento y lugar.

Había llegado el momento de buscar otra humana.

Mientras la turba preparaba la hoguera para Agnes, el gato negro se perdió en las sombras del bosque.

Estive muito apaixonado uma vez,

eu não consegui viver menos

e não pude fazê-la viver mais.

AMOR DIVINO

Emilio Vilaró

— **O** Sr. é o Deus que estuda a história do nosso Universo?

Virei-me lentamente e um pouco surpreso. De uma pequena colina, contemplava um precioso vale com o seu ondulante rio. Estava tão concentrado que não tinha reparado em mais ninguém por ali.

Enquanto eu me virava, ela prosseguiu:

— Espero não o ter assustado! Sou a dona destes campos. Estava levando as vacas pelo outro lado da colina quando o vi.

Enquanto preparava a minha resposta, compreendi que eu me apaixonara por aquela mulher.

— Sim, o meu nome é Destosa. Espero não a estar incomodando.

— Claro que não. O senhor é bem-vindo. Mas eu não entendo o que o Sr. pode estudar sobre história neste lugar.

— Pensei em passar uns dias no campo. Neste preciso local, há muito tempo, iniciou-se a arte e a técnica da escrita. É um fato que me apaixona como historiador. A capacidade de escrever e de falar foi o que mais uniu e separou a humanidade. A comunicação entre as pessoas é a conquista mais importante da nossa civilização.

— É curioso que ninguém na aldeia tenha ouvido falar deste importante acontecimento por aqui ocorrido.

Ela riu maliciosamente. O meu argumento não estava no caminho certo, por isso... preferi mudar de assunto.

—Sabe de algum alojamento barato nas redondezas?

— Sim — repetiu, agora rindo descaradamente. — Sei da sua reputação, mas aqui estamos habituados a pagar pelos serviços prestados, já que não somos deuses.

Fiquei um tanto irritado.

— Estou habituado a pagar quando me pedem e quando não sou convidado. O meu salário de Deus, financiado pelo Governo do Reino-Universal, apesar de ser razoável, não me permite extravagâncias. E eu não vim aqui como Deus, mas como historiador.

— Comigo, o Sr. não terá dificuldades — disse ela, rindo do meu sufoco. — Por aqui, somente eu tenho uma estalagem, com dois quartos, um dos quais já está ocupado. Se estiver interessado, pode usar o outro em troca de cortar lenha durante duas horas por dia. Quatro, se quiser pensão completa.

— Fico com a pensão completa — respondi.

— Venha comigo, que eu lhe mostrarei o seu quarto, se quiser descansar. Não se preocupe com o seu vizinho; ele é um viajante, usa-o para guardar as suas amostras e não vem dormir todos os dias. O que é que o Sr. come?

— Como pouco, mas provo as coisas típicas dos lugares para onde viajo. Não serei um peso.

— Sou uma boa cozinheira e conheço alguns pratos típicos daqui e do lugar onde nasci.

* * *

Eu cortava lenha durante um par de horas de manhã e outro par de horas à tarde. Passava os dias sem querer esconder nada, nem dela nem dos vizinhos, que sorriam sempre que eu passava. Dediquei-me a ajudá-la, ou melhor, a acompanhá-la na sua vida quotidiana: ordenhar, alimentar as vacas e os animais do seu curral.

O que isto tem a ver com o meu trabalho sobre a história do Universo? Bem, para mim, enquanto estivesse com ela, muito.

No início, tentei impressioná-la, contando-lhe as minhas viagens interestelares, as revoluções das espirais verdes, as minhas escapadelas para o futuro, as visitas a impérios longínquos e as amizades com sábios geniais.

Ela me perguntava como havia dormido, o que queria fazer à tarde. Pedia-me para lhe apanhar flores de manhã. Falava-me dos seus pontos de vista sobre a aldeia vizinha e das notícias da região. E, se eu me tornasse demasiado impertinente, pedia-me um balde de água do poço, apontando-me o dedo (para me fazer ir embora).

Nunca me deixou agir ou vangloriar-me de ser um Deus, e, com os seus amigos, nunca se referiu a mim como um.

Somente uma vez ela quis saber alguma coisa sobre o meu trabalho. Perguntou-me se era verdade aquilo que ouvira: o nosso Universo havia nascido de uma Grande Explosão, de um "Big Bang", dito em outro idioma. Fui apanhado tão desprevenido, tão fora de jogo, que lhe disse, movendo e agitando dois dedos, que sim, mas que, para ser mais preciso, tinha sido bem mais como um "bang, bang, bang, bang, bang...", gerado pelo ato de amor dos pais deste Universo ao engendrá-lo. O nosso Universo, como todos sabemos, é um ser humano muito grande e em crescimento. E nós vivemos dos elétrons dos seus átomos. Ela não deve ter gostado da resposta, já que não falou comigo durante uma semana.

***

O que mais me aprazia era acompanhá-la até o prado alto (o local onde nos conhecemos), quando ela levava as suas três vacas pela manhã.

Bem, na verdade, duas, pois a mais velha permanecia no terreno mais abaixo. Quando nos afastávamos, ela berrava para que não a deixássemos sozinha; depois, seguia-nos até que a inclinação se tornasse excessiva às suas energias. Depois, começava a comer na parte mais plana da encosta. Continuamos a nossa subida até os campos superiores, onde a relva é mais fresca, mais alta e mais abundante.

Recusou-se a casar comigo, não precisava daquilo.

— No dia em que te cansares de mim, podes ir embora, mas te peço que não me faças de tola.

O mais surpreendente de nossa relação era a relação em si mesma; ela me queria não como aquilo que eu sou — um Deus —, mas como um ser humano qualquer. Durante muito tempo, deixei de apreciar os seres humanos como indivíduos; eu só me interessava por eles como coletivo (o que tinham conseguido com a sua união e organização era admirável). Por isso, mudei de mentalidade quando vi que, individualmente, como parte desse todo, nem mesmo eram maus. Também abdiquei do uso de meus poderes: por um lado, porque ela não se interessava por eles e, por outro, porque não me serviam de nada, nem impressionavam a ninguém.

A verdade é que eu estava tão apaixonado por ela, pelos pequenos e encantadores modos com os quais lidava comigo e com os outros, que compreendi que devia apequenar-me para pôr-me ao seu nível natural, para apreciá-la e sentir-me cômodo com ela e com os seus companheiros. Consegui.

* * *

Já tínhamos sete vacas e cinco novilhos. Quando necessário, um vizinho proporcionava-nos um touro.

***

Muita gente nos visitava. Alguns eram amigos seus ou vizinhos do povoado; outros

vinham adquirir os seus produtos: ovos, leite e um queijo muito forte, que ela mesma fazia, mas do qual eu não gostava. Ou chegavam curiosos, querendo ver como conviviam um historiador-deus e uma humana. Assim, quase sem querer, aprendi muito sobre o elemento humano individual, embora este jamais tenha sido o fundamento de meu estudo. Mas, a partir desta relação, sempre dele desfrutei.

Creio que o meu maior sucesso consistiu em que todas as pessoas do vilarejo deixaram de me ver como um deus. Pediam favores como o fariam a qualquer vizinho. Por vezes, eu me surpreendia com o fato de que eles pudessem supor que eu sabia consertar uma bomba d'água ou trocar a roda de um trator.

Mas eu tentava.

***

Um dia, ela me disse que iríamos a uma festa da aldeia. Durante um bom tempo, estivemos sentados em uma das mesas que alugáramos com um grupo de amigos para o evento. Nunca a tinha visto com tal mau-humor como naquela noite. Tudo se resolveu quando uma de suas amigas me sussurrou, dizendo-me que ela estava esperando (e todos os demais presentes) que eu a tirasse para dançar. Pedi a honra e obtive o que todos desejavam... o desastre. Como é possível dançar tão mal, quantos risos dela, do público e meus... Por deus (com letra minúscula), que desastre! Bem, no fim da festa eu bailava um pouco melhor, até dancei com uma de suas amigas, que me pediu a honra.

Que noite maravilhosa, como eu a amo, que caminhada deliciosa de regresso à sua pousada.

***

Ela nunca me disse nada quanto aos gastos domésticos. De vez em quando, eu me responsabilizava pela despesa de algum reparo custoso, ou pela compra de algum animal a ser incorporado ao nosso rebanho, já que isto se fazia necessário devido ao incremento das vendas. Tendo em vista que a maior parte no aumento de negócios devia-se à minha presença, os gastos ficavam, assim, equilibrados. É assim que eu sou! Um pouco atrevido. E sim... nós deuses também vamos ao banco, depositamos o que ganhamos e eles nos pagam alguns poucos juros.

****

Nosso rebanho já era de doze vacas e sete novilhos. Nunca tivemos filhos, ela jamais os quis. Não queria criar-me uma obrigação. Dizia que, se os tivéssemos, eu estaria preso àquele lugar por toda a minha vida e até depois de sua própria morte, já que, por não morrer, eu me sentiria obrigar a cuidar dos filhos, netos, bisnetos e tataranetos.

***

Um dia, fui visitar um amigo, um deus que se dedica a curar os doentes — sim, esse maravilhoso ser que tem uma imensa e infinita fila de pacientes que se forma diante de sua casa e que não tem fim. Quando me viu, convidou-me à sua breve refeição.

Ao final, não me atrevi, não ousei perguntar-lhe ou pedir-lhe se sabia, como médico, se havia alguma possibilidade de estender a vida dela, para prolongar a minha felicidade. Ou que as horas se passassem mais lentamente, que os dias se pudessem repetir. Que o Sol não se pusesse, ou nunca houvesse um amanhecer.

Ele devia saber o motivo de minha viagem, nada me disse, mas se despediu com um "desfruta do que tu tens; de toda a história deste nosso Universo, estes momentos são o que de melhor irás recordar". Despedi-me e lhe deixei

um par de queijos, embora não lhe tenha dito que deles eu não gostava.

Ao sair, contemplei a comprida fila que ansiosamente o esperava; depois, voltei-me para olhá-Lo.

Ele sorriu.

— O próximo! — disse ele.

***

Nossas vacas já eram um pequeno rebanho e continuávamos a subi-las, quase todos os dias, ao monte alto.

Um dia, ela me perguntou se eu me recordava do mais precioso momento de nosso relacionamento.

Eu garanti a ela (é claro) que, para mim, eram todos.

Disse-me que, para ela, fora o segundo dia, quando a acompanhei, pela primeira vez, no passeio com as vacas. Ela pusera a mão nas costas de uma delas; eu pus a minha ao lado da sua e a toquei, suavemente, com um dedo. Percebendo o toque, ela retirou a mão e a pôs sobre outra parte da vaca, mas eu já tinha para lá levado a minha (é uma vantagem para um deus saber de tudo), e, desta vez, ela não retirou a sua.

***

Eu conhecia alguns deuses que haviam compartilhado a sua vida com humanos, e mesmo deixado descendentes. Não quis visitá-los para aconselhar-me ou para ver como as coisas lhe tinham corrido. Achei que, como não poderia ser mais feliz do que já era, não precisava mais daquilo.

***

Ela me pediu que a levasse ao prado alto, onde nos conhecemos: queria morrer ali.

Construí uma espécie de alpendre para nos proteger um pouco do vento e do frio enquanto estivéssemos lá.

Muitas vacas nos acompanharam. Um dia, ao pôr do Sol, ela fechou os olhos e, assim, encerrou a fase mais feliz da minha vida.

Nunca pensei que partir daquela maneira pudesse ser tão belo. Finalmente compreendi o valor de todo o processo de nascer, viver e morrer.

Eu estive apaixonado uma vez.

Sim, ela conseguiu cativar-me,

mas não me foi possível

que ela me pudesse seguir.

Tradução de Paulo Soriano.

Estúve muy enamorádo úna vez,

yo no conseguí vivír ménos,

y no logré que élla viviése más.

AMÓR DIVÍNO

Emilio Vilaró

—¿Es ustéd el Diós que estúdia la história de nuéstro Univérso?

Me giré despácio y un póco sorprendído. Me encontrába observándo un precióso válle con su ondulánte río désde úna pequéña colína. Estába tan concentrádo que no había notádo que nádie estuviése por los alrededóres.

Miéntras me girába élla continuó.

—¡Espéro no habérle asustádo! Soy la duéña de éstos cámpos. Estába acompañándo a las vácas por el ótro ládo de la colína cuando le vi.

Miéntras preparába mi respuésta lo comprendí, me había enamorádo de ésa mujér.

—Sí, me llámo Dertósa, espéro no molestár.

—Por supuésto que no, es ustéd bienvenído. Si bién no entiéndo, ¿qué es lo que aquí ustéd puéde estudiár de la história?

—Pensába quedárme por éstos cámpos únos días. En éste precíso lugár, háce múcho tiémpo, se inició el árte y la técnica de la escritúra. Es un hécho que como historiadór me apasióna. Podér escribír y hablár, ha sído lo que más ha unído, y separádo a ésta humanidád. La comunicación éntre la génte es el lógro más importánte de nuéstra civilización.

—Ya, es curióso que nádie del puéblo se háya enterádo de éste hécho tan importánte ocurrído aquí.

Élla rió con malícia. Mi arguménto no íba por buén camíno, así es que… preferí cambiár de téma.

—¿No sabrá ustéd de algún hospedáje económico por los alrededóres?

—Ya, repitió ótra vez. —Ahóra riéndo descarádamente.

—Sé de su fáma, ahóra bién, aquí acostumbrámos a pagár por los servícios prestádos, no sómos dióses.

Me molesté un póco.

—Acostúmbro pagár siémpre que me lo píden y cuando no me han invitádo. Mi suéldo como Diós, costeádo por el Gobiérno del Réino·Universál, a pesár de estár bién, no da pára extravagáncias. Y no he venído aquí como Diós, síno como historiadór.

—Conmígo ustéd lo tendrá difícil, díjo riéndo al ver mi sofóco. Soy la única que tiéne úna fónda, con dos habitaciónes, úna ya está ocupáda. Si le interésa puéde usár la ótra a cámbio de cortár léña dos hóras cáda día. Cuátro si quiére pensión compléta.

—Tómo la pensión compléta, —díje.

—Acompáñeme, le enseñaré su habitación por si quiére descansár. No se preocúpe por su vecíno, es un viajánte, la úsa pára guardár sus muéstras y no viéne a dormír tódos los días. ¿Qué cóme ustéd?

—Como póco, péro pruébo las cósas típicas de los sítios por donde viájo. No le seré gravóso.

—Soy buéna cocinéra, conózco algúnos plátos típicos de aquí y del sítio donde nací.

* * *

Cortába léña un par de hóras por la mañána y ótras por la tárde. Pasába los días sin gánas de ocultar náda, ni a élla ni a los vecínos, éstos siémpre sonreían a mi páso. Me dediqué a ayudárla, más bién a acompañárla en su vída diária: ordeñár, alimentár a las vácas y a los animáles de su corrál.

¿Qué tiéne ésto que ver con mi trabájo sóbre la história del Univérso? Pués pára mí, miéntras estuviése con élla: múcho.

Al início traté de impresionárla contándole mis viájes interesteláres, las revoluciónes de las espiráles vérdes, mis escapádas al futúro, las visítas a impérios lejános y mi amistád con sábios geniáles.

Élla me preguntába cómo había dormído, qué quería hacér por la tárde. Pedía que le recogiéra flóres por la mañána. Me explicába sus visítas al puéblo vecíno y las novedádes de la comárca. Y si yo me ponía muy espéso, pedía, indicándome con el dédo (pára que me largára), un bálde de água del pózo.

Núnca dejó que actuára ni presumiéra de ser un Diós, y núnca se refería a mí con sus amígos como úno.

Sólo úna vez quíso sabér álgo sóbre mi trabájo. Me preguntó: si éra verdád éso que había escuchádo, que nuéstro Univérso había nacído con úna Gran Explosión, con un «Big Bang» dícho en ótro idióma. Me cogió tan desprevenído, tan fuéra de juégo, que le díje, moviéndo y agitándo dos de mis dédos, sí, péro pára ser precísos había sído más bién como un «bang, bang, bang, bang…», que había sído generádo por el ácto de amór de los pádres de éste Univérso al engendrárlo. Nuéstro Univérso, como tódos sabémos, es un humáno muy gránde y creciéndo. Y nosótros vivímos sóbre los electrónes de sus átomos No le debió gustár la respuésta, ya que no me habló duránte úna semána.

* * *

En lo que yo más disfrutába, éra acompañárla hásta el prádo álto (el lugár donde nos conocímos), cuando sacába a paseár a sus tres vácas por la mañána.

Buéno, en realidád con dos, la más viéja se quedába en el terréno de abájo. Al alejárnos de élla, bramába pára que no la dejásemos sóla, luégo nos seguía hásta cuando la pendiénte se hacía demasiádo fuérte pára sus energías. Entónces se ponía a comér por lo más lláno. Nosótros continuábamos la ascensión hásta los cámpos de arríba, donde la hiérba éra más frésca, álta y abundánte.

Rechazó casárse conmígo, no lo necesitába.

—El día que te cánses de mí, puédes írte, éso sí, te ruégo que no me engáñes.

Lo más sorprendénte de nuéstra relación éra la relación mísma, élla me quería, no como lo que soy, un Diós, síno como un ser humáno más. Yo, désde hacía tiémpo, había dejádo de apreciár a los humános como indivíduos, sólo me interesában como colectívo (lo que habían conseguído con su unión y organización éra admiráble. Así que, cambié de mentalidád al ver que individuálmente, como párte de ése tódo, tampóco están mal. También renuncié a usár mis podéres: únos, a élla no le interesában, y los ótros, porque no me servían de náda, ni a nádie impresionában.

La verdád éra que estába tan enamorádo de élla, de sus pequéñas y encantadóras manéras de comportárse conmígo y con los demás, que comprendí que debía empequeñecérme pára ponérme a su nivél naturál, apreciárla, sentírme cómodo con élla y sus amígos. Lo logré.

* * *

Ya teníamos siéte vácas y cínco ternéros. El tóro nos lo proporcionába un vecíno cuando éra necesário.

* * *

Múcha génte venía a visitárnos, algúnos éran amígos de élla, o vecínos del puéblo, ótros a comprár lo que producía: huévos, léche y un quéso muy fuérte que élla hacía péro que a mí no me gustába. O curiósos, que querían ver cómo se llevában un historiadór-diós, con úna humána. Así, cási sin querérlo, aprendí múcho

del eleménto individuál humáno, si bién núnca fué la báse de mi estudio. Péro a partír de ésta relación, siémpre lo disfruté.

Créo que mi mayór éxito fué, que tódos los del puéblo al póco tiémpo dejáron de mirárme como un diós. Me pedían favóres como se los pedirían a cualquiér vecíno. Algúna vez me sorprendía que pudiésen pensár que yo sabía cómo arreglár úna bómba de água, o cambiár la ruéda de un tractór.

Péro lo intentába.

* * *

Un día, élla me díjo que íbamos a las fiéstas del puéblo. Duránte bastánte tiémpo estuvímos sentádos en úna de las mésas que habíamos alquiládo con un grúpo de amígos pára el evénto. Núnca la había vísto de tal mal carácter como ésa nóche. Tódo se resolvió cuando úna de sus amígas me susurró, que estába esperándo (y tódo el résto de los preséntes), a que la sacára a bailár. Se lo pedí y logré, lo que tódos estában deseándo… el desástre. Cómo se puede bailár tan mal, qué rísas las de élla, las del público y las mías… ¡por diós! (en minúsculas), ¡qué desástre! Buéno, al finál de la fiésta lo hacía un póco mejór, hásta bailé con úna de sus amígas que me lo pidió.

Qué maravílla de veláda, cómo la quiéro, qué encánto de paséo de vuélta a su posáda.

* * *

Núnca me comentó sóbre los gástos de cása. De vez en cuando, yo me hacía cárgo de algúna reparación costósa, o de la cómpra de algún animál pára incorporár a los que teníamos, ya que con el increménto de véntas éra necesário. Considerándo que la mayoría de ése auménto del negócio éra grácias a mi preséncia, tódo lo de los gástos quedába bastánte equilibrádo. ¡Que soy así!, un póco caradúra. Y sí… los dióses también vámos al bánco, guardámos lo que ganámos y nos págan pócos interéses.

* * *

Nuéstro rebáño éra ya de dóce vácas y siéte ternéros. Núnca tuvímos híjos, élla núnca los quíso. No quería creárme úna obligación. Decía que si los teníamos, me atarían a éste lugár tóda mi vída y hásta después de su muérte, ya que al no morír, me sentiría obligádo a cuidár de híjos, niétos, bizniétos y tataraniétos.

* * *

Un día, fuí a visitár a un amígo, al diós que se dedíca a curár a los enférmos, sí, ése maravillóso ser, que tiéne úna inménsa e infiníta cóla de paciéntes que se fórma delánte de su cása y núnca acába. Al vérme me invitó a su bréve comída.

Al finál no me atreví, no osé preguntárle o pedírle, si sabía como médico, si ¿había algúna posibilidád de alargár la vída de élla?, pára prolongár mi felicidád. O que las hóras pasásen más léntamente, que los días se pudiésen repetír. Que el sol no se pusiése, o núnca hubiése un amanecér.

Él debía sabér el motívo de la visíta, no díjo náda, péro se despidió con un: disfrúta de lo que tiénes. De tóda la história de éste, nuéstro Univérso, éstos moméntos son los que mejór vas a recordár. Me despedí y le dejé un par de quésos, si bién no le díje, que no me gustában.

Al salír, miré la lárga fíla que ansiósamente le esperába, luégo, me giré pára mirárlo a Él.

Sonrió.

—El siguiénte, —díjo.

* * *

Nuéstras vácas ya éran cási úna pequéña manáda, seguíamos subiéndolas cási cáda día al mónte álto.

Un día, me preguntó si recordába el moménto más maravillóso de nuéstra relación.

Le aseguré (cláro), que pára mí, tódos.

Me díjo, que pára élla fué el segúndo día, cuando la acompañé por priméra vez a paseár las vácas. Había puésto su máno encíma de la espálda de úna de éllas, púse la mía a su ládo, tocándole suávemente un dédo. Al notárlo, retiró su máno, y la púso en ótro sítio de la váca, péro yo, ya había desplazádo allí la mía (ventájas de un diós al sabérlo tódo), ésta vez, no la movió.

* * *

Sabía de algúnos dióses que habían compartído vída con humános, hásta habían tenído descendéncia. No quíse ir a visitárlos pára pedír conséjo o pára ver cómo les había ído. Pensé que como ya no podía ser más felíz, no lo necesitába.

* * *

Me pidió que la subiése al prádo álto, donde nos conocímos, quería morír allá.

Construí úna espécie de cobertízo pára protegérnos un póco del viénto y del frío miéntras estuvímos allí.

Múchas vácas nos acompañában. Un día, al ponérse el sol, cerró sus ójos, y así terminó la etápa más felíz de mi vída.

Núnca pensé que írse de ésta manéra pudiése ser tan béllo. Al fin comprendí el valór que tiéne tódo el procéso de nacér, vivír y morír.

Estúve enamorádo úna vez.

Sí, élla logró retenérme,

péro yo no conseguí,

que me pudiése seguír.

Imagen: Kellpics/Pixabay.

ZELITO

Luiz Raimundo

Zelito era dessas pessoas que não perdiam um velório. Me lembra até um antigo vereador de Ponte Nova, que, certa feita, acompanhando um pequeno cortejo, reclamou que eles estavam errando o caminho do cemitério, quando lhe disseram que seguiam ainda para buscar o corpo.

Pois bem. Sexta-feira, cedinho, Zelito saiu de casa e ouviu o carro anunciando um velório. Já distante, ele não conseguiu ouvir o nome do *"de cujus"*, mas, para não perder tempo seguiu para a única capela velório da cidade, antes de ir para o trabalho.

Lá chegando, deparou com mais gente conhecida do que esperava. Foi se esgueirando entre eles para ver a cara do defunto, estranhando, entretanto, que ninguém o cumprimentava ou parecia se dar conta da sua presença. Ao chegar perto da urna mortuária, um susto tremendo. Olhou para si mesmo e para o féretro. Se beliscou no braço, na barriga, nas bochechas, para ter certeza de que não estava sonhando. Não estava. Mas corpo na urna, com um sorriso meio tristonho, coberto de flores até a cintura, era o seu. Ele estava presenciando o seu próprio velório.

Mas, para entendermos melhor esta história, temos que voltar um pouco no tempo. Zelito era um mestre carpinteiro, muito querido e estimado por todos, embora tivesse uma vida social muito discreta. Era de casa para o trabalho e vice-versa, de segunda a quinta-feira. Às sextas, se dava ao luxo de, ao sair do trabalho, passar no bar do Tonho e tomar uma cerveja e uma dose de pinga, e como tira-gosto um naco de linguiça passada no álcool em chamas.

Fora casado com Zefinha, mas havia ficado viúvo há uns três anos; ela morreu em decorrência de câncer no estômago. Nunca pensou em se juntar a outra mulher. Vivia sua vidinha simples e recatada.

Depois da morte de Zefinha, em cujo velório não compareceu mais uma meia dúzia de pessoas, o que o deixou ainda mais desolado, fez uma promessa a si mesmo, de ir a todos os velórios dos quais tomasse conhecimento, conhecesse ou não o morto ou seus familiares, pois sentiu na pele o quanto faz falta o apoio e o suporte de amigos nessa hora.

E assim passou a fazer desde aquela data.

Como dissemos antes, Zelito não tinha uma vida social, por isso, se relacionava com poucas pessoas: os seus colegas de trabalho, no ambiente de trabalho e o Seu Neco, que toda manhã lhe levava o leite e três vezes por semana verduras frescas. Seu Neco tinha a chave de entrada da casa, e, cedinho, quando chegava à cozinha, Zelito já estava preparando o café, esperando o leite, para fazer o seu desjejum.

Naquela quinta-feira, Seu Neco estranhou a ausência de Zelito na cozinha. Chamou por ele uma, duas, três vezes, sem obter resposta. Com a liberdade que tinha, dirigiu-se ao quarto do amigo, que estava deitado de bruços. Chamou por ele e não obtendo resposta, deu-lhe uma sacudidela, percebendo que ele se encontrava frio como gelo, virou o corpo e mirou-lhe nos olhos, já sem vida, e com um tom arroxeado em volta dos lábios. Infarto fulminante.

Nada mais restava ao Seu Neco senão tomar providências para as exéquias do amigo.

Aí voltamos ao velório.

Até aquele instante Zelito não tinha se dado conta, ou não quis acreditar, que havia morrido. Vendo o próprio corpo ficou sem saber o que fazer, começou entrar em pânico, quando de repente uma luz muito forte se forma à sua frente, abrindo um túnel todo iluminado, e alguns há metros adiante, vê sua amada Zefinha, com um sorriso lindo e os braços abertos esperando por um abraço. Titubeante naquela situação, começa a caminhar e Zefinha vem ao seu encontro, abraça-o ternamente, e seguem o caminho da Luz, que se fecha atrás deles.

Ninguém na sala percebeu nada.

ZELITO

Luiz Raimundo

Zelito era una de esas personas que nunca faltaban a un velatorio. Incluso me recuerda a un antiguo concejal de Ponte Nova que, siguiendo un pequeño cortejo fúnebre, se quejó de que iban por el camino equivocado al cementerio, cuando le dijeron que aún iban a recoger el cuerpo.

Pues bien. Un viernes por la mañana muy temprano, Zelito salió de casa y oyó un coche que anunciaba un velatorio. No pudo oír el nombre del difunto desde la distancia, pero, para no perder tiempo, acudió a la única capilla mortuoria del pueblo, antes de ir a trabajar.

Cuando llegó allí, se encontró con más conocidos de los que esperaba. Se deslizó entre ellos para ver el rostro del difunto. Le pareció extraño, sin embargo, que nadie le saludara ni pareciera darse cuenta de que estaba allí. Cuando se acercó a la urna funeraria, se sobresaltó. Miró el ataúd y se vio a si mismo. Se pellizcó el brazo, el vientre y las mejillas para asegurarse de que no estaba soñando. Y no lo estaba. Pero el cuerpo en la urna, con una sonrisa un tanto triste, cubierto de flores hasta la cintura, era el suyo. Estaba asistiendo a su propio velatorio.

Pero, para entender mejor esta historia, tenemos que retroceder un poco en el tiempo. Zelito era un maestro carpintero, muy querido y estimado por todos, aunque tenía una vida social muy discreta. Iba y volvía de casa al trabajo, de lunes a jueves. Los viernes, se permitía el lujo de parar en el bar de Tonho para tomar una cerveza y un sorbo de cachaza, y, como tentempié, un trozo de salchicha cocida en alcohol ardiente.

Había estado casado con Zefinha, pero había enviudado hacía unos tres años; ella murió a consecuencia de un cáncer de estómago. Nunca pensó en juntarse con otra mujer. Llevaba una vida sencilla y modesta.

Después de la muerte de Zefinha a cuyo velatorio no asistieron más de media docena de personas, lo que le dejó aún más desolado, se hizo la promesa de ir a todos los velatorios de los que tuviera noticia, conociera o no al difunto o a sus familiares, porque había sentido personalmente cuánto se necesita el apoyo de los amigos en esos momentos.

Y continuó haciéndolo desde entonces.

Como dijimos antes, Zelito no tenía vida social, así que sólo se trataba con unas pocas personas: sus compañeros de trabajo y el señor Neco, que le llevaba leche todas las mañanas y verdura fresca tres veces por semana. Neco tenía la llave de la casa, y cuando llegaba a la cocina por la mañana temprano, Zelito ya estaba preparando el café, esperando la leche para prepararse el desayuno.

Aquel jueves, a Neco le pareció extraña la ausencia de Zelito en la cocina. Lo llamó una, dos, tres veces, sin obtener respuesta. Con la libertad que tenía, se dirigió a la habitación de su amigo, donde estaba tumbado boca abajo. Le llamó y, al no obtener respuesta, le sacudió y, al darse cuenta de que él estaba frío como el hielo, le dio la vuelta al cuerpo y le miró a los ojos, ya sin vida, con un tinte violáceo alrededor de sus labios. Un infarto masivo.

A Neco sólo le quedaba organizar el funeral de su amigo.

Pero, ahora, volvamos al velatorio.

Hasta ese momento, Zelito no se había dado cuenta, o no había querido creer, que había muerto. Al ver su propio cuerpo, no sabía qué hacer; empezó a entrar en pánico, cuando, de repente, una luz muy fuerte se formó delante de él, abriendo un túnel iluminado, y a unos metros más adelante, vio a su amada Zefinha, con una hermosa sonrisa y los brazos abiertos, esperando un abrazo.

Mareado por la situación, Zelito comenzó a caminar y Zefinha salió a su encuentro, le abrazó tiernamente y siguieron el camino de luz, que se cerró tras ellos.

Nadie en la sala se dio cuenta de nada.

Traducción de Paulo Soriano.
Revisión de Ricardo Manzanaro.

MALDITO REFLEXO

Carlos Enrique Saldívar

Não tenho medo do ser que me observa do espelho. Pelo contrário, gosto dele. Mas ele me odeia, eu sei disto. Percebo-o pela maneira como me exibe aquelas facas.

Hoje, ele tentou ferir-me; os cortes no meu peito são dolorosos.

Da próxima vez, mirarei na jugular.

Tradução de Paulo Soriano.

Imagem/Imagen: Creatifankestein/Pxabay

MALDITO REFLEXO

Carlos Enrique Saldívar

No me da miedo el ser que me observa desde el espejo. Al contrario, me cae simpático. Pero él me odia, lo sé. Lo noto por la forma en que me muestra esos cuchillos.

Hoy intentó hacerme daño, los cortes en mi pecho son dolorosos.

La próxima vez apuntaré a la yugular.

COLABORADORES/COLABORADORAS

ÂNGELO BREA
(Santiago de Compostela/Galiza/Espanha – Santiago de Compostela/Galicia/España)

BELÉN FERNÁNDEZ CRESPO
(Aranjuez/Madri/Espanha – Aranjuez/Madrid/España)

CAMPO RICARDO BURGO LÓPEZ
(Bogotá/Colômbia – Bogotá/Colombia)

CARLOS ENRIQUE SALDÍVAR
(Lima/Peru – Lima/Perú)

DOLO SPINOZA
(As Palmas/Canárias/España —Las Palmas de Gran Canaria/Canarias/España)

EMILIO VILARÓ
(Barcelona/Catalunha/Espanha – Barcelona/Cataluña/Espanha – Barcelona/Catalunya/Espanya)

GAIZKA AZKARATE SAEZ
(Erandio/País Basco/Espanha – Erandio/País Vasco/España – Erandio/Euskal Herria/Espainia)

LUIZ RAIMUNDO
(Ponte Nova/Minas Gerais/Brasil – Puente Nueva/Minas Generales/Brasil)

MARCELO MEDONE
(Montevidéu/Uruguai – Montevedeo/Uruguay)

PAULO SORIANO
(Salvador/Bahia/Brasil – Salvador de Bahía/Bahía/Brasil)

RICARDO MANZANARO
(Bilbau/País Basco/Espanha – Bilbao/País Vasco/España – Bilbo/Euskal Herria/Espainia)

AUTORES E AUTORA CLÁSSICOS:
Autores y Autora Clásicos:

EDGAR ALAN PÖE
(EUA/USA)

AMBROSE BIERCE
(EUA/USA)

GUY DE MAUPASSANT
(França/Francia/ France)

HORACIO QUIROGA
(Uruguai/Uruguay)

CLEMENTE PALMA
(Peru/Perú)

ALPHONSUS DE GUIMARAENS
(Brasil)

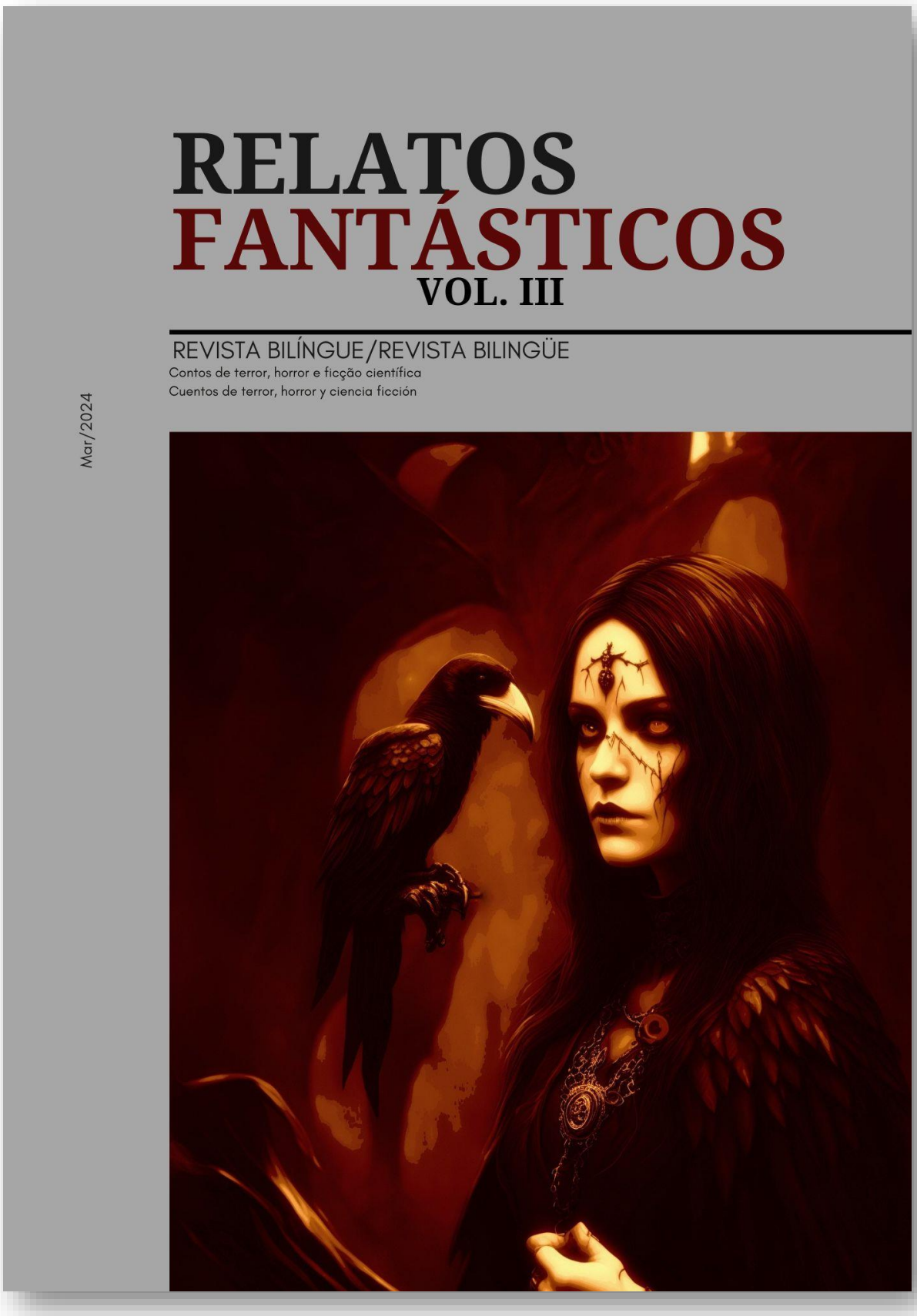
H. G. WELLS
(Inglaterra/England)

MICHEL VERNE
(França/Francia/France)

EMILY BRONTË
(Inglaterra/England)

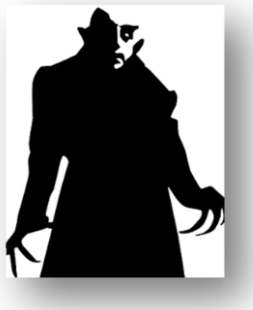
CARLOS DÍAZ DUFOÓ
(México)

Nascida da parceria entre os sítios "Contos de Terror" (Paulo Soriano) e "Noticias Ciencia-Ficción" (Ricardo Manzanaro), a revista **RELATOS FANTÁSTICOS** reúne contos de autores clássicos e de colaboradores modernos de diversas nacionalidades nas línguas portuguesa e espanhola.



Nacida de la asociación entre los sitios web "Contos de Terror" (Paulo Soriano) y "Noticias Ciencia-Ficción" (Ricardo Manzanaro), la revista **RELATOS FANTÁSTICOS** reúne relatos de autores clásicos y colaboradores modernos de varias nacionalidades en las lenguas portuguesa y española.

Salvador/BA/Brasil, março de 2024.



RELATOS FANTÁSTICOS é uma edição especial de Free Books Editora Virtual.

Redação e diagramação: Paulo Soriano.

Organização: Ricardo Manzanaro e Paulo Soriano.

Tradução: Ricardo Manzanaro, Marccelo Medone, Paulo Soriano e Ângelo Brea.

Revisão: Paulo Soriano, Ricardo Manzanaro e Emilio Vilaró.

Imagem da Capa: Hobin/Pixabay.

Imagens do Miolo: Png All, Gratispng, Pngwing, Arthur Rackam (1867 – 1939), Konstatin Korovin (1861 – 1939), Antoine Wiertz (1896 – 1865), Francisco de Zurbarán (1598 – 1664), Sabrinabelle/Pixabay, Sec. Saúde/TO, Rexandros/Pixabay, DrSjS/Pixabay, Kellpics/Pixabay,TheDigital Artist/Pixabay, Creatifrankenstein/Pixabay, Enrique Simonet (1866 – 1927), Laurie Lee Broom,Copilot.

Imagem da Silhueta: Gratispng.

Colaboradores: Ângelo Brea, Belén Fernández Crespo,Carlos Enrique Saldívar, Campo Ricardo Burgo López, Dolo Spinoza, Emilio Vilaró, Gaika Azkarete Saez, Luiz Raimundo, Marcelo Medone, Paulo Soriano, Ricardo Manzanaro.

Autores e Autora Clássicos: Edgar Allan Pöe, Ambrose Bierce, Guy de Maupassant, Horacio Quiroga, Clemente Palma, H. G. Wells, Michel Verne, Emily Brontë, Carlos